Medicina

(Num. 21: 6.)

Autour du tabernacle de la loi marche un peuple uni
Il fraie sa route par le glaive et la lance jusqu'au Jourdain de la liberté.
Mais pourquoi pâlissent ces multitudes de combattants? Pourquoi la bannière s'abaisse-t-elle?
Les serpents de la fièvre se glissent traitreusement dans les rangs de l'armée et la déciment.
Où est le salut? Le voici! Voyez le signe donné par l'Éternel,
Voyez briller le serpent d'airain autour de la verge du prophète!
Et tel s'avance Israël sauvé par le symbole qui le guérit,
Telles de fortes et saines générations marchent vers le but de l'humanité!

Philosophia

(Exod. 13: 21. Deut. 34.)

Avancez, sages et belles générations vers le but que le Seigneur vous a tracé!
Mais comment trouver le vrai chemin au milieu des mirages et de la nuit?
Voici, une colonne de feu indique la route, quand elle se voile d'obscurité:
C'est la lumière de la pensée qui éclaire le peuple à travers l'espace ténébreux.
Voyez, dans l'ardeur du jour une nuée nous devance;
Mais la nuée est tissée d'idéals, l'Esprit du Seigneur y habite.
Le voyant se tient sur le Nébo de la poésie, triomphant sur le sommet de la Montagne.
Salem, Salem se voit dans le lointain! En avant vers la patrie, en avant!

REAL CAPELLA DA UNIVERSIDADE

(Alguns apontamentos e notas para a sua história)

EXPLICAÇÃO PRÉVIA

O Presente opúsculo não foi escrito com pretensões literárias, nem tampouco houve o intuito de nelle se produzir um trabalho histórico definitivo. Nada disso.

No desempenho do seu cargo de director do archivo da Universidade, o obscuro autor destas linhas tem ali encontrado bastantes referências e documentos desconhecidos, relativos à real capella universitária. Encarregado por outro lado, ha seis annos, da direcção da mesma real capella, tem tomado conhecimento dos serviços, do pessoal e do material deste estabelecimento, e ao mesmo tempo tem recolhido interessantes tradições, prestes a perderem-se.

Lembrou-se por isso de colligir e publicar despretenciosamente os apontamentos e notas, que sôbre o assunto possuía; elementos que aqui ficam reünidos à disposição de quem mais tarde os queira aproveitar, para com elles, e com outros, porventura mais interessantes, que venham aumentar o pecúlio, traçar então a história da real capella da Universidade.

DR. ANTÓNIO DE VASCONCÉLLOZ

I

A CAPELLA REAL DE S. MIGUEL EM COÍMBRA

REMONTA aos inícios da nacionalidade portuguêsa a fundação da capella real de S. Miguel nos paços da Alcáçova em Coímbra. Assentando nesta cidade a sua residéncia habitual, el-rei D. Affonso Henríquez erigiu no seu próprio palácio uma capella, onde quotidianamente se celebrasse o Sacrifício eucharístico, e se recitassem privadamente as horas canónicas, para satisfação da piedade de el-rei e da régia família.

Não me preocupo neste momento com a questão das remotas origens das capellas reais dos monarchas christãos da península hispánica; nem, folheando as collecções dos concílios, irei agora procurar nas memórias do suppôsto concílio de Lugo (1 janeiro 569) referéncia à capella do rei Theodomiro, erecta no mosteiro de Dume, junto dos muros de Braga, e tendo por primeiro capellão-mór o bispo S. Martinho, a quem sería dada jurisdição ordinária sôbre o rei suevo e sua côrte, nas palavras: — *Ad sedem Dumiensem familia regia* [1]. Muito se tem dito e escrito a este respeito; mas passo a deante, por ser alheio ao meu plano demonstrar aqui a nenhuma autoridade das actas attribuídas a esse imaginário concílio.

---

[1] Loaïsa, *Collect. Concilior. Hispan.*; — Harduin, *Acta Concilior.*, t. 3; etc.

No que porém não ha dúvida é na existéncia permanente da capella real nos paços dos nossos monarchas, logo desde o reinado de D. Affonso Henríquez.

Residindo em Guimarães, ali erigíra o primeiro monarcha português a insigne collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, onde satisfazia os seus deveres de piedade, como sendo pròpriamente a sua capella real. Transferindo depois para Coímbra a séde da côrte, fôra o mosteiro de Santa Cruz, por elle ennobrecido e grandiosamente acrescentado, que teve a honra de lhe servir de capella, onde elegeu por seu confessor e particular conselheiro o primeiro prior deste convento, S. Theotónio [1].

Mas em breve dentro do seu próprio palácio, que se erguia no alto da collina onde, cercada por forte cintura de muralhas, assentava a cidade do Mondêgo, erigiu uma capella privativa, que dedicou ao archanjo S. Miguel [2].

*

Grande era a devoção que o fundador da monarchia portuguêsa tributava ao archangélico príncipe da milícia celeste, em cuja protecção muito confiava.

Edificando a igreja do mosteiro de Santa Cruz de Coímbra, a elle fez consagrar a primeira das capellas laterais da nave da Epístula; em sua honra também erigiu capellas na igreja da Alcáçova de Santarém, e em Santa Maria d'Alcobaça; fundou finalmente a notavel ordem militar de S. Miguel da

---

[1] Cardoso, *Agiolog. Lusit.*, t. 1, p. 399; — D. Nicolau de S.ta Maria, *Chron. dos Conegos Regr.*, t. 2, pp. 17 e seg.; — Fr. Leão de S.to Thomas, *Benedictina Lusit.*, t. 2, p. 160; — Caetano de Sousa, *Hist. Genealog. da Casa Real Portug.*, t. 1, p. 56; — Gaspar Estaço, *Varias Antiguidades de Portug.*, c. 25, n. 6, p. 103; — Serra Crasbeck, *Catalogo dos Religiosissimos DD. Abbades de S.ta Maria de Guimarães* etc., p. 16, in *Collecçam dos Documentos e Memorias da Academia Real da Historia Portuguesa, 1726;* — João Bautista de Castro, *Mappa de Portugal antigo e moderno*, t. 3, pp. 164 e seg.

[2] Cardoso, op. cit., t. 3, p. 126; — Castro, op. cit., t. 2, p. 259.

Ala, que em breve desappareceu, e cuja memória escassa ficou envolvida em denso nevoeiro de lendas [1].

Desde então os nossos reis e o povo português ficaram considerando o archanjo S. Miguel como o espírito tutelar, que vigia, protege e defende esta nação. Foi por isso que el-rei D. João II, mandando pintar a imagem do archanjo em um altar da igreja de S. Francisco em Evora, lhe fez ornar o braço com um escudo, no qual se devisávam as Quinas portuguêsas; a elle, e não a outro espírito celeste, teve em vista el-rei D. Manuel, quando impetrou do papa Leão X a festa do *Anjo Custódio do Reino*, que no terceiro domingo de julho se celebrava solemnemente em todo o Portugal com espléndidas procissões, nas quais eram obrigadas a tomar parte todas as classes de cidadãos [2]; a esta devoção obedeceu D. João III, quando pediu e obteve concessão do papa Hadriano VI para na capella real dos seus paços se poder recitar o offício votivo de S. Miguel, em todas as terças feiras não impedidas do anno. No mosteiro da Batalha todos os dias, desde o tempo de D. Manuel, e por ordem deste, se cantava uma antíphona e oração em honra de S. Miguel, como Anjo Custódio do reino [3].

---

[1] Cardoso, ibid.; — Castro, ibid.; — Fr. Antonio Brandão, *Monarch. Lusit.*, part. 3, l. 10, c. 23, e l. 11, c. 21; — Fr. Francisco Brandão, *Monarch. Lusit.*, part. 5, l. 17, c. 48; — Duarte Nunez do Leão, *Chron. del Rei D. Affonso Henriques*, fl. 39; — Caetano de Sousa, loc. cit.

[2] C. R. de 6 de junho de 1504; — *Ordenações Manuelinas*, l. 1, tit. 78; — Cardoso, ibid.

[3] Cardoso, loc. cit.; — Fr. Luis de Sousa. *Hist. de S. Domingos*, t. 1, l. 6, c. 35.

No hymno, que antigamente se cantava a vésperas na festa do Anjo Custódio em algumas igrejas, havia uma estrophe, que indicava claramente ser considerado este espírito um dos príncipes da milícia celeste ou archanjos, e não um simplez anjo. Dizia assim:

Te laudamus venerantes
Omnes caeli Principes,
Sed praecipue Custodem
Hujus regni et populi,
Qui, te jubente, a malis
Nos tuetur omnibus.

*

Durante os primeiros reinados conservou-se em Coímbra a séde habitual da côrte, e na capella real de S. Miguel manteve-se regularmente o culto.

Era nella que os nossos reis, e as pessôas de suas famílias, satisfaziam os seus deveres religiosos; a ella iam mui freqüentemente implorar do ceo a protecção e auxílio para as suas emprêsas e commettimentos béllicos.

Quantas horas longas, em tempos successivos, não passariam nesta capella em ferventes preces a caridosíssima D. Mafalda de Mauriana, a fecundíssima D. Aldonça de Aragão, e a formosíssima D. Urraca de Castella, enquanto seus respectivos maridos D. Affonso Henríquez, D. Sancho I, e D. Affonso II talavam as terras dos mouros em perigosas escaramuças, ou lhes assaltavam os castellos em sangrentos ataques e perigosas escaladas!

Quantas vezes aqui mesmo, ajoelhada ao lado de seu enamorado esposo el-rei D. Sancho II, não assistiria aos actos religiosos, celebrados pelo seu capellão D. Silvestre[1], a seductora D. Mécia López de Haro, que tam pèrfidamente havia de abandonar mais tarde o desgraçado rei, deixando-o morrer só e desamparado nas amarguras do exílio!

Quantas torturas não soffreria neste santuário D. Brítez de Guzman, considerando a irregularidade da sua situação, enquanto vivia a primeira mulher de seu esposo, a consciéncia a accusar-lhe a irregularidade peccaminosa das suas relações maritais, fulminadas pelas censuras pontifícias e mal vistas do povo, o coração de mãe a confranger-se em face da nódoa da illegitimidade que acompanhava seus filhos, a crença cathólica a apavorá-la com a lembrança do tremendo *dies irae* e das severas contas que teria de dar perante o tribunal divino! E mais tarde, fazendo passar pela mente essas atribulações dos tempos pretéritos, revalidados e santificados os laços matrimoniais, que a ligavam affectuosamente ao grande rei Affonso III, quantos perdões não pediria a Deus para as faltas

---

[1] *Monarchia Lusit.*, part. 5, escrit. 38.

passadas, quantas bênçãos não imploraria para seus filhos, assistindo aqui aos actos religiosos officiados pelo seu capellão, o virtuoso agostiniano Domingos Martinz![1]

Depois destas raínhas, como não sería esta capella freqüentada pela austera, adoravel, virtuosíssima e muito popular esposa de D. Dinís, a raínha Santa Isabel, que nella recebia a sagrada communhão das mãos do seu capellão Mestre Gonçalo[2], e assiduamente aquí viria supplicar graças e agradecer favores, cobrar alentos e desabafar máguas, solicitar caritativamente perdões divinos e formar devotamente propósitos santos, pondo toda *feuza em nosso Senhor Jesu Christo, & na Virgem Santa Maria sa Madre, & na Corte Celestial*[3], particularmente no príncipe da milícia angélica, em cuja honra se erguêra este santuário!

Que variedade de impressionantes recordações que nos traz à imaginação esta antiga e nobre capella real de S. Miguel do paço dos nossos primeiros reis!

*

Quando el-rei D. Dinís principiou a fazer mais permanente residéncia em Lisbôa, erigiu no seu palácio do Alcáçar ou do Castello daquella cidade uma nova capella real, que também dedicou a S. Miguel, à semelhança da que existia no paço de Coímbra; e a 10 de janeiro de 1299 ordenou que nella quotidianamente se recitassem as horas canónicas e se celebrasse missa, aínda que os reis estivessem ausentes.

Não se trata de uma trasladação da capella real de Coímbra para Lisbôa, mas da instituïção de uma nova capella, em tudo egual à de Coímbra; assim como, semelhantemente, mandou que a capella real existente nos paços do Alcáçar de Santarém, também dedicada a S. Miguel, tivesse de futuro

---

[1] Torre do Tombo. *Chancellaria de D. Affonso III*, l. 1, fl. 140.

[2] Doc. do Cartório de S.ta Clara de Coímbra, datado de 21 nov. era 1328 (an. 1290), existente na Biblioth. Nacional de Lisbôa.

[3] Declaração feita pela raínha S.ta Isabel a 8 de jan. era 1363 (an. 1325), logo depois da morte de D. Dinís, in *Monarch. Lusit.*, part. 6, l. 19, c. 43.

capellão permanente, que quotidianamente lá dissesse missa e rezasse o offício divino [1].

*

A capella real de S. Miguel da Alcáçova de Coímbra continuou a subsistir, não sòmente durante o reinado de D. Dinís, mas aínda nos dos seguintes monarchas.

Aqui deve ter por muitas vezes invocado o auxílio celeste, para o bom resultado da emprêsa, em que andava empenhado, o mestre d'Avis D. João, quando, depois de ter feito na qualidade de regedor, defensor e governador do Reino a sua entrada solemne em Coímbra, na sexta feira 3 de março de 1385, se hospedou nos paços da Alcáçova, onde aguardou, preparou e acompanhou, com os seus dois grandes amigos Dr. João das Regras e Nunálvarez Pereira, a reunião das côrtes, que nos mesmos paços se celebraram, e onde no *seguinte mes dabril feria quinta, dez dias andados del... os onrados Prelados, Arcebispo, e Bispos, fidalgos, e ricos homens, e Cavalheiros, e outros Senhores, Concelhos, e homens bons dos Reynos de Portugal, e do Algarve dentro na Alcaceva dos Reys de Portugal alçarão por Rey de Portugal ao mui nobre Dom João Mestre Daviz, regedor e defensor dos sobreditos Reynos filho do muy nobre Rey D. Pedro, e netto do muy nobre, e de memoria santa Dom Affonso quarto dos Affonsos Reys de Portugal, e do Algarve aos quais Deos perdoe Amen. A missa dissea Dom Lourenço Bispo de Lamego, amigo, e servo de Deos gratias Amen* [2].

*

Esta capella aínda existia nas mesmas condições em tempos de el-rei D. Affonso V, quando em maio de 1446 este monarcha, tendo apenas 14 annos de idade, vesitou a cidade do

---

[1] *Monarchia Lusit.*, part. 5, l. 17, c. 28.

[2] *Chronicon Conimbricense*, apud CAETANO DE SOUSA, *Provas da Hist. Genealog.*, t. 1, p. 388.

Mondêgo, onde se demorou cêrca de um mês em companhia de sua noiva a infanta D. Isabel e de seu sôgro o regente D. Pedro, duque de Coímbra, que a esse tempo aqui mantinha, à custa das suas próprias rendas e de alguns bens ecclesiásticos, um Estudo geral ou Universidade, cuja vida foi ephémera, por elle fundado em nome de el-rei por carta de 31 de outubro de 1443, e do qual era protector [1]. Durante a sua residéncia em Coímbra, era na capella real de S. Miguel, sita junto aos paços, que D. Affonso v cumpria habitualmente os seus deveres religiosos.

Um pouco mais tarde vê-se forçado o ex-regente a retirar-se da côrte, e a emigrar para Coímbra, recolhendo-se à sua residéncia ducal dos paços da Alcáçova, *ao eremitério da sua família, dos seus livros* [2]. Aqui deve elle ter cultivado e deixado expandir a sua grande devoção ao archanjo S. Miguel, que elegêra por seu especial patrono, adoptando como devisa as suas balanças, e a quem fez dedicar o altar erguido em face da sua própria sepultura, no qual depois da morte se lhe haviam de celebrar missas quotidianas por alma.

Desenrola-se depois essa tristíssima tragédia, que foi ter o desenlace, a 20 de maio de 1449, na várzea de Alfarrobeira; e, enquanto ella se desenrolava, quantas consolações não viria aqui, a este santuário, procurar para suas amarguras o infante D. Pedro, ao ver de todos os lados as fatalidades do destino, as desgraças preparadas pela perversidade dos homens, a desencadearem-se contra si, e o abysmo inevitavel, horrendo, aberto a seus pes, para o qual uma fôrça irresistivel, superior à sua vontade, o arrastava inglòriamente!

Chegada a Coímbra a notícia da horrivel catástrophe de Alfarrobeira, D. Isabel, a duquêsa viuva, vê-se forçada a abandonar o paço e a fugir de Coímbra; mas antes não deixaria de em uma última vesita entrar na sua capella, rodeada dos filhos, a encommendar a alma de seu defuncto marido e as vidas dos filhos queridos à protecção do archanjo tutelar.

---

[1] Cf. D. Nicolau de S. Maria, *Chron. da Ordem dos Conegos Regrantes*, l. 9, c. 26, t. 2, p. 257; — Oliveira Martins, *Os Filhos de D. João I*, p. 308.

[2] Oliveira Martins, *Os Filhos de D. João I*, p. 309.

A família do duque de Coímbra emigrou, continuando no exílio a libar o cáliz da adversidade, que teve de esgotar até às fezes; os criados e familiares dispersáram-se, e o paço ficou por algum tempo abandonado. Então, pela primeira vez, cessaram os actos do culto na capella real de S. Miguel da Alcáçova de Coímbra, deixando de haver capellão que ali sacrificasse quotidianamente, recitasse as horas do offício divino, e *orase pollo estado do Rey rreinãte e pollos outros seus antecesores* [1].

*

Decorridos seis annos, durante os quais se conservou suspenso o culto ordinário nesta real capella, D. Affonso V faz expedir em data de 25 de abril de 1455 um alvará, no qual ordena que *ẽ a capela de sã mjgel que esta ẽ os nossos paaços dalcaçoua da dicta cidade (de cojnbra)*, se restabeleça *daqui ẽ diante* o culto na fórma antiga, nomeando capellão, com as obrigações e mantimentos que tiveram seus antecessores, a Pero de Semide, *saçerdote pobre ẽ que esta esmola bem cabe* [2].

---

[1] Alvarás de D. Affonso V, referidos nas notas seguintes.

[2] Por serem inéditos e desconhecidos, transcrevemos na íntegra o texto deste documento, e dos que vam em as seguintes notas.

«Dom Affomso etc. A uos Joam lujs noso almoxarife ẽ cojnbra e a uos Joam daujs noso almoxarife das nosas jugadas da dicta cidade e aos scpriuaes desses ofiçios e a outros quaees quer que hi despos uos vierẽ por nosos almoxarifes e Recebedores e scpriuaes Saude sabede que nos fomos certo que per os Rex nossos anteçesores foy hordenado que ẽ a capela de sã mjgel que esta ẽ os nossos paaços dalcaçoua da dicta cidade ouuese hũu capelã que neela ẽ cada hũu dia disese misa e orase pollo estado do Rey rreinãte e pollos outros seus antecesores ao quall hordenarõ pera seu mãtimento ẽ cada hũu año hũu moyo de trigo e pera cõduyto e vistido e çera dous mjl e trezentos rrs brãcos e ora nos foy dicto que despois da morte do Jfante dom pedro nõ ouue o dicto capelam e porque nosso desejo e vontade he que o serujço de deus senpre per nos

Por outros diplomas deste reinado e dos subseqüentes, sabemos que a capella real de S. Miguel se manteve com o seu capellão permanente, apparecendo-nos em alvará de 5 de maio de 1462 nomeado João Álvarez, *creligo de myssa*, para preencher a vaga de Pero de Semide, que fôra tomar conta de uma sua igreja[1]. Mais tarde o capellão João Álvarez re-

---

seja acreçentado e nõ nȳguado praz nos que daqui ẽ diante aja hi o dicto capelom e esguardãdo como pero de simide he saçerdote pobre ẽ que esta esmola bem cabe e tal pesoa que bem seruira a dicta capelanja Auemos por bem que elle a sirua daqui ẽ diante E aja o dicto mãtimento suso declarado segumdo senpre ouuerom os outros capelaes que ante elle na dicta capeela forom e porem uos mãdamos que dos dinheiros e pam que das rrendas e direitos do dicto almoxarifado E das dictas Jugadas Recebeestes ou Receberdes des primeiro dia de janeiro que ora foy desta presente era de iiij^{c} L b ẽ diante dees e pagees em cada hũu año ao dicto pero de simide o dicto moio de trigo e dous mjl e trezentos rrs Os quaees dinheiros lhe uos dicto almoxarife ou quẽ o dicto carrego teuer pagarees aos quartees e uos dicto Joam daujs ou quẽ o dicto uosso carrego teuer o dicto moyo de trigo em fim do mes dagosto em cada hũu año sem majs esperardes o asentamento nẽ auerdes pera ello outras nossas sobre cartas porque queremos que se nõ entenda ẽ esta esmola porque he cousa que nõ pode faleçer a quall paga lhe fazee aos tempos e per a guisa que dicto he sem sobrelo poerdes nẽhũu enbargo E uos dictos almoxarifes cada hũu per sy fazee rregistar esta nossa carta aos scpriuaes de uossos oficios em seus liuros e façõ neele declaraçõ como lhe a dicta paga fazees e per o dicto trelado e conhecimento do dicto pero de simjde que ẽ cada hũu año cobrees mãdamos aos nossos cõtadores que uolos rrecebã ẽ despesa E o dicto pero de simjde tenha esta carta pera sua guarda dada ẽ lixboa xxb dias dabril gonçalo cardoso a fez Ano de nosso Senhor Jhesu christo de mjl iiij^{c} L b.». — (Torre do Tombo. *Chancellaria de D. Affonso V*, l. 15, fl. 141).

[1] «Dom afomso etc A vos João luys nosso almoxarife em cojnbra e a uos João daujs almoxarife das nossas jugadas da dicta çidade E aos espriuaees desses offiçios e a outros quaeesquer que despois de uos hy vierem per nossos almoxarifes ou rreçebedores E escripuaees Saude sabeede que nos fomos çerto per os rrex nossos an-

signa a capellania *por ser ocupado ẽ serujr hũa egreia que oora nouamente ouuera,* e para lhe succeder é logo nomeado

---

teçesores foy hordenado que em capella de samyguell que estaa em os nossos paços dalcaçoua da dicta cidade ouuesse hũu capellam que nella em cada hũu dia disesse myssa e orasse pello estado do rrey rregante e pellos outros sseus anteçesores e hordenarom pera sseu mantimento em cada hũ ano hũ moyo de triguo e pera conduyto e vistido e çera dous mjll e dozemtos rrs brancos E porque nos foy dicto que despois da morte do Jfaante dom pedro meu tio que deus aja atee sete años nõ ouue em ella capellam hordenamos Entam por seruiço de deus que o ouuesse dehy em dyamte e foy dada per nos a pero de ssemyde creligo saçardote por sseer pessoa que bem seruiria a dicta capelanya a quall atee ora teue E nos dysse que nom pudya mais ter carreguo da dicta capella porquamto sse queria hyr pera hũa ssua Jgreia pidyndonos que a dessemos a quem nossa merçe fosse E esguardando nos de Joham aluarez creligo de myssa que a seruiria bem a dicta capella E a seruiço de deus segundo teemos hordenado Avemos por bem que elle a sirua daquy endyamte e aja o dicto mantymento em cada hũu ano açima declarado segundo ssenpre ouuerom os outros capellaees e o dicto pero de semyde que atee ora asy teuerom a dicta capella O quall anno em que asy ha de começar a cantar a dicta capellanya E auer o dicto mantimento sera de Janeiro a Janeiro da feitura desta em dyamte E porem vos mandamos que dos dinheiros e pam que das rremdas e direitos do dicto almoxarifado e das dictas jugadas rreçebestes ou rreçeberdes des primeiro dia de Janeiro que ora foy desta pressente era de iiij^{c} lxij endyamte dees e paguees asy em cada hũu ano como dicto he ao dicto Joham aluerez o dicto moyo de triguo e dous mjll e trezẽtos rrs brancos os quaees dinheiros lhe vos dicto almoxarife ou quem o dicto uosso carguo teuer pagares aos aos quartees do ano e vos Joham dauis ou quem o dicto uosso carguo teuer o dicto moyo de triguo em fim do mes dagosto de cada hũu año ssem mais esperardes o asentamento nẽ auerdes pera ello outras nossas sobre cartas e posto que vos mamdado tenhamos que nõ paguees nehũu dinheiro a nẽhuas pessoas per cartas jeeraees sem outras nossas sobre cartas porque queremos que sse nõ entẽda em esta esmolla porque he coussa que nom pode falleçer a quall pagua lhe fazee ao tenpo e

capellão da capella real, a 17 de agosto de 1469, o sacerdote de Coímbra Luís Gonçálvez [1].

---

pella guissa que dicto he ssem sobre ello poerdes nem hũu enbarguo e vos dictos almoxariffes cada hũu per sy fazee rregystar esta nossa carta aos escripuaees de uossos oficios em sseus liuros e façom nella declaraçom com lhe a dicta pagua fazees e per o dicto trellado e conhecimento do dicto Joham aluarez que em cada hũu ano cobrares mãdamos aos nossos comtadores que vollos rreçebam em despesa E o dicto Joham aluarez tenhaa esta carta pera ssua guarda dada em starem b dias de mayo pero dalcaçoua a fez ano de nosso senhor Jhesu Christo de mjll e iiij^{c} lxij». — (Torre do Tombo. *Chancellaria de D. Affonso V*, l. 1, fl. 34).

[1] «Dom Affomso per graça de deus Rey de purtugal e do algarue e senhor de cepta e dalcacer ẽ affrica a uos pero lopez nosso almoxarife ẽ a cidade de cojnbra e ao almoxarife das nossas jugadas ẽ ella E aos scpriuaes desses ooficios E a outros quaesquer que depois de uos uijerẽ por nossos almoxarifes ou rrecebedores e escpriuães Saude sabede que nos fomos certo per os rrex nossos antecessores foy ordenado que ẽ a capella de ssã mjguel que estaa ẽ os paaços dalcaçoua da dicta cidade houuesse hũ capellã que nella ẽ cada hũu dia dissesse missa E orasse pollo estado do rrey rregnãte e pellos outros sseus antecessores E ordenarã pera sseu mãtimento ẽ cada hũu ano hũu moyo de trigo e pera cũduto e ujstido eçera dous mjll e iij^{c} rrs brancos E porque nos foy dicto que depois da morte do Jfante dom pedro meu tyo que deus aja atee ssete anos nõ ouuera ẽ ella capellã ordenamos ẽtam por serujço de deus que o ouuesse dhy ẽ diamte E foy dada per nos a hũu pero de ssemjde clerigo de missa por ser pessoa que bem serujria a dita capellanja E depois por nõ poder serujr nos a demos a hũu Johã aluarez clerigo o qual nos oora ẽujou dizer que por elle ser ocupado ẽ serujr hũa egreia que oora nouamente ouuera fora da dicta cidade nõ podia serujr nẽ cãtar a dicta capella segundo lhe per nos era mãdado e obrigado era E nolla ẽujou arrenũciar que a dessemos a quẽ nossa merçe fosse fosse mostrou per hũu estormento de rrenũciação que dello fez o qual parecia ser fecto per Johã gonçallues tabelliam ẽ a dita cidade aos xxbij dias do mes de julho da era presente pedindo nos por merçee lujs gonçallves clerigo de missa morador ẽ a dita cidade que lhe fezessemos merçee da dita capella E ucedo

A 31 de outubro de 1516 servia esta capellania o padre Álvaro Martinz, na qual aínda se encontrava provido a 29 de novembro de 1527, sendo por alvarás destas duas datas aumentados os seus vencimentos, por terem também aumentado os encargos da capella [1].

---

o que nos asy rrequeria E queremdo lhe fazer merçee teemos por bem e o damos por capellã della E queremos que a sirua daquj ẽ diante como cõpre a serujço de deus e nosso e aja o dito mãtimento ẽ cada hũu ano segundo ẽ cima he declarado E o aujã o dito Joham aluarez e os outros capellães que ante elle forã Porem uos mãdamos que dos dinheiros e pam que das rrẽdas e direitos do dito almoxarifado e das ditas jugadas rrecebestes ou rreceberdes des primeiro dia de janeiro que ora foy desta presente era de iiij^{c} lxix ẽ diante dees e pagues asy ẽ cada hũu ano como dito he ao dito lujs gonçallves o dito moyo de trigo E dous mjll e iij^{c} rrs brãcos os quaes dinheiros lhe vos dito almoxarife ou quẽ o dito uosso carego teuer pagarees aos cartes do ano E uos dito almoxarife das jugadas ou quẽ o dito carrego teuer o dito moy de trigo ẽ fim do mes dagosto de cada hũu ano ssẽ mais esperardes o assẽtamento nẽ auerdes pera ello outras nossas ssobre cartas E posto que uos mãdado tenhamos que nõ pagues nẽhũus dinheiros a nẽhũuas pessoas per cartas geeraes ssẽ outras nosas ssobre cartas queremos que sse nõ ẽtenda ẽ esta esmolla porque he cousa que nõ pode faleçer a qual paga lhe fazee ao tempo e pella gujsa que dito he ssẽ ssobre ello poerdes nehũu ẽbargo e nos ditos almoxarifes cada hũu per sy fazee rresistar esta nossa carta aos escpriuaes de uossos ofiçios ẽ seus liuros E façã ẽ ella declaraçõ como lhe a dita paga ffazes e per o dito trelado e conhecimento do dito lujs gonçallves que ẽ cada hũu ano cobrares mãdamos aos nossos cõtadores que uollo rrecebã ẽ despesa E o dito lujs gonçallves tenha esta carta por ssua garda dada na nossa cidade de lixboa xbij dias dagosto lopo fernandez a fez ano de nosso senhor Jhesu christo do mjll e iiij^{c} lxix anos». — (Torre do Tombo. *Chancellaria de D. Affonso V*, l. 31, fl. 89).

[1] «Dom Joam etc a quantos esta minha carta virẽ faço saber que por parte dalluaro martjnz morador ẽ esta cidade de cojmbra foj apresentado hũ aluara esprito em prugamjnho de que ho theor tall he:

«Nos ell Rej fazemos saber a vos noso contador allmoxarife ou

*

Deste modo vemos a capella real de S. Miguel dos paços da Alcáçova de Coímbra, fundada por D. Affonso Henríquez, atravessar incólume as crises de que a história nos dá conta

---

Recebedor do noso allmoxarifado de cojmbra que ora sois e ao diãte fordes que nos prouemos da capelanja ẽ capela dos nosos paços da dita cidade alluaro martjnz segundo que ho tem per noso alluara o quall nos dise ora que elle tynha cõ a dita capelanja cinquo mjll e quinhemtos rs ẽ cada hũ año e era obrigado a poer as candeas vjnho e agoa e osteas pidimdonos que porquãto a dita capela era cotidiana e tynha os ditos emcarregos nos prouuese lhe acreçẽtar ho dito mãtymento e visto per nos seu dizer e pidir por nos parecer justo avemos por bem que deste janeiro que vem de v^{c} xbij em diamte ẽ cada hũ año o dito alluaro martjnz aja de nos de mãtimento cõ a dita capellanja oito mjll rs a saber os ditos cinquo mjll v^{c} que tee ora teue e os dous mjll v^{c} que lhe per este novamente ora acreçẽtamos conprindo elle os emcaregos de cotodiana e do dito vinho e agoa e candeas e osteas e bem asy hagora daquj por diante diga na dita capella por dia de samjgel mjsa cantada e em todas as mjsas e oras que Rezar na dita capella tenha hũa alampeda açesa e porem vollo noteficamos asy e vos mãdamos que daquj em diante lhe pageis em cada hũ año des ho dito primeiro dia de janeiro que vẽ em diãte os ditos biij^{c} rs como dito he e per este noso alluara sem mais tirar outra carta de nosa ffazenda vos mãdamos que lhos pageis e per o trellado delle que se asemtara nos liuros do dito allmoxarifado pello esprivam do dito ofyçio e ho conhecimento do dito alluaro martjnz como os de vos Reçebe vos serã lleuados em comta e praz nos que este valha como se fose carta per nos asynada e asellada do noso sello pendemte sem ẽbargo da hordenaçom em comtrairo feito ẽ lixboa ao derradeiro dia do mes doutubro manoel de moura o fez de mjll e qujnhemtos e dezaseis años E ha mjsa que ha de dizer cotediana sera de fynados Resalluãdo ha do dia de samjgel que sera do dito santo e asy as das festas de noso senhor e de nosa senhora que serã das ditas festas.

«Pidimdo o sobredito por merce que lhe confyrmase o dito alluara e lhe mãdase pasar sua carta e visto per mjm seu requerj-

nos quatro primeiros séculos da monarchia portuguêsa, mantendo-se imperturbavelmente, com o seu culto quotidiano regular, durante os reinados dos monarchas da primeira e segunda dynastias, até D. João III, com excepção apenas dos seis annos immediatos à morte do infante D. Pedro.

Aínda mesmo durante o tempo em que se andou reedificando a capella, nos fins do reinado de D. Manuel e princípios do de D. João III, entre 1517 e 1522, não deixou de haver capellão como acabámos de ver, qùe exercia as funções do seu cargo em qualquer outra parte, para onde provisòriamente se trasladaria a capella real de S. Miguel, cantando missa no dia 29 de setembro consagrado a este archanjo, e rezando-a em todos os outros dias do anno, e bem assim recitando quotidianamente o offício divino, com uma lámpada da capella accesa, enquanto fazia esta recitação [1].

*

No reinado de D. João III deu-se um facto, que modificou profundamente as condições de existéncia da capella real de Coímbra.

A Universidade portuguêsa foi transferida de Lisbôa para esta cidade em março de 1537. Não havendo edifício apropriado

---

mento e queremdo lhe fazer graça e merçe tenho por bem e lho comfirmo e hej por confirmado como se nele comthẽ e mãdamos que asy se cunpra e guarde e asy hej por bem e me praz que elle tenha e aja mais de mãtimento cada ano de janeiro que vem de v^{c} xxbiij^{o} em diante dous mjll rrs allem dos oito mjll que ateequj ouue e asy que avera x̄ rs cada año e lhe serom paguos neste allmoxarifado de cojnbra per estaa sob carta sem mais tirar outra de mjnha fazenda asy e da propia forma e maneira que lhe pagauõ e atee quj ouue os ditos biij̄ rs e por o trellado desta com seu conhecimento se lleuarom cada año em conta ao allmoxarife ou Recebedor qne o pagar dada ẽ cojnbra a xxix dias de novembro antonio diaz a fez de mjll v^{c} xxbij eu damjã diaz a fiz espreuer» — (Torre do Tombo *Chancellaria de D. João III*, l. 2, fl. 120).

[1] Vid. doc. transcrito em a nota antecedente.

para a sua conveniente installação, abriram-se os primeiros cursos a 2 de maio do anno referido nas próprias casas de habitação do reitor D. Garcia de Almeida, sitas à porta de Belcouce, onde hoje se chama a Estrella.

Mas isto não passou de um expediente de momento. Por carta régia de 23 de setembro do mesmo anno mandou D. João III que as aulas se transferissem para os seus próprios paços da Alcáçova, onde principiáram a funccionar os cursos em outubro immediato.

Sêllo da real capella

Installada no paço real a Universidade, e havendo ali *hũa capella, em q̃ se celebram os officios divinos*, é esta mui naturalmente aproveitada para que *nella os possam ouvir mais cõmodamente o Rector, lentes & estudantes* [1].

Deste modo a antiga capella real de S. Miguel dos paços da Alcáçova, sem perder a categoria que até ali tivera, e continuava tendo, de capella del-rei, com todas as isenções e privilégios correlativos, passou a ser também a capella da Universidade de Coímbra.

*

A Universidade é então largamente dotada pela munificéncia del-rei, e pela protectora generosidade da Igreja, que lhe adjudica rendas importantes.

---

[1] *Estatutos da Universidade de 1591*, l. 1, tit. 1.

Em especial a capella é também contemplada nesta grandiosa instituïção joannina.

Á antiga capella de S. Miguel foi annexada a do paço real do Paúl de Muge, ficando servida por quatro capellães, pagos à custa da fazenda real. A estas quatro capellanias acrescentaram-se mais nove, próprias da Universidade, àlém do restante pessoal empregado no serviço do culto [1].

Nos estatutos de D. João III dados em 1544, de cuja existência, até ha pouco tempo muito contestada, existem numerosos vestígios nos livros de escrituração, que a elles fazem freqüentes referéncias, encontravam-se sem dúvida disposições sôbre a real capella e sôbre o culto divino nella exercido. As multas e descontos nas terças de cada anno impostas pelo conselho dos deputados aos capellães da Universidade, por faltas de cumprimento das respectivas obrigações, suppõem estes serviços devidamente estabelecidos e regulamentados. Álém disso temos a notar, que em 1557 o conselho dos deputados e conselheiros resolveu a 16 de outubro adquirir umas alfaias, que eram de urgente necessidade, *a custa das Rendas da vniversi.de ate vir a prouisam q̃ na Reformaçam dos estatutos era feita sobre a dita capella* [2]; o que bem mostra que o vesitador-reformador Balthasar de Faria, na vesitação feita no anterior anno de 1556, desde 19 de fevereiro em que tomou posse, até 1 de setembro em que se despediu do claustro-pleno, notára algumas refórmas ou addicionamentos a fazer ao estatuto, relativamente ao regime e dotação da capella.

*

Também ficou agregada à capella da Universidade a confraria dos lentes e estudantes, instituída pelo infante D. Henrique quando a Universidade estava em Lisbôa, a qual tinha o seu capellão privativo, e muito concorria para a manutenção do culto e esplendor dos actos religiosos. Era sua padroeira

---

1 *Estatutos de 1591*, l. 1, titt. 2 e segg.

2 *Conselhos*, t. 2, l. 4, fl. 110.

a Virgem Santíssima, sob a invocação de *Nossa Senhora da Luz* [1].

Logo depois da mudança da Universidade para Coímbra, começamos a encontrar nos livros dos conselhos académicos os assentos das eleições annuais e juramentos dos mordomos da Confraria, embora não haja livros especiais de escrituração desta pia irmandade senão desde 1597 em deante.

*

Em 1550 veiu de vesita à Universidade el-rei D. João III, acompanhado da raínha D. Catharina, de seu filho o príncipe D. João, e de sua irmã a infanta D. Maria, fazendo a sua entrada a 6 de novembro. Segundo o programma combinado, era no sabbado immediato, 8 do referido mês, que devia ter logar na sala grande a sessão solemne de recebimento, congratulação e agradecimento, em que discursaria na língua latina o distincto humanista, padre-mestre Ignácio de Morais; mas a família real não quis ir a esse acto de homenagem e reverência a suas pessôas, sem primeiro descer a esta sua real capella, a prestar as devidas adorações e homenagens ao Rei dos reis e ao Príncipe da milícia angélica. As pessôas reais ouviram missa, e logo em seguida fôram a receber os cumprimentos solemnes da Universidade [2].

---

[1] «Item ordenamos que todollos lentes & scolares mantenham a antiga confraria...». (*Estatutos de D. Manuel*, fl. 4). — «Na Vniuersidade auerá a confraria que sempre ouue dos lentes & estudantes, instituida pello Iffante dõ Henrique méstre da ordẽ & milicia de nosso senhor Iesu Christo, quãdo os estudos estauão em Lisboa...». (*Estatutos de 1591*, l. 1, tit. 15).

[2] «aos oito do dito mes *(novembro de 1550)*. suas altezas. vierão ouvir misa a capella dos seus paços & ouvida se forão a sua salla grande donde estava toda a vniv'sidade ss. o Rector & doctores. & m.tres em seus lugares altos. q̃ pª elles são feitos. pª estarẽ aos autos de Repetições. & doctoram.tos & outros da vniv'sidade & defrõte da cadeira estaua hum teatro. de seis degraos. de catorze palmos em largo. & dezoito de traves. o qual estaua mujto bem

*

Também foi no mesmo século ésta Universidade vesitada pelo joven monarcha D. Sebastião, que na sexta feira 13 de outubro de 1570 entrou com grande séquito em Coímbra, sendo acompanhado por seu tio o cardial infante D. Henrique, pelo infante D. Duarte, filho do duque de Guimarães irmão de D. João III, e pela infanta D. Isabel.

Foi de alguns mêses a demora da côrte em Coímbra, e certamente era na capella real que el-rei e a régia família cumpriam os deveres religiosos; aqui deve ter celebrado várias vezes o cardial, que depois foi rei. Não encontro porém registo senão de uma destas vesitas à capella, na segunda feira immediata à chegada, em que el-rei, o cardial e o infante, antes de irem aos *gerais* assistir às lições de prima das quatro faculdades, descêram e vieram ouvir missa [1].

*

Durante quase meio século usufruíu a Universidade os paços reais de Coímbra, sem que por parte dos monarchas houvesse a mais leve demonstração de quererem privá-la deste benefício.

Apenas porém assumiu a corôa portuguêsa el-rei D. Filippe II de Castella, logo mandou à Universidade como vesitador

---

alcatifado & cõçertado donde suas altezas. se asentarão em suas cadeiras. pª ouvir a oração do Reçebim.to q̃ lhe fez o m.tre Ynatio de morais. q̃ foi m.tre do s.or dõ duarte fº delRei, a qual durou por espaço de huma ora & foi mujto lovada. & de mujta autoridade, e acabada, suas altezas forão ver os geraes. & ouvir as lições de pma ss. de theologia canones leis. & medeçina & em cada huma estauã hum pedaço asentados. ouvindo. & acabados de ouvir se forão a jantar». (*Conselhos*, t. 1, l. 5, fl. 92 v.º).

[1] *Conselhos*, t. 6, l. 4, fll. 29 e segg.—Cf. *O Instituto*, t. 1, p. 59 da 1.ª ed., ou p. 38 da 2.ª

o licenciado Manuel de Quadros, cuja posse e juramento foi a 21 de maio de 1583, encomendando-lhe que providenciasse para que se construíssem edifícios próprios para as escolas. Chegaram a fazer-se as necessárias medições no bairro de S. Pedro, que ficava entre o paço real e o castello, e a avaliar-se as casas sitas no local escolhido, a fim de serem expropriadas.

Considerou-se entretanto em claustro o desequilíbrio financeiro que vinha causar à fazenda universitária esta obra, orçada em mais de cem mil cruzados, e os inconvenientes de desalojar para cima de trezentos estudantes, que residiam nas casas que tinham de ser demolidas, os quais mal poderiam ir habitar no bairro baixo, já pela distância a que ficava da Universidade, já pela difficuldade de ali encontrarem casas em número sufficiente, por se terem arruïnado muitas com as arêas do Mondêgo; por isso se resolveu representar a el-rei fazendo estas ponderações, e pedindo-lhe a mercê de ceder os seus paços para nelle se fazerem as escolas, onde realmente estavam havia já mais de quarenta annos [1].

A esta representação respondeu el-rei, em carta datada de S. Lourenço a 30 de setembro de 1583: — *Vy a carta em que me pedis que aja por bem de conçeder a essa vniuersidade os meus paços, pera fazerem nelles as escollas; E posto que Eu desejo de lhe fazer toda a merce, & fauor que ouuer luguar, não me pareçe conuiniente a meu seruiço, nem ao bem pubrico dessa çidade despor delles, antes he minha tenção, como a vniuersidade os desocupar, mandalos conçertar, pera Eu poder em algum tpõ ir a elles, como desejo, e que meus subçessores possam fazer o mesmo, por o m.to que a estimo, & elles a deuem estimar, e assy o tenho respondido á camara della, q̃ os dias pass.dos m'escreueo sobr'este particular* [2].

Foi-se adiando a resolução do assumpto, as escolas fôram continuando a funccionar nos paços reais, até que por fim el-rei, prescindindo já dos seus edifícios, por alvará de 17 de maio de 1597 fêz à Universidade a mercê de lhos vender por trinta mil cruzados, lavrando-se a carta de venda a 16 de outubro seguinte, com estas clausulas: — 1.ª que em nenhum

[1] *Conselhos*, t. 10, l. 1, fll. 100 v.º e segg.

[2] *Provisões antigas*, t. 1, fl. 54.

tempo se poderia alegar lesão, nem aínda enormíssima, contra esta venda, porque no caso em que os paços valessem mais da maioria e excesso, fazia pura e irrevogavel doação à Universidade; — 2.ª que os ditos paços em poder da Universidade ficariam conservando as prerogativas, preeminéncias e immunidades de paços reais [1].

*

E effectivamente, depois que a Universidade tomou posse dos paços da Alcáçova, e começou a usufruí-los como propriedade sua, continuáram, sem a mais leve discrepáncia, a ser considerados por todos, monarcha e súbditos, pessôas universitárias e estranhas, auctoridades ecclesiásticas e civís, como verdadeira e pròpriamente paços del-rei, sendo-lhe reconhecidos, como até ali, todos os privilégios, garantias e isenções que por tal qualidade lhes pertenciam; e a real capella do mesmo modo continuou, sem contestação de ninguém, a ser respeitada como capella do rei, isenta por isso da jurisdição do prelado diocesano, que jàmais, até hoje, nella exerceu um só acto jurisdicional.

No uso de um antigo privilégio eram os reis portuguêses que escolhiam e designavam a pessôa ou pessôas ecclesiásticas, que deviam fazer a vesita canónica às capellas dos seus paços. Nesta conformidade el-rei D. João III havia já designado a pessôa do reitor da Universidade para vesitador da sua capella de Coimbra. Não conheço o diploma régio, em que se fizéra esta determinação, talvez o próprio estatuto de 1544, que se perdeu; mas é certo que encontramos o reitor a fazer a vesitação da capella, como quem exerce um direito e cumpre um dever, o que suppõe poderes anteriormente recebidos [2].

Havia porém um inconveniente: só em um ecclesiástico podia regularmente recaír a escolha, e, conquanto o reitor fosse em regra ecclesiástico, e sempre realmente o foi até 1834

---

[1] Cf. *Catalogo dos Reitores* de Carneiro de Figueirôa, c. 13, fl. 73.

[2] Veja-se, v. gr., o assento subordinado ao título — *Visitaçam da Capella*, que se encontra in *Conselhos*, t. 2, l. 4, fll. 109 v.º e seg.

(se não contarmos a reitoria ephémera de D. Garcia d'Almeida), podia contudo dar-se alguma vez o caso de ser leigo.

Prevendo a possibilidade de tal hypóthese, resolvêra-se a difficuldade collocando el-rei ao lado do reitor uma outra pessôa ecclesiástica, com poderes de vesitador, e sem a qual o reitor não podesse realizar a vesitação. Foi em conformidade com isto que os estatutos de 1591 designaram as pessôas do reitor da Universidade e do lente de prima ou, nos seus impedimentos, do de véspera da faculdade de theologia, para duas vezes em cada anno vesitarem no espiritual e no temporal a capella deste instituto de ensino superior, que simultàneamente o era do seu paço de Coímbra, com poderes para castigar, reprehender, multar e suspender dos seus cargos os capellães e restantes empregados, devendo ser escrivão desta vesitação o secretário da Universidade, se fôsse clérigo *in sacris*, e, se o não fôsse, um estudante clérigo *de bom exemplo*, para isso eleito pelos vesitadores [1].

Depois de ter passado para a posse da Universidade o paço com todas as suas pertenças, fôram promulgados e acceites em claustro de 23 de fevereiro de 1598 os estatutos confirmados por alvará régio de 8 de junho de 1597; e nelles vinha inscrito no seu livro I o mesmo titulo XII — *Da Visitação da Capella*, nos precisos termos em que se lia nos Estatutos anteriores, e em que mais tarde se conservou nos confirmados por D. João IV, por alvará de 15 de outubro de 1653.

E ha a notar uma circunstáncia, que não pode nem deve deixar-se no esquecimento. Na primeira vesitação da capella feita depois da venda dos paços, fôram vesitadores o doutor canonista Affonso Furtado de Mendoça, que depois veiu a ser successivamente bispo da Guarda e de Coímbra, arcebispo de Braga e de Lisbôa, e o lente de prima de theologia, o grande luminar da sciéncia theológica e da sciéncia canónica, padre Francisco Suárez, o *Doctor eximius*, cuja autoridade é singular, estrénuo propugnador das immunidades e direitos da Igreja, a cuja defêsa sacrificou commodidades, interesses, saúde, e por fim a própria vida. Pois o doutor Suárez (assim como todos os restantes vesitadores) reconheceu

[1] *Estatutos de 1591*, l. 1, tit. 12.

sempre a completa isenção da real capella da Universidade, não hesitando em exercer repetidas vezes os direitos de *vesitador no temporal e no espiritual*, que só ao ordinário diocesano pertenceriam, se não houvesse o privilégio alludido.

Aínda hoje existem no archivo da Universidade, em livros especiais, os assentos destas vesitações, repetidas duas vezes cada anno durante séculos, sem a mais leve hesitação, dúvida, contestação ou protesto.

Seríam usurpadores dos direitos da Igreja tantos prelados respeitabilíssimos, que deixaram a cadeira reitoral da Universidade, para ascenderem às mais altas dignidades ecclesiásticas? tantos theólogos consummados, que tiveram sempre a sua palavra eloqüente, a sua sciéncia profunda, a sua penna apuradíssima ao serviço da sã doutrina, prontos a defender a autoridade ecclesiástica?!

Diga-se porém mais uma vez, que esta isenção jàmais foi contestada, e sempre até hoje tem sido reconhecida e respeitada pelos prelados diocesanos de Coímbra.

*

Álém do privilégio de isenção outros ha, de que a real capella goza.

Sempre a Universidade tem usado da faculdade de erguer ali, sem intervenção de qualquer autoridade estranha, altares portáteis supplementares, quando as conveniéncias do serviço divino isto pedem. Tem-se isso feito por muitas vezes, em virtude de resoluções tomadas, sem hesitação alguma, em conselho, com o voto deliberativo de theólogos e canonistas dos mais respeitaveis por seu saber e virtudes, e muito escrupulosos na precisa observáncia das disposições canónicas e litúrgicas. Assim é que, por exemplo, em conselho de 8 de janeiro de 1554, a que assistem doutores theólogos da autoridade de Marcos Romeiro e fr. Martinho de Ledesma, e doutores canonistas como James de Morais e Luís de Castro, se resolve que, para celebrar as exéquias e outros suffrágios por alma do príncipe real D. João recem-fallecido, filho de el-rei D. João III, *far se ha hum altar alto no andar da essa sobre*

o altar mor... & aleuantar se am tres altares mais p.ª dizerem os Religiosos & capelaes & outros padres misas [1].

E não só dentro da capella, mas também fóra, quando isso se tornava necessário ou conveniente, se erguiam altares em qualquer sala, e nelles se celebravam os actos do culto, privada ou pùblicamente, e até com grande solemnidade. Foi assim que, por morte de D. João III, as exéquias solemníssimas, que a Universidade fez em junho de 1557, não se realizaram na capella, que para isso era pequena, mas, por deliberação do conselho mór da Universidade, na sala mais ampla do edifício, àqual se juntou outra contígua abrindo um arco de communicação; lá se erguêram nove altares, onde se celebráram muitas missas, dirigindo esta adaptação da sala e superintendendo em todo este serviço das exéquias, por delegação do conselho académico, o reitor D. Manuel de Menêses abalisado canonista, e os insignes doutores e lentes fr. Martinho de Ledesma e João de Morgovejo, o primeiro da faculdade de theologia, da de cánones o segundo [2].

Também nos aposentos reitorais houve sempre, e ainda ha, um compartimento destinado a oratório particular do prelado, onde se celebra missa todas as vezes que este deseja; oratório que é considerado uma dependéncia da real capella, contando-se, como celebrada nesta, qualquer missa que os capellães nelle celebrem [3]. Algumas vezes, achando-se impedida por obras a capella, se tem mudado o Santíssimo para o oratório do reitor, e ali se têem celebrado os actos universitários, que nella deviam normalmente realizar-se, tais como as missas para licenciaturas ou doutoramentos, e outras. Assim succedeu desde fevereiro de 1858 até setembro de 1859, enquanto se restaurou o tecto e se fizeram outros concertos [4]; e muito recentemente em 1892 a 1893, quando se solhou e ladrilhou o côrpo da capella.

Antes de passarmos adeante devemos ainda consignar, que

---

[1] *Conselhos*, t. 2, l. 1, fll. 103 v.º e seg.

[2] Ibid., l. 4, fll. 130 v.º, e 134 e seg.

[3] *Reformação de 1612*, n.º 19, in *Estatutos da Universidade*, ed. de 1654, p. 304.

[4] *Registo dos relatorios da Capella*, t. 1, fll. 6 v.º e 7.

a real capella da Universidade foi pelo summo pontífice Paulo V ennobrecida com muitas indulgências e graças espirituais. Uma dellas é a de privilégio de altar, concedido ao de Nossa Senhora da Luz [1].

Em claustro de 21 de outubro de 1610 é esta notícia communicada officialmente pelo reitor aos lentes das quatro cadeiras maiores, e resolve-se que a publicação solemne se faça no próximo dia de Todos os Santos, 1 de novembro, e que nesse dia se dê préstito aos estudantes. As festas, para solemnizar o jubiloso acontecimento, prolongaram-se pelos dias seguintes [2].

*

Pelos estatutos de 1653 se regeu a real capella da Universidade até à reforma pombalina de 1772.

---

[1] «E porque achamos que depoes de se ter preuilegiado o altar de Nossa Srã concorrem m^tos mais padres a dizer Missa do que resulta mais gasto ao P.^e Thesoureiro, e tendo respeito a seu bom seruiço ordenamos que aia mais dous mil rs do que tinha dantes e isto cada anno pera cera, hostias, e vinho e mais cousas necessarias». — (*Vesitação*, t. 1, fl. 53, assento da vesita de 2 dez. 1610).

[2] «Claustro dos dd. de cadeiras grandes sobre as endulgensias que se hão publicar — Enos 21 de outubro de 610 annos na casa do cons.^o desta v.^de se ajuntou o Sñor Reitor com os Sñrs dd. lentes das cadeiras grandes de todas as quatro faculdades, e p'pos o Sñor Reitor como Sua Santidade tinha concedido m^tas endulgensias p.^a a capella da v.^de e depois de se tratar sobre o modo e solenidade conque se auião de publicar se asentou iuntam.^te que se dese prestito aos studantes p.^a que endia de todos os santos que he o primeiro dia enque se hão de publicar se aiuntem todos na capella da v.^de do que tudo fis este termo Rui dalbuquerque secretario desta v.^de o fiz — declaro que o prestito se nam ha de dar senão som.^te p.^a este primeiro dia da publicasão Rui dalbuquerque. — Dõ Francisco de Castro Reytor — D. fr Egidio dapresẽtação — dr. Françisco diaz». — (*Conselhos*, t. 16, l. 1, fl. 126).

Para realizar esta, veiu a Coímbra o marquês de Pombal com plenos poderes del-rei, e faculdade de usar não só dos *que fôram concedidos*, diz a carta régia de 28 de agosto do referido anno[1], *a Vosso Quinto Avo Balthasar de Faria, Primeiro Reformador Vezitador da dita Vniversidade, pelo Alvará da sua Commissão expedido em onze de Outubro de mil e quinhentos sincoenta e sinco, que servio de norma aos outros Reformadores Vezitadores, que depois foram mandados á mesma Vniversidade pelos Senhores Reys Meus Predecessores; mas tãobem de todos os mais poderes, que os ditos Senhores Reys costumavam reservar para si: Delegando-vos os que para os sobreditos fins me pertencem como Protector da mesma Vniversidade, e como Rey, e Senhor Soberano: E concedendo-vos, como concedo sem rezerva, todos aquelles que considerareis necessarios, segundo a occorrencia dos cazos...: Obrando em tudo como meu Lugar Tenente, com Jurisdicção privativa, exclusiva, e illimitada para todos os sobreditos effeitos.*

O marquês fez a sua entrada em Coímbra a 22 de setembro, e cá se demorou até 24 de outubro do dito anno, sendo sempre acompanhado e cercado de extraordinário fausto e apparato, qual nunca até hoje nenhum dos nossos monarchas teve, nas suas vesitas à Universidade.

Aqui, nesta real capella, fez elle a sua entrada solemne no sabbado 26 de setembro, immediatamente depois de ter sido lida, em sessão solemníssima na sala grande dos actos, a mencionada carta régia de sua nomeação; sendo recebido como verdadeiro monarcha, à porta da capella debaixo do pálio, e tomando em seguida logar na cadeira reitoral collocada em um estrado alto, quase um throno, sobre o qual se elevava um riquíssimo dossel de veludo. Assistiu ao canto do salmo *Laudate Dominum* e do hymno *Te Deum laudamus*, acompanhado de toda a Universidade, e de toda a nobrêza da cidade e muita das províncias, que acudira a render vassalagem ao astro luminoso, que diffundia raios do zenith do poder[2].

---

[1] *Provisões modernas*, t. 1, fl. 7 v.º

[2] *Diario do q se passou em a Cid.e de Coimbra desde o dia 22 de 7.bro de 1772 em q o Ill.mo e Ex.mo S.r Marq.s de Pombal entrou, até o dia 24 d'8.bro em q partio da d.a Cidade*, fl. 4.

Na tarde da segunda feira immediata, dia 28, aqui assistiu, com a mesma pompa, às vésperas solemnes do orago S. Miguel, e no dia seguinte pela manhã à missa [1]. Veiu de tarde à sala grande, onde se fez então a promulgação dos novos estatutos, e dahi foi à capella, onde se cantou um festivo *Te Deum* [2].

A 1 de outubro assistiu à missa do Espírito santo para a inauguração do novo anno lectivo, e em sua presença fizeram todos os lentes a costumada profissão de fé cathólica e juramento [3].

Nos dias 10 de tarde e 11 de manhã aqui esteve assistindo com o mesmo apparato a uma festa religiosa comemorativa da refórma da Universidade, festa que elle marquês instituiu, determinando se fizesse todos os annos [4], como em outro logar referiremos.

Aínda voltou à real capella no dia 17 a ouvir a missa do doutoramento em cánones de José Pessôa Monteiro, presidindo à cerimónia do grau, que se lhe seguiu na sala grande [5].

*

O marquês reformador tencionou levar a sua refórma àlém da legislação literária das faculdades, e traçou um novo plano de estatutos, que completariam os promulgados a 29 de setembro do anno referido, abrangendo o *Governo Politico, Civil, Economico, Cerimonial e Ecclesiastico da Universidade* [6]. Para execução deste plano chegou a dar ordem, a 22 de outubro do anno referido, para que fôssem separados, colleccionados e a elle remettidos todos os papeis e livros que

---

[1] *Diario* cit., fl. 5.

[2] Ibid., fl. 5 v.º

[3] Ibid., fl. 6.

[4] Ibid., fl. 8 v.º

[5] Ibid., fl. 10 v.º

[6] *Relação Geral do Estado da Vniversidade de Coimbra*, por D. Francisco de Lemos Pereira Coutinho, bispo de Zenópole, reformador-reitor da mesma Universidade, pp. 7 e seg.

podessem servir de utilidade para a realização desta emprêsa [1]. E no alludido plano occupava um lugar preponderante a reorganização da real capella.

Não teve porém tempo para levar a cabo esta refórma, e *tudo isto parou nas primeiras Linhas, e em Reflexões feitas sobre os Titulos dos Estatutos Antigos, não chegando até agora a formalizar-se esta parte da Legislação tão necessaria para o Governo Academico* [2]. As alterações feitas nesta épocha ao liv. I dos estatutos velhos, onde se legislava sôbre a real capella, seu pessoal e serviços, limitaram-se a algumas providéncias regulamentares avulsas, continuando no restante a observar-se as tradições, usos e costumes da Universidade, *porque as ditas Tradiçoens, e Costumes*, explica o reitor reformador no seu relatório, *eram a pratica dos Estatutos Antigos, que só necessitavam, de que o zelo dos que dirigiam, introduzissem nelles a alma, e o espirito, de que os tinha privado a relaxação dos ultimos tempos* [3].

Uma provisão do marquês de Pombal, datada de 12 de outubro aínda do anno de 1772, e um edital de 17 do mesmo mês, haviam mandado recolher todos os exemplares, impressos ou manuscritos, dos abolidos estatutos velhos, com a comminação de penas severas no caso de alguém maliciosamente os encobrir; entretanto, como se vê, esses estatutos proscritos continuavam a ser observados na parte de que nos occupamos, e em outras, a titulo de *usos e costumes* universitários.

A carta régia de 5 de novembro de 1779 vem remediar esta anomalia, ordenando à Universidade, como providéncia interina, que não obstante ficou definitiva, *que se governe pelos antigos estatutos em tudo aquillo, que ou pelos novos estatutos não se achar contrariamente ordenado, ou que por meio de providencias* régias não haja sido alterado.

Assim continuou a real capella subsistindo, sem modificações notaveis, durante mais de meio século.

---

[1] *Provisões modernas*, t. 1, fl. 116.

[2] *Relação Geral* referida, loc. cit.

[3] Ibid.

*

Em outubro de 1832, de passagem para o norte, esteve em Coimbra D. Miguel, que foi recebido pela cidade com grandes e enthusiásticas demonstrações de regozijo.

Chegado no sábbado, 20 do mês referido, em companhia de suas irmãs, as infantas D. Isabel Maria e D. Maria da Assumpção, e feita a recepção costumada na sé cathedral, dirigiu-se em préstito festivo à real capella, onde chegou pelo fim da tarde, sendo recebido debaixo do pálio por todo o côrpo académico ornado das suas insignias, e pelo collégio dos capellães, que cantáram um solemne *Te-Deum*. Depois recolheu ao paço.

Aqui assistiu à missa nos domingos 21 e 28; e na sexta feira 26, dia do seu anniversário natalício, depois duma sessão solemne com oração latina gratulatória na sala grande dos actos, veiu dali em préstito vistoso à capella, acompanhado dos doutores, nobrêza e auctoridades da cidade, assistir a um *Te-Deum* capitulado pelo dom prior-geral dos crúzios, cancellário da Universidade. As infantas estiveram na tribuna real durante o acto religioso.

No dia 20 partiu D. Miguel com as infantas e séquito para o norte, indo pernoitar em Águeda [1].

*

As perturbações sangrentas, que acompanharam as luctas políticas do princípio do segundo quartel do século XIX, abalaram profundamente o organismo da capella da Universidade, como o de todo este estabelecimento scientífico. Paixões políticas agitavam-se violentas, e dominavam toda a vida académica.

Ao período das perseguições movidas pelos sectários do

[1] *Gazeta de Lisboa*, an. 1832, n. 251, p. 1219; n. 256, p. 1239; e n. 259, p. 1251.

absolutismo segue-se o das exercidas pelos partidários do systema liberal; e uma lamentavel desorganização, devida a causas muito diversas, e algumas bem diffíceis de determinar, campeia em todos os ramos de serviços públicos, produzindo effeitos desastrosos, perdas irreparaveis, que aínda hoje sentimos e lamentamos.

Saíu muito mal ferida desta prova a real capella universitária. Em portaria vice-reitoral de 30 de junho de 1834 sam suspensos do exercício das suas respectivas funcções, para em seguida serem demittidos pelo governo, pelo crime de terem seguido abertamente o partido proscrito, ou de se mostrarem faltos de coragem na profissão da sua fé política, ou finalmente de serem neutrais, nada menos de quarenta e seis lentes das diversas faculdades, seis bedeis, quatro contínuos, quinze archeiros, e cincoenta e seis outros empregados da Universidade, achando-se comprehendidos neste número o chantre, quatro capellães, o organista, e dois acólythos da capella [1].

---

[1] A título de curiosidade, e por ser pouco conhecida, aqui transcrevo a portaria reitoral, que acompanhava a lista de proscrição:

«Não convindo ao Serviço de Sua Magestade Inperial, o Duque de Bragança Regente em Nome da Rainha, que sirvão Empregos publicos individuos, que tiverão o temerario arrojo de seguirem uma Rebelião perjura na sua origem, aleivosamente criminosa nos fins de que se servia, verdadeiramente anti-social nos mizeraveis, iniquos, e desgraçados fins, a que se propunha, e sempre distituida de probabilidades, em seus resultados, nem tãobem aquelles que, posto que mais fracos, não são menos indignos, que não tendo a coragem de seguir em publico o vil objecto de suas adoraçõe infames, fazião em segredo ferverosos votos pelos progressos da Uzurpação, e tirania; assim como os neutros politicos, entes nullos na sociedade, egoistas, cobardes, que não tendo sentimento nenhum moral ou politico, forão insensiveis ás desgraças públicas por vil pusillanimidade, e a quem nem o luto da sua Patria, nem a completa Ruina de seus Concidadãos, nem os ultrages feitos á Cauza da Liberdade, e da Civilização geral, poderão nunca arrancar huma demonstração de interesse e compaixão; sendo necessario para dever ser empregado publico n'hum Governo Monarchico Repre-

Os exercícios religiosos ficaram reduzidos ao mínimo, o culto quasi suspenso, e a capella pouco menos que fechada e abandonada. Bastará dizer que do numeroso collégio dos capellães apenas escapou, àlém do thesoureiro, um só capellão, único pessoal que foi mantendo o culto quotidiano.

Entretanto lá se realizavam com pessoal ecclesiástico estranho, para isso convidado, as solemnidades académicas que o estatuto mandava que fôssem na capella, como, por exemplo, o juramento dos lentes a 1 de outubro; e aínda quaisquer outras funcções religiosas extraordinárias.

Assim é que, quando D. Fernando, então príncipe espôso da raínha D. Maria II, visitou Coímbra em 1836, tendo chegado às oito horas da manhã do dia 18 de julho, acompanhado dos marechais duque da Terceira e marquês de Saldanha, e de mui luzida comitiva, logo ao meio dia se dirigiu em préstito com toda a Universidade, grandes do reino e autoridades à real capella, onde se cantou um apparatoso *Te-Deum* [1].

---

sentativo ter effectiva capacidade e merecimento positivo; porque a Clemencia do Rei, salvando do castigo, não habilita para os Empregos, que suppoem a confiança do Governo, que só podem merecer a probidade, a aptidão, o patriotismo nobre, e decidido, em execução da Portaria, que me foi expedida pelo Ministerio dos Negocios do Reino em data de nove de Junho do corrente anno, para suspender os Empregados máos da Vniversidade, e propor a Sua Magestade Imperial a sua dimissão motivada; suspendo do exercicio de suas respectivas funções na Vniversidade os individuos, que constam da Relação, que acompanha esta. O Secretario da Vniversidade faça registar esta Portaria, transmitta a ás Repartições competentes, expessa as Ordens necessarias, e dê lhe publicidade. Coimbra 30 de Junho de 1834 — José Alexandre de Campos, Vice Reitor». — (*Portarias*, l. 6, fll. 16 v.º e 17).

O pessoal da real capella, comprehendido nesta lista, era o seguinte: — Manuel José Ferreira, chantre e capellão; Diogo Tavares Cabral, José Lourenço dos Santos, António Fernandes Affonso, e José Xavier da Veiga, capellães; Bernardo Carlos, organista; Manuel Joaquim da Silva Mattos, e José Maria do Amaral, acólythos.

[1] *Breve noticia do recebimento, que a Universidade de Coimbra fez em julho de 1836 a el-rei o Sr. D. Fernando, então principe esposo de S. M. a Rainha*, in *O Instituto*, t. 1, p. 161 da 1.ª ed., ou 104 da 2.ª

*

Obviou àquelle estado de cousas o decreto de 15 de abril de 1845, pelo qual, tomando em consideração a proposta do reitor conde de Terena, o govêrno veiu *prover ao restabelecimento dos exercícios divinos na real capella da Universidade, para por meio do culto externo ser inalteravelmente mantida a expressão do sentimento e crenças religiosas em um estabelecimento de letras e sciéncias, que forma o centro da instrucção e educação nacional* [1].

Mas infelizmente este decreto foi redigido muito à pressa, e sem o prévio estudo attento dos antigos privilégios, isenções, usos e serviços, em parte esquecidos durante o período de desorganização, que vinha de decorrer. O regulamento reitoral de 27 de junho de 1845 não conseguiu preencher a lacuna, nem corrigir os defeitos do decreto precedente.

*

Andando em vesita às províncias do norte a raínha D. Maria II, acompanhada de seu espôso el-rei D. Fernando, e de seus filhos o príncipe real D. Pedro d'Alcántara duque de Bragança, e o infante D. Luís Filippe duque do Porto, fizeram a sua entrada em Coímbra na sexta feira 23 de abril de 1852 pelas 9 horas da manhã, e aqui se conservaram até à segunda feira immediata.

No sábbado 24, depois de terem ouvido a segunda parte do exame privado do bacharel em mathemática Luís Albano de Andrade Morais, suas majestades e altêzas dirigiram-se à tribuna real da capella, donde assistiram à collàção do respectivo grau de licenciado, conferido com as cerimónias usuais pelo vice-reitor dr. José Manuel de Lemos, mais tarde bispo-conde; e no dia seguinte, domingo, assistiram na mesma tribuna à missa do doutoramento do referido Luís Albano, celebrada

---

[1] Preámbulo do decr. cit.

pelo chantre, bacharel António Lôpo Corrêa de Castro, então alumno do quinto anno de direito, servindo de mestre de cerimónias o capellão-thesoureiro Joaquim Álvez Pereira, bacharel formado em theologia[1]. Partindo na manhã do dia seguinte para o Buçaco, a raínha teve devoção de ali assistir à missa, e quís dar à real capella da Universidade a honra de ser um dos seus capellães que a celebrasse. Foi para este fim designado o capellão-chantre acima referido, o qual foi realmente naquelle dia celebrar na capella do convento do Buçaco, em presença de suas majestades e altêzas.

Testemunhando o régio agrado, com que D. Maria II assistira aos actos religiosos celebrados em sua presença na real capella, veiu o decreto de 3 de maio de 1853, em que ao chefe do collégio dos capellães, o thesoureiro Álvez Pereira, foi concedido o título de *capellão-mór da real capella da Universidade.*

*

A 27 de novembro de 1860 foi a Universidade honrada com a vesita rápida do adorado rei D. Pedro V, acompanhado de seus irmãos os infantes D. Luís e D. João, no regresso da exposição agrícola do Porto.

Nunca os estudantes recebêram em Coímbra um monarcha com tam caloroso enthusiásmo, nem com tam amoroso carinho, obrigando-o a prometter voltar *brevemente* em *uma vesita mais longa;* promessa que as infelicidades successivamente desencadeadas sôbre a nação e sôbre o rei, e em seguida a morte prematura deste, não deixaram realizar.

Na quarta feira 28 distribuíu por sua própria mão aos estudantes os diplomas de prémio e *accessit;* e de tarde, fazendo a visita aos estabelecimentos universitários, esteve orando na real capella.

Partiu no dia immediato, para não mais voltar, deixando nos corações tanto do côrpo cathedrático como da juventude académica uma saudade muito intensa, que se desafogou nas

---

[1] *O Instituto,* t. 2, p. 123.

exéquias sumptuosíssimas, que logo após a morte lhe fôram feitas na real capella pelos professores a 15 e 16 de dezembro de 1861, e pelos estudantes a 30 de janeiro de 1862 na sé cathedral, porque a capella da Universidade não podia comportar a academia, que toda queria com a sua assisténcia prestar homenagem ao seu querido monarcha [1].

*

Depois têem-se repetido com certa freqüéncia as vesitas de príncipes de sangue real a Coímbra, e, em regra, não deixam de vir a esta capella fazer as suas preces e orações. Vamos relacionar pela ordem chronológica estas vesitas régias e principêscas feitas nos últimos cincoenta annos à real capella da Universidade [2].

Não me consta que nella entrasse o principe Humberto, mais tarde rei da Italia, quando em outubro de 1862 esteve em Coímbra, assistindo na tribuna real da sala grande dos actos, na tarde do dia 22, à oração *de Sapientia* recitada pelo dr. Manuel Eduardo da Motta Veiga, lente de theologia.

El-rei D. Luís com a raínha D. Maria Pia, de regresso do Pôrto, fizeram a sua entrada em Coímbra no domingo 6 de dezembro de 1863 pelas 3 horas da tarde. No dia immediato houve a solemnidade da distribuïção dos prémios, a que presidiu el-rei, como três annos antes fizera seu malogrado irmão; e na terça feira 8 de dezembro, dia da Immaculada Conceição, padroeira da Universidade, assistiram suas majestades à missa na tribuna da real capella, indo em seguida para a sala dos actos grandes, onde el-rei conferiu o grau de doutor em direito aos licenciados José Joaquim Fernández Vas, e Macário de Sousa Pinto Cardoso.

Em 1865, de passagem do Porto para Lisbôa, estiveram

---

[1] *O Instituto*, t. 9, p. 260, e t. 10, pp. 188 e 224; — cf. os jornais de Coímbra publicados nesta épocha.

[2] As notícias, que damos em seguida, sam colhidas nos jornais conimbrigenses publicados nas respectivas épochas, assim como nos testemunhos presenciais de pessôas aínda hoje vivas.

em Coímbra durante algumas horas, na tarde de quarta feira 21 de junho, a princêsa imperial do Brasil D. Isabel Christina com seu espôso o conde de Eu. Nessa pequena paragem vieram orar à real capella.

O mesmo fez na sexta feira 3 de julho de 1868, pelas 10 horas da manhã, o infante D. Augusto, duque de Coímbra, descendo do paço privadamente e sem apparato, e sendo recebido pelo capellão-mór Álvez Pereira. Achava-se o infante em Coímbra para assistir à festa da raínha Santa Isabel, que se realizou no domingo immediato.

Também aqui esteve a 5 de março de 1872, pouco depois das 8 horas da manhã, o imperador do Brasil D. Pedro II, subindo da capella às tribunas das aulas, onde a essa hora funccionavam os cursos de theologia. Assistiu attentamente e com muito interesse a parte das prelecções dos professores dr. Manuel Eduardo da Motta Veiga *(estudos bíblicos)*, dr. Damásio Jacintho Fragoso *(história ecclesiástica)*, e dr. António José de Freitas Honorato *(dogmática especial)*, assim como a lições de estudantes destes cursos. Depois passou a ouvir algumas lições das outras faculdades.

Aínda no mesmo anno de 1872, achando-se nos paços reais da Universidade el-rei D. Luís, a raínha D. Maria Pia, o principe real D. Carlos, e os infantes D. Augusto e D. Affonso, para assistirem às festas da raínha Santa Isabel, celebradas a 14 de julho, fizeram à real capella uma visita rápida.

El-rei D. Fernando acompanhado do infante D. Augusto e da condessa d'Edla, chegáram incógnitos a Coímbra no dia 13 de maio de 1873, hospedando-se em um hotel da cidade baixa; e no mesmo dia viéram vesitar a capella e outros estabelecimentos universitários.

Em agosto de 1882 passáram no paço real de Coímbra a noite do dia 2 para 3 suas majestades el-rei D. Luís e a raínha D. Maria Pia, e suas altêzas o príncipe real D. Carlos e o infante D. Affonso, partindo logo pela manhã para a Figueira da Foz, a assistirem à inauguração do caminho de ferro da Beira Alta; mas não consta que viessem à capella.

Emigrados da América, estiveram os imperadores do Brasil hospedados alguns dias nesta cidade, onde chegaram no domingo 22 de dezembro de 1889 à noite. Logo no dia immediato à chegada o imperador, deixando no hotel a sua esposa,

cujo estado de saúde era melindroso, subiu à Universidade, e veiu orar na capella do paço de seus maiores.

Finalmente no domingo 24 de julho de 1892 pela última vez, até hoje, estiveram na capella da Universidade príncipes de sangue real. Neste dia aqui assistiram à missa na tribuna suas majestades el-rei D. Carlos e a rainha D. Maria Amélia, e sua altêza o príncipe D. Luís Filippe. Depois da missa el-rei, na sala grande dos actos, conferiu o grau de doutor em philosophia ao licenciado Bernardo Ayres [1].

*

Depois da reforma de 1845 algumas providências fôram adoptadas em portarias diversas, mas de pouco alcance.

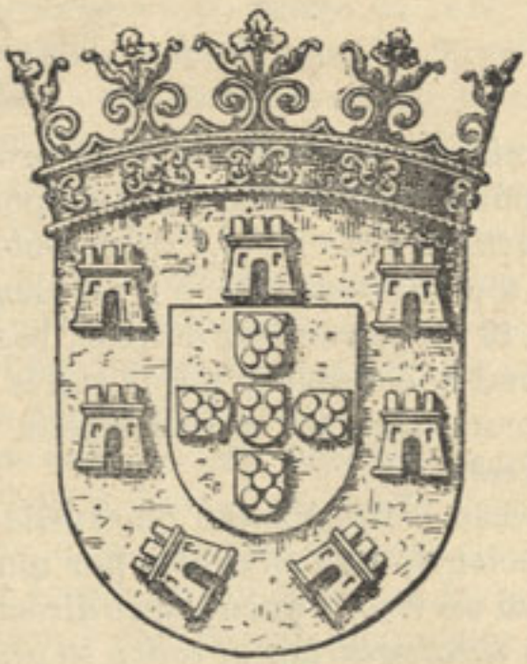
Por fim os artigos 173.º a 177.º do decreto n.º 4 com fôrça de lei, de 24 de dezembro de 1901, e o regulamento approvado por decreto de 13 de novembro de 1902, seguido das instruções regulamentares ordenadas por portaria reitoral de 22 do mesmo mês, reorganizaram a real capella da Universidade sôbre novas bases.

Hoje a direcção e fiscalização da capella pertencem à faculdade de theologia, que as exerce por um dos seus lentes cathedráticos em serviço, a quem elege director. *O reitor com a faculdade de theologia* fazem *todos os annos, pelo menos uma vez no fim do anno lectivo, a vesita à real Capella, para tomarem conhecimento do pessoal, dos serviços e do material, darem instrucções e corrigirem abusos* [2].

---

[1] Encontram-se colleccionados os documentos para a história desta visita das pessoas reais à Universidade em um folheto, que então se publicou officialmente, com o título — *Documentos relativos á visita da Familia Real á Universidade de Coimbra — Julho de 1892.*

[2] Decr. 13 nov. 1902, art. 24.º



II

EDIFÍCIO E OBJECTOS DO CULTO

O primitivo edifício da capella real affonsina absolutamente nada encontra hoje o archeólogo curioso. Construção de estilo românico, de pequenas dimensões, podemos conjecturalmente assentar, com alguma probabilidade, que ficaria situada no próprio local da hodierna capella da Universidade, mas com a orientação de leste a oeste, como costumavam ter os templos daquella épocha.

Conservou-se este edifício até ao primeiro quartel do século XVI.

*

Foi no tempo del-rei D. Manuel que os antigos paços, com a sua capella, fôram demolidos, para se reedificarem com maior amplidão, no estilo que do nome daquelle monarcha assumiu entre nós a designação de *manuelino*.

Destes novos edifícios nenhum subsiste com a sua feição caraterística, senão a capella. Ha porém vestígios dos paços: duas portas e quatro janellas manuelinas, e aínda uns cubellos, já mais ou menos desfigurados, na fachada setentrional da Universidade; e finalmente uma série de arcos, por entre

*

ruínas e escombros de muros, a indicar a linha que por oeste limitava os edifícios e seus annexos, e que, vindo na direcção da actual fachada occidental das aulas dos *gerais*, correm parallelamente ao eixo da capella, até se encravarem na massa de alvenaria da bibliotheca.

Por estes restos, que a norte e a oeste assignalam a extensão das construções manuelinas, se vê a amplidão notavel que ellas tinham.

Só a capella é que se conserva ainda quase íntegra. Tudo o mais, que deixo apontado, não passa de uns símplez vestígios, indicativos do estilo, que caraterizava a construção; sam como que uns marcos delimitando o terreno occupado pelos paços, que D. Manuel mandou construír.

*

Uns interessantes documentos, publicados pelo incansavel investigador e benemérito publicista, meu prezado amigo e collega Sousa Viterbo, no seu *Diccionario historico e documental dos architectos, engenheiros e constructores portuguêses, ou a serviço de Portugal*, vieram revelar-nos algumas particularidades sôbre o mestre de obras, que ajustou e executou na sua máxima parte estas edificações, e aínda, com bastante precisão, os annos em que ellas corrêram.

Foi *Marcos Pirez, pedreiro, morador em Coimbra, bõo oficiall do dito oficio* [1], aquelle mesmo mestre que realizou a obra da *crasta* e outras no mosteiro de Santa Cruz desta cidade, onde trazia às suas ordens *cinqoenta oficiaes e* XX *criados* [2], quem de empreitada reconstruiu a capella e os paços de Coímbra, sendo surprehendido pela morte antes de acabar os edifícios ajustados.

---

[1] Carta régia de D. Manuel, nomeando Marcos Pírez mestre das obras reais em Coímbra, registada na Torre do Tombo, *Chancellaria de D. Manuel*, l. 9, fl. 28 v. (apud Sousa Viterbo, *Diccionario dos architectos* etc., t. 2, p. 309).

[2] Cartas de Gregório Lourenço, vèdor das obras do mosteiro, a D. Manuel, datadas de 28 janeiro e 22 julho de 1518 (apud S. Viterbo, loc. cit. p. 310).

Como tinha recebido importantes quantias à conta das empreitadas, e deixára a obra por concluír, tiveram de ser medidos os trabalhos feitos, e apuradas as contas, do que resultou reconhecer-se haver uma dívida consideravel de Marcos Pírez para com a fazenda real, sendo penhorados os bens da sua viuva Ignês Díaz, moradora na rua da Moéda nesta cidade, e aínda os dos fiadores, entre os quais avultava a mãe de Marcos, chamada *Lianor Afomso, dona veuua, molher que foy de Pedre Annes Campelo, morador na das Brancas, termo da vila de Leirya* [1].

Pelos documentos publicados por Sousa Viterbo sabe-se que Marcos Pírez, em carta régia de 11 de março de 1517, foi nomeado, segundo os dizeres do documento, *mestre das nossas obras que se fazem, e daquy em diante na dita çidade ouuerẽ fazer, asy e polla guisa que ho elle deve ser, e como o sam os outros mestres das nosas obras do Regnno* [2]. A 13 de março de 1522 era dirigida a Vasco Ribeiro, vèdor e recebedor das obras, uma carta régia, dando como fallecido aquelle mestre, e mandando *socrestar e escreuer toda sua fazemda, e bem asy a de seus fyadores que ele tivesse dado pera as ditas obras*, apurar contas *com sua molher e erdeyros do que delas tem recebido*, e medir e receber *as obras que tyver fectas, ... vemdo bem o que podem valer* [3]. Finalmente, na descrição minuciosa da medição da obra de Marcos Pírez, que se lê nos autos respectivos, encontram-se as duas alíneas seguintes: — *Item no tempo de Guomçalo Priuado lhe foy paga toda a capela e tem por ladrilhar a dicta capela e fazer os degraos dela por que lhe am de ser dadas as lageas e momta somemte das mãos no que esta por fazer b̄ çento reaes. — Item tem por guarneçer a capela que sam lxxij braças e R. palmos da parte de demtro e da parte de fora estam por guarneçer lrix braças que sam por todas cemto lxxj braças e*

---

[1] Escritura de *fiamça e abonaçam*, feita na villa da *Vitorea da Batalha*, a 23 abril de 1521, por *Saluado Pirez pubryco tabaliam*, archivada na Torre do Tombo, *Corpo chronologico* part. 1, maço 27, doc. 117 (Viterbo, loc. cit., p. 312).

[2] Loc. cit., p. 309.

[3] Ibid. p. 311.

mea e coremta palmos que se mereçe somemte das mãos bj çemto lr. reaes [1]. Têem bastante interesse estes dados.

[1] É muito interessante este documento, para se ajuïzar da obra dos paços mandados fazer por D. Manuel, nos quais foi alguns annos depois installada a Universidade; reproduzimo-lo por isso da cit. obra de VITERBO, t. 2, pp. 318-323.

«Auto que Vasco Rybeyro veador e reçebedor das obras dos paços da çidade de Coymbra mamdou fazer sobre a mjdiçam das obras dos ditos pacços

Medição.—Anno do nacymento de Noso Senhor Jhesu Christo de mjl e quynhemtos e vymte dous annos ao prymeyro dia do mes dabril do dito anno na çidade de Coymbra nas casas da morada de Vasco Ribeyro veador e recebedor das obras dos paços delRei noso senhor na dita çidade estamdo ele hy polo qual foy dito a mym espriuam que elRei noso senhor lhe escreueo ora sobre a mydyçam das obras que Marcos Pirez mestre que foy delas ja fynado tinha feitas nos ditos paços e que por quamto lhe era neseçareo se as ditas obras averem de medir e receber que ele mamdaua a Bastiam Paez omem das dictas obras que fose dizer a molher do dito Marcos Pirez que vyse em tamto hũa pesoa que por sua parte vise as ditas obras e esteuese por ela a dita mydiçam delas e que asy fezese por toda esta somana e o dito Bastiam Paeez foy com o dito recado e dise que ele noteficara todo o que dito he a molher do dito Marcos Pirez e que ela lhe disera que ela buscaria hũa pesoa que por ela estiuese a dita mydição e eu Dioguo de Beya que esto espreuy.

Item aos bj dias do mes dabril de mjl e quynhemtos e xxij anos na çydade de Coymbra e casas de mym espriuão estamdo hy Vasco Ribeiro veador das hobras dos paços da dita cidade per ele foy dito que elrey noso senhor lhe espreuera que mamdase mydyr todalas obras que Marcos Pirez tinha feitas dempreytada nos ditos paços por quamto o dito Marcos Pirez he falecido e ate o presemte se nom tynha feita comta com ele das ditas empreytadas e que per a dita mediçam ele se louuaua em Pedre Annes mestre das ditas obras e em Tomas Fernamdez outro sy mestre de sua alteza da pedrarja aos quaes deu juramemto dos Samtos Avamgelhos que bem

Está portanto, em vista do que fica exposto, perfeitamente averiguada, e demonstrada documentalmente, qual a épocha precisa em que se realizou esta construcção.

---

e verdadeyramente yisem todas as ditas obras que ao dito Marcos Pirez foram dadas dempreytada e as medisem e reçebesem segumdo forma dos comtrautos que lhe logo hy o dito vedor deu e eles por o dito juramemto diseram que asy o fariam e por verdade asynou aquy com ho dito vedor e eu Dyoguo de Beya espriuam das ditas obras que esto espreuy.

E despois desto no dito dia o dito vedor mamdou a Bastiam Paez homem das ditas obras que fose dizer a molher de Marcos Pirez como se ele tynha louuado nos sobre ditos Pedre Annes e Tomas Fernamdez que visem e mydisem as ditas obras e que ela por sua parte se louuara em outra pesoa ou pesoas que com eles fizesem a dita mydiçam e o dito Bastiam Paez foy loguo e dise que lhe noteficaua todo o que dito he e que ela lhe disera que ela comfiaua nos dictos Pedre Annes e Tomas Fernamdez e que alem deles ela mamdaria la algũa pesoa que com eles amdase e requerese sua justiça e visto per o dito veador sua reposta mamdou que outra vez lhe fose noteficado e que com o que disese se fezese hum termo e ela o asynase Dioguo de Beya espriuam das ditas obras que o espreuy.

E despois desto no dito dia e casas do dito veador estamdo ele hy peramte ele pareçeo a dita Ines Diaz molher que foy do dito Marcos Pirez pola qual foy dito ao dito veador que ela se louuaua pera estar a dita mydiçam por sua parte em Gonçalo Martjnz seu cunhado pedreyro morador na dita cidade que com os sobre ditos amdasem na dita mydiçam e o dito veador mamdou asy todo escreuer e eu Djoguo de Beya espriuam do almoxarifado que esto espreuy.

E despois desto aos dez dias de junho do dito anno de mil e quynhemtos e vymte dous annos na dita cidade semdo o dito veador ele hy peramte ele pareçeo a saber a dita Ines Diaz e Pedre Annes e Tomas Fernamdez e Guomçalo Martjnz e Pedre Anes e per a dita Ines Diaz foy dito ao veador que os sobre ditos estauam descomcertados na dita mydyçam e lhe pareçia que hya nyso em ero que lhe requerya que a dita obra fose mydida por Guomçalo Madeyra mydjdor da dita cydade por ser pesoa que nyso bem emtendia e a tinha medida ja em tempo de Marcos Pirez e

De todos os dados, que acabamos de referir, se conclue, que o actual edifício da capella da Universidade foi princi-

---

visto por o dito veador seu dizer fez pergumta aos sobre ditos Pedre Annes e Tomas Fernamdez e Guomçalo Martjnz que era o que lhes diso pareçya e por o dito Pedre Annes foy dito que ele tornara a reuer a dita mydiçam e que achaua jr omde (?) comtra a dita Ines Diaz e que o dito Guomçalo Madeyra era dado por oficial do dito ofiçio e o sabia muy bem fazer e que ele e Guomçalo Martjnz lhe pareçya que deuyam mamdar medir a dita obra e vysto per o dito vedor a dita duujda mamdou aos sobre ditos que a tornasem a reuer e fose a dita mydiçam descretamemte e eu Dioguo de Beya que esto espreuy.

E em comprimento do qual fezeram os sobre ditos a mediçam segymte:

Mediçam das obras dos paços delrey Noso Senhor que fez Guomçalo Madeyra per mandado de Vasco Ribeyro das obras de Marcos Pirez mestre delas

Item na medida do eyrado se achou oytemta e seis braças e quoremta iij palmos.

Item avaliaramse as lageas do dito eyrado em dous mjl e noueccemtos b reaes.

Item achouse na parede da sala da bamda do tereyro nouemta quatro braças e tres quartas e onze palmos.

Aposemtamemtos dos jnfantes

Item nas primeyras duas camaras dos aposemtamemtos dos jnfamtes que estam sobre a varamda a par da porta da emtrada do tereyro acharamse çertas tyrados os vãos.

Item majs nas outras duas camaras loguo seguymtes se acharão tyrados os vãos xxxbj braças e xbj palmos e meo.

Item nas outras duas que sam as terçeyras se acharão tirados os vãos ficaram certas xxbj braças e mea e bj palmos e meo.

Item majs nas outras duas camaras seguymtes que sam os quartos se acharam tirados os vãos xxiij braças e Rbiij palmos e meo. Sam as braças dos aposemtamemtos acima dos jmfamtes cemto biij° braças e mea xxbij palmos e iij quartos.

piado por ordem de D. Manuel depois de março de 1517; e que, ao fallecer este monarcha a 13 de dezembro de 1521,

---

Item se mediram as outras duas camaras que sam as quymtas e se acharam tirados os vãos ficaram certas xj braças e xxxbiij palmos.

Item majs de bicos e outras cousas de pedaços que se mydiram em que se acharam duas braças e seis palmos e tres quartos.

Item mais se medio a parede que core de fora da varamda e acharam certas tirados os vãos xxxiij braças e mea e xxbiij palmos.

Item majs na parede da varamda da parte do tereyro se acharão tirados os vãos xxbiij braças e xxxb palmos.

Item majs na parede abayxo da varamda da bamda do tereyro se acharam cymco braças e mea e xbij palmos.

Item majs hũa braça no quanto das varamdas e cymco palmos.

Item majs se medio a parede damtre as camaras e a varamda e acharam tirados os vãos trynta e oyto braças e mea xbiij palmos.

Item se mydyram cymco arcos que estam debayxo da varamda e acharamse quatro braças e xx palmos.

Item majs na primeyra casa da par do cobelo que sam as logeas das outras casas de cima e o cobelo e o eyrado do cabo xij braças e ix palmos. Soma cemto xxxbij braças xxb palmos iij quartos de palmo.

Item majs na houtra logea seguymte de duas paredes tyrados os vãos xiiij° braças iij quartos ij palmos.

Item majs na outra terçeyra casa se mydiram nas paredes tirados os vãos acharam certas xiiij braças iij quartos e ix palmos.

Item majs hũa parede apar da sala descomtamdo os vãos e asy outros buracos de sobre as janelas e portaes iij braças e mea.

Item se medio o cubelo gramde do cabo e achouse certas tirados os vãos xxb braças xxbij palmos.

Item majs se medio outro cubelo seguymte e acharam certas xxb braças e mea xx palmos.

Item majs se mydio o muro da bamda de fora e se acharam certas lxx braças e mea xbiij palmos.

Item majs mediram a parede da repartyçam damtre as logeas da par do cubelo gramde e tem b. peças x braças e R. palmos.

Item majs outra parede doutra repartyçam seguymte tem certas biij braças iij quartos e biij palmos e meo.

estava quase completa a obra de pedreiro, pois nos princípios de 1522 restava apenas por fazer todo o ladrilhamento, os

---

Item majs a terceyra parede damtre as mesmas logeas ix braças e mea e xix palmos.

Item majs de huns pedaços de parede em que momtou hũa braça e b palmos. Soma cemto lxbj braças e mea e xxiij palmos e meo.

Item majs se medio a parede que core debayxo da varamda e tem tyrados os vãos acharam cymcoenta iij braças e hum palmo.

Item majs se mediram os pedaços ij braças e xxij palmos.

Item majs na logea que parte com a sala e com hũa parede que esta abayxo da janela da mesma logea acharam certas seys braças.

Item majs achamos no muro que core da porta do tereyro ao longuo da varamda da porta de fora tres fiadas de parede que tem ix braças. Sam das braças dos aposemtamemtos dos jmfamtes iiij^{c} lxxxij braças e mea Rij palmos. E quamto as mydições e as guarnyçoes nom as asemtamos aquj por que as açamos estarem certas hũas com as outras ja fectas damtes.

E despois desto aos xxiij dias do mes de junho de mjl e quynhemtos e vymte dous annos na çidade de Coymbra e casas de mym espriuam pareceram hy Guomçalo Madeyra e Guomçalo Martjnz pedreyros moradores na dita cidade e diseram que eles por mamdado de Vasco Rybeyro veador das obras dos paços delRey noso senhor mediram todas as aluenarias atras espritas aos quaes eu espriuam dey juramemto dos samtos Avamgelhos de mamdado do dito veador se aviam por boa a dita mydiçam que feita tinham e eles por o dito juramemto diseram que eles tynham feita a dita mydyçam bem e verdadeyramente e aviam por bom o que mediram e por verdade asynaram aquy e eu Dioguo de Beya espriuam das obras que esto espreuy.

E loguo no dito dia na dita cidade de Coymbra e casas do dito veador estamdo ele hy peramte ele pareçeo a dita Ynes Diaz molher do dito Marcos Pirez e asy o dito Guomçalo Madeyra e Pedre Anes e Guomçalo Martjnz e o dito veador com eles fez comta per a mydiçam a tras esprita de todas as aluenarias que ate o presemte eram fectas nos aposemtamentos dos jmfantes e achouse por verdadeyra comta que tem feitas nos ditos apousemtamemtos quatro çemtos e oytemta e duas braças e que momta a iiij^{c} lxxx reaes duzemtos e trymta dous mjl e dez reaes.

degraus, e o guarnecimento de cal tanto por dentro como por fóra. Tudo o mais estava pronto.

Item diseram que mediram a parede da sala e que lhe acharam nouemta e quatro braças e tres quartas e xj palmos e meo a iij^{c} l reaes a braça em que monta $\overline{xxxiij}$ ij^{c} biij^{o}.

Item diseram que mediram a parede do heyrado com o peytoril que acharam oytemta e seys braças e hũa quarta e tres palmos a quatro çemtos reaes a braça em que momtam $\overline{xxxbij}$ iiij^{c} lxij reaes.

Item diseram que avia daver das lageas que pos no eyrado sobre o peytoril $\overline{ij}$ ix^{c} l reaes.

Item viram os comtrautos e diseram que avyam de aver dos dez arcos das varamdas do apousemtamemto dos jmfamtes a dous mjl e bj^{c} reaes por arco em que momtam vynte seys mjl reaes — $\overline{iij^{c}xxbiij}$ bj^{c} lxxx.

Item viram seys arcos de repartymemtos das dictas casas de que adaver a mjl b^{c} reaes cada hũa em que momta $\overline{ix}$ reaes.

Item diseram que tinha feitas xxbiij^{o} janelas nos apousemtamemtos dos jmfamtes a dous mjl b^{c} reaes a janela em que momtam $\overline{lxx}$ rs.

Item diseram que tinha feitos no dito apousemtamento dos jmfamtes xix portaes a dous mjl reaes cada hum $\overline{xxxbiij^{o}}$ reaes.

Item diseram que avia majs daver doutras janelas e portaes a saber de quatro na sala a ix^{c} reaes cada hũa e do portal da emtrada da sala $\overline{iiij}$ reaes e outros dous na logea da dita sala a $\overline{iij}$ reaes cada hum e de hũa fresta que fez que val $\overline{ij}$ reaes que sam por todos dezaseys mjl e bj^{c} reaes.

Item diseram que nas casas que estam ladrilhadas açhauam nouemta tres braças a iiij^{c} lx reaes a braça momta quoremta e dous mjl e seteçemtos e oytemta reaes.

Item diseram que mediram todalas guarnyçoes das paredes e que açhauam bij^{c} Riij braças e dos vãos xxxbj braças majs que sam per todas bij^{c} lxxix braças e b palmos a cemto reaes a braça em que momta $\overline{xxbij}$ ix^{c} reaes. Soma $\overline{ij^{c}liiij^{o}}$ ij^{c} lxxxb reaes.

Item comtaram as ameas guarnecydas e diseram que sam çemto e noue ameas de que adaver a ij^{c} reaes cada hua em que momtam vymte hum mjl e oytoçemtos reaes.

Item comtaram majs as ameas por guarneçer e diseram que sam ij^{c} e duas que valem semdo guarnecydas qoremta mjl e iiij^{c} reaes e achauam que avia mester pera se guarnecerem $\overline{xbj}$ cemto reaes e asy fycam.

Segundo se deprehende dos mesmos documentos, continuou com a obra *Tomas Fernandez outro sy mestre de sua*

Item diseram que avia daver dos peytoris que fez nas janelas de que tirou outros quebrados e asy desquebrados em que momtam $\overline{ij}$ bij^{c} reaes.

Item diseram que tinha laurada pedraria que esta no tereyro nom emtramdo aquy os sete arcos em que momta dez mil e seys çemtos e nouemta reaes.

Item diseram que avia daver do cubelo que fez com quymze ameas ao redor que val ao todo $\overline{Rbj}$ mjl b^{c} reaes e por as ameas nom serem guarneçidas que avia mester mjl reaes pera se guarneçerem e asy ficam quoremta cymco mjl e b^{c} reaes.

Item diseram que avia daver do coregymemto do outro cubelo quatro mjl e b^{c} reaes.

Item diseram que viram o comtrauto que adaver da varamda da senhora Rainha que fez quoremta mjl reaes. $\overline{cemto\ I}$ iiij^{c} lR reaes.

Item diseram que mediram os telhados nos quaes acharam quynhemtas e trimta braças de que avia daver çem mjl reaes se chegasem a b^{c} braças e se majs fosem nom avia daver majs que os ditos çem mjl reaes e destes lhe foy descomtados quatro mjl telhas que ele gastou no ladrilhar dos cayamemtos que aviam de ser ladrylhados de tigolo azul a sua custa e ele felos da dita telha que lhe ade ser descomtada a mjl e oytoçemtos reaes por mjlheiro em que momtam $\overline{bij}$ ij^{c} reaes asy que ha daver deles nouemta e dous mjl e oytoçemtos reaes e oluylho aviam de ser lxxx braças e he xj braças e xxx iiij palmos que lhe descomtam a mjl reaes a braça em que momtam cymco mjl e oytemta bij reaes e meo e asy adaver $\overline{lxxxbij}$ bij^{c} xij rs.

Item diseram que avia daver de cousas que fez polo meudo de emmemda que fez em cousas que lhe mamdaram emmemdar e coreger por hum comtrauto que se nom decraram por serem meudezas com hũa janela que fez no oytauo da varamda em que todo momtam oyto mjl e duzemtos e cymcoemta reaes.

Item diseram que viram sete arcos que estam laurados polo tereyro por asemtar de que adaver a dous mjl e oytoçemtos reaes por cada hum asemtado e por nom serem asemtados lhe descomtam a bj^{c} reaes por arco asy que feito o dito descomto adaver deles quymze mjl e iiij^{c} reaes.

alteza da pedraria. A de carpinteiro também certamente estava ao tempo bastante adeantada, se é que se não achava

---

Soma do que tem merecydo ao todo sam biij^{c} r biij mjl e biij^{c} e xij reaes.

Descomtos que se ham de fazer ao dito Marcos Pirez que am de sair do que tem merecydo por lhe serem pagos e os ter por fazer escreuem do tempo de Guomçalo Priuado.

Item no tempo de Guomçalo Priuado lhe foy paga toda a capela e tem por ladrilhar a dicta capela e fazer os degraos dela por que lhe am de ser dadas as lageas e momta somemte das mãos no que esta por fazer $\overline{b}$ çemto reaes.

Item tem por guarneçer a capela que sam lxxij braças e R. palmos da parte de demtro e da parte de fora estam por guarneçer lrix braças que sam por todas çemto lxxj braças e mea e coremta palmos que se mereçe somemte das mãos $\overline{bj}$ çemto lr. reaes.

Item tem por fazer as tres escadas a saber a do apousemtamemto da senhora rainha e as duas delRey e foy avaliado o que esta por fazer nelas a fora as açheguas que lhe am de ser dadas $\overline{xxxb}$ reaes.

Item diseram que na varamda da senhora Rainha achauam ajmda por fazer todalas cymalhas que se mereçem delas $\overline{iiij}$ bij^{c} l reaes e asy se mereçe de telhar sobre as ditas cimalhas e repyeyros ditos arcos e fazer as jumtas e fazer duas vinhas no cunhal do meo sobre que vem o cano e por hũa gargora mjl çemto l. reaes.

Item açharam que se mereçe de repiados dez arcos da varamda dos jmfantes iiij^{c} reaes e do repear os arcos dos repartymemtos çemto l reaes e das janelas do cubelo e rebatos e outras cousas meudas e cupires e culunas se mereçe de todo $\overline{xiij}$ iiij^{c} xbj reaes.

Item deue a obra quatro çemtos e oytemta caradas de pedra que valem a dez reaes a carada em que momtam $\overline{iiij}$ biij^{c} reaes.

Item deue a obra que lhe emprestou oyto moyos de cal a saber quatro de delgada e outros de grosa e os de grosa emtreguou e a delgada lhe descomtam a çemto reaes por moyo em que momta bj^{c} reaes. — soma dos descontos $\overline{lxbj}$ ij^{c} l bj.

Item tenho eu Diogo de Beya espriuam das obras posto em lembramça que o dinheiro que Marcos Pirez tem recebido dos emprestidos a tras espritos asy do tempo de Guomçalo Priuado como de Nycolau Leytam que foram veadores das obras e asy de Vasco Rybeiro veador delas he ho seguymte e por que os lyuros delas

concluída de portas e tecto, como deverá inferir-se do estado em que se encontrava a parte pertencente aos pedreiros.

---

estam nos comtos reportome a eles pera que se coteye estas adiçoes com eles e sua alteza nom va em ero nem o dito Marcos Pirez.

Item no emprestido dos telhados reçebeo Marcos Pirez de Guomçalo Priuado $\overline{xj}$ xj reaes e no tempo de Nycolau Leytam $\overline{Rb}$ reaes e asy recebeo de Vasco Ribeiro no ano de b^c.xbiij — $\overline{xxxiiij}$ reaes que sam por todos $\overline{IR}$ xj reaes.

Item da empreytada dos cajamemtos remeis em meos tem recebido o dinheiro seguymte a saber de Nycolau Leytã $\overline{lxb}$ cemto xx reaes.

Item da empreytada das paredes da sala reçebeo o dinheiro seguymte a saber de Nycolau Leytam $\overline{IR}$ reaes e de Vasco Ribeiro no ano de b^c e xbiij^e cemto ix mjl reaes que sam por todos çemto e nouemta e noue mjl reaes.

Item tem reçebydo da empreytada noua das casas dos jmfamtes de Vasco Ribeiro no ano de b.^{c} xbiij çemto e oytemta mjl reaes e no ano de b.^{c} xxj cemto e seys mjl e b.^{c} reaes que sam por todos $\overline{ij^c\ lxxxbj}$ b.^{c} reaes.

Item tem reçebyda majs de empreytada das guarnyçõe dos cubelos dos paços da parte de fora no ano de b.^{c} xxj annos $\overline{xxbiij}$ reaes damte mão.

Item de empreytada dos ladrylhos e guarnyçoes e aluenarias recebeo o dinheiro seguymte:

Item recebeo no ano de b^c xix $\overline{ij^c\ IRix}$ e bij^c lxxij reaes e no ano de b^c xx — çemto $\overline{R}$. iiij^c R bij e neste mesmo ano $\overline{cemto\ xij}$ que sam por todos $\overline{b^c\ liiij}$ ij^c xix reaes.

Item tem majs recebido per sy mesmo $\overline{R}$ reaes em parte de pago da empreytada das cozynhas os quaes coremta mjl reaes ele trazia do tempo de Guomçalo Priuado dante mam da empreytada dos eyrados e capela os quaes ele deuya a sua alteza e eu espriuam lhos emtregey em reçeyta sobre Vasco Ribeiro e o dito Vasco Ribeiro lhos deu em parte de pago da empreytada das cozinhas dante mão $\overline{R}$ reaes. Soma do que tem reçebido hum comto e ij^c lxj mjl e biij^c l reaes.

E ajumtados aquy os $\overline{lxbj}$ ij^c lbj reaes que deue das cousas que nom fez como atras fycam decraradas e por todo o que deue com o que tem recebido que he hum comto e duzemtos e sesemta hum mjl e oytocemtos e cymcoemta que sam por todos hum comto e trezemtos e vymte oyto mjl e cemto e seys reaes.

Parece que toda a obra de carpintaria do novo edifício manuelino do paço real da Alcáçova de Coimbra e da respectiva

---

E tirados daquy os oyto cemtos e quoremta e cymco mjl e oytocemtos e doze reaes que se acha que tem merecydo no que tem feito fyca deuemdo o dito Marcos Pirez a sua alteza quatrocemtos e oytemta e dous mil e duzemtos e nouemta quatro.

Sam menos os $\overline{ij}$ ix^{c} l reaes das lageas.

Item a varamda da Senhora Rainha se telhou a custa de sua alteza e leuou de telha sete mjl e quynhemtas telhas e o dito veador a comprou per a o dito Marcos Pirez a nom querer por e dizer que nom era a jso obriguado e veyase o comtrauto e se a ele hade por descomteselhe e emtregese este dinheiro majs na dyuyda a b.^{c} reaes o mylheyro. Sam $\overline{iij}$ bij^{c} l reaes e demtro aos paços b.^{c} l reaes que sam por todos $\overline{iiij}$ iij^{c} reaes — jsto nom detremynou o veador por a tambem ter duuyda e o remeteo ao senhor amo com o trelado deste auto que lhe o veador mamdou pera que o deteremynase. E despois desto aos tres daguosto de mjl e quynhemtos e vymte seys (*sic*) annos na dita cidade e casas de Vasco Ribeiro veador estamdo ele hy peramte ele pareçeo Ynes Diaz molher do dito Marcos Pirez e dise ao dito veador que lhe requeria que lhe descomtase da dita dyuyda dous mjl cemto lrbj tigelos mazajs em que momta a mjl e iiij^{c} l reaes o mylheyro que lhe tomou que tynha nos ditos paços e asy seys mylheyros de tigelo daluenaria que lhe outro sy tomauam pera as ditas obras que hum e outro tinha nos ditos paços com a qual o dito veador fez comta por lhe o dito tegelo ser tomado pera as estrebarias que se neste anno fizeram per seu mamdado e no tigelo muzaal momta a mjl iiij^{c} l reaes por mylheyro por estar demtro nos ditos paços $\overline{iij}$ cemto lxxx reaes e nos seys mylheyros daluenaria a bj^{c} reaes por mylheyro por outro sy estar nos ditos paços em que momta $\overline{iij}$ bj^{c} reaes os quaes jumtos aos $\overline{iij}$ cemto lxxx reaes do tigelo mazuel sam por todos seys mjl e seteçemtos e oytemta reaes os quaes lhe a dita Ines Diaz requereo que lhe descomtase da dyuyda que deuya por lhe o dito tigelo fycar nos dictos paços e lhe nom mymgoa tomado se nam agora e estar por seu os quaes $\overline{bj}$ bij^{c} lxxx reaes descomtados.

Deue tyrados estes descontos iiij^{c} $\overline{lxxij}$ ij^{c} xx reaes».

(Torre do Tombo. *Corpo chronologico*, part. 1, maço 27, doc. 117).

capella foi executada por *Pedre Anes, carpinteiro dos paços dell Rey nosso Senhor desta cidade*[1], o qual era *gemro da dita Lianor Afonso*, e por tanto cunhado de Marcos Pírez; tinha uma filha casada com o pintor Christóvão de Figueiredo[2], mencionado pelo conde Raczynski[3] e por Sousa Viterbo[4], e outra, de nome Isabel Pírez, com o grande esculptor João de Ruão[5]. Pedro Annes era, segundo se lê em uma carta régia datada de Évora a 29 de julho de 1524, *carpẽteiro, mestre da carpẽtaria de todalas minhas obras, tirãdo Ribeira*[6].

O estado em que a obra se encontrava em 1522, e o espírito piedoso de D. João III, que certamente desejaria o pronto estabelecimento do culto divino em a nova capella dos seus paços de Coímbra, levam-nos a suppôr que o edifício religioso ficaria acabado em breve tempo, sob a direcção dos mencionados Pedro Annes e Thomás Fernández; e, sendo assim, já a capella estaria acabada quando Diôgo de Castilho, depois de ter trabalhado sob a direcção de seu irmão mais velho João de Castilho na construção da abóbada debaixo do côro da sé de Viseu, e em seguida na obra do mosteiro de Belém, obteve ser nomeado mestre das obras dos paços de Coímbra, por carta régia de 7 de abril de 1524[7].

*

Em 1537 installa-se nos paços reais a Universidade, e dez annos mais tarde encontramos o antigo mestre das obras dos

---

1 Torre do Tombo. *Corpo chronologico*, parte 1, maço 29, doc 16 — *Auto da visita e aualiação que se fez da obra que aa mester se fazer no mosteiro de S. Jorge* (apud Viterbo, op. cit., t. 1, p. 33).

2 Sousa Viterbo, op. cit., t. 1, p. 36.

3 *Dictionaire historico-artistique du Portugal*, p. 97.

4 Loc. cit.

5 Ibid., p. 37.

6 Torre do Tombo. *Corpo chronologico*, parte 1, maço 117, doc. 97 (apud Viterbo, loc. cit.)

7 Viterbo, op. cit., t. 1, p. 170 e segg.

paços reais, Diogo de Castilho, já então honrado com o título de cavalleiro da casa real, nomeado *mestre das cbras de pedraria e aluenaria da dita Vniversidade* por alvará de 18 de março de 1547 [1].

Mas nestes tempos, e nos próximos seguintes, não se realizaram na capella obras de importância. Notemos aqui, pela ordem chronológica, as referências que temos encontrado a obras feitas no edificio até ao fim do século XVI.

A 1 de março de 1549 mandou a mêsa da fazenda da Universidade *pagar aos empreiteiros q̃ lageam a capella de sam miguel das scholas tres mil rrs* [2]. Substituir-se hia nesta época o primitivo ladrilho por lageado em todo o pavimento, ou lagear-se hia a capella mór apenas? Não o sabemos, nem temos notícia da importância total da obra.

Em mêsa a 29 do mesmo mês lembrava o capellão-thesoureiro *q̃ se tapasem as frestas q̃ estão as ilhargas dos altares, & q̃ se guarnecese a capela, & se cõçertasẽ os altares* [3]. Esta lembrança foi attendida em parte, em sessão de 29 de abril seguinte, pois *mãdouse na dita Messa q̃ se pase mãdado p.ª nicolao leitão mãodar tapar as frestas da Capella de tijollo, & q̃ mãde guarneçer os altares da dita Capella dazulejos, & não os avẽdo q̃ se cõçertẽ os cãtos delles de taboado ou tijollo por a cal não danar as toalhas, ... & se pinte o ãjo* [4]; referéncia certamente à imagem do archanjo titular, que devia estar no altar-mór.

No anno de 1557 foi assente um púlpito de pedra, obra de Gaspar da Costa, avaliado pelos louvados João de Ruão e João Gonçálvez em 6$000 reis, que se mandaram pagar a 6 de abril do anno referido [5].

Obras de alguma importância foram feitas por Pedro Gaspar *nos telhados & paredes & simalhas da Capella da Vnju.de por m.do da mesa sendo R.or o S.or Dom Nuno de No-*

---

[1] Viterbo, op. cit., p. 179, extrahido dos *Escriptos diversos* de A. Filipe Simões, p. 227.

[2] *Mesa da fazenda*, t. 1, l. 2, fl. 17 v.º

[3] Ibid., fl. 23 v.º

[4] Ibid., fl. 33 v.º

[5] Ibid., fll. 140 v.º e seg.

ronha (1578-1584), de que lhe ficáram em divida 15$777 reis, que em mêsa a 30 de agosto de 1593 lhe fôram mandados satisfazer [1].

Achando-se a antiga pia da agua benta, provavelmente embutida na parêde, em sítio a onde não podia commodamente chegar-se, por causa dos bancos, em vesitação de 30 de maio de 1598 deu-se ordem para dali se remover, mudando-se para mais perto da porta [2]; ordem esta que não foi logo satisfeita, insistindo-se na sua urgéncia na vesitação seguinte, a 5 de dezembro [3]. Esta antiga pia desappareceu, collocando-se em vez della uma que aínda hoje lá se encontra, à direita de quem entra a porta principal.

As portas da capella estavam já bastante deterioradas, como se verificou em visitação de 22 de março de 1600; pelo que os vesitadores ordenaram ao padre thesoureiro, que as mandasse ver por um bom official, para se concertarem ou fazerem de novo [4].

*

Nos três séculos depois decorridos, não fôram grandes as transformações soffridas pelo edifício da real capella da Universidade.

Em 1613 revestiu-se toda a capella-mór de azulejos, os mesmos que aínda hoje lá se vêem. Fôram fabricados em Lisbôa por Gabriel Ferreira, e faziam parte de uma grande encommenda de 14:000 azulejos (ou mais se fôssem necessários), *sendo cinquo mil delles de folhagem, e os demais das tres obras,* devendo ser fornecidos, a preço de 16 reis cada um, até ao fim de agosto de 1612 os 5:000 de folhagem, azuis e brancos; até dia de Natal immediato os restantes. Deste contrato lavrou-se escritura a 3 de agosto do referido anno [5].

---

[1] *Fazenda*, t. 3, l. 1, fl. 35.
[2] *Vesitação da Capella*, t. 1, fl. 6.
[3] Ibid., fl. 8 v.º
[4] Ibid., fl. 12 v.º
[5] *Escrituras da Universidade*, t. 19, l. 3, fl. 97.

Jorge Gonçálvez, *mor nesta cidade a monteRojo, mestre de asentar azulejo*, por escritura de 10 de agosto de 1613 deu quitação à Universidade da quantia de 56$000 reis, por *que elle tratara cõ o sor Reitor & v.de de asentar todo o azulejo da capella de sam miguel da vde quanto diz do arco pa demtro da capela mor* [1].

*

É por esta mesma occasião que se assenta o grande retábulo, que ainda hoje veste a parede toda do topo da capella mór.

Tem este retábulo uma história, e peço licença para nella me demorar um pouco mais Os eruditos, que se preoccupam com a história da arte portuguêsa, certamente me absolverám deste peccado, em troca de uma revelação interessante que vam encontrar em uma página de péssima caligraphia e pouco melhor orthographia, que até hoje se tem conservado recóndita em um dos muitos livros de escrituras da Universidade, e que eu agora denuncio, trazendo-a pela primeira vez a público.

Vamos pois à história.

*

Bem modesto devia ser o primitivo altar-mór da capella manuelina de S. Miguel. A mesa do altar, encimada por um pequeno retábulo de escultura ou de pintura, representando o archanjo com os seus attributos usuais, a balança, o escudo e a lança, subjugando e ferindo o dragão infernal; ou talvez um símplez nicho, onde tivesse sido collocada uma antiga imagem do padroeiro, conservada piedosamente na substituïção do velho templo románico. A ordem emanada da mêsa da fazenda a 29 de abril de 1549, para que *se pinte o ãjo*, à qual já fiz referéncia [2], torna mais provavel esta última hypóthese.

---

[1] *Escrituras*, t. 20, l. 1, fl. 28.

[2] Vid. supr., p. 57.

*

Começa porém a reconhecer-se a insufficiéncia deste altar, a confrontar-se a sua mesquinhez com'a majestade do bello edifício, em que occupava o logar de honra, e d'aí a aspiração e desejo de todos, de o verem substituído por um retábulo condigno da capella real, e da Universidade.

A 20 de junho de 1601, indo à capella em vesitação o reitor Affonso Furtado de Mendoça e o lente de prima de theologia dr. Francisco Suárez, antes de mais nada feriu-lhes desagradavelmente a vista o pobre retábulo, e, fazendo-se ecco da opinião geral, ordenaram ao escrivão G. Lourenço de Gueris, que escrevesse: — *Primeiram^te nos pareceo bem que se represente a sua Mag^de a necessidade que a dita Capella tem de hũ retabolo no altar mor; e que agora ha m^ta commodidade pera se fazer, assim da parte da v^de, como por estarem aqui de presente officiaes de fora m^to bons, chamados a outras obras pollos não auer moradores nesta Cidade, nem derredor della, e assim com esta occasião se poder fazer com menos custo que nunqua* [1].

Não sei se a representação chegou a ir, e se voltou resposta; o que sei é que foi encommendado um projecto para o novo retábulo, e que a mêsa da fazenda, em sessão de 5 de julho de 1605, assentou *q̃ se desem doze mil rs a bernardo Coelho pello rascunho e traça q̃ troixe pera o retabollo da v^de por assim parecer na mesa da Reformação* [2]. Estava então em Coimbra, como reformador da Universidade, desde 10 de novembro de 1604, D. Francisco de Bragança, para esta missão nomeado por provisão régia de 20 de março do referido anno.

Não tornamos a encontrar referéncia ao projectado retábulo senão, decorridos cinco annos, em uma carta régia de 23 de novembro de 1610, dirigida ao reitor, com a qual se devolve o projecto que ha annos tinha ido para Madrid, e se ordena que se execute com a maior brevidade e perfeição o retábulo segundo aquelle modêlo, visto haver dinheiro, do qual porém se retirarám primeiro três mil cruzados para a obra das classes menores [3].

---

[1] *Vesitação*, t. 1, fll. 16 v.º, e seg.

[2] *Fazenda*, t. 3, l. 3, fl. 50 v.º

[3] Eis o texto da carta: — «Dom Francisco de Castro Rector amigo Eu ElRey Vos enuio m.^to saudar. Ha annos q̃ se me enuiou o

Põe-se em praça a obra, e a 2 de agosto de 1611 lavra-se a escritura do contrato, pelo qual *Simão da Motta, samblador, morador nesta cidade,* se obriga a fazer o retábulo, *comforme a trassa que elle vio & entendeo,* pela quantia de 420$000 reis; *o q^l fara de bordo m^lo fino bom e bem sequo, com toda a perfeição da dita trassa, dentro de outo meses* [1].

Nova carta régia, em data de 14 de setembro immediato, manda retirar parte do dinheiro que estava em depósito, e applicá-lo a obras das classes menores [2]. Mas o retábulo foi-se

---

modelo que se fez, para o retabolo da Capella dessa Vniuersidade, cuja obra por a falta q̃ hauia de dinheiro se foi dilatando attegora, sendo justo que pola qualidade de que he, se prefira a todas; E assi hauendo de presente o dinheiro que por Vossa ordem se tem cobrado das diuidas atrazadas, me pareçeo mandaruos enuiar o ditto modelo (que se uos dara com esta minha carta) pola qual Vos encomẽdo muito, E mando que com toda a breuidade ordeneis (dando disso conta aos officiaẽs da Vn.^de a que he costume) que do dinheiro das dittas diuidas se faça esta obra em toda perfeição conforme ao modelo, pondosse em pregão para se dar de empreitada a officiaẽs que bem o entendão com a segurança necess.^a e com tempo limitado e... proueito da Vniuersidade que puder ser, e como Vos o procurais, de q̃... bem seruido, e o serey de que Vos apliqueis muito esta obra e me *(ireis da)*ndo conta do que nella se fizer: porem primeiro que se tratte della *(será?)* cumprido o que por outra minha carta Vos tenho mandado sobre o pagamento dos tres mil cruzados que se hão de dar para a obra das classes menores. Escrita no Pardo a 23 de Nouembro 1610.

Rey . . .

Conde de Ficalho

P.^a o Rector da Vn.^de de Coimbra».

(*Provisões antigas,* t. 1, fl. 107).

[1] *Escrituras,* t. 19, l. 2, fl. 165.

[2] Diz assim: — «Reitor amigo Eu ElRey Vos envio muito saudar. Hauendo Visto o q̃ escreuestes em carta de 27. de Junho sobre o dinheiro que esta no cofre do deposito das diuidas dessa Vniuersidade, e sobre o que será neçess.^o para a obra do retabolo da Capella, e podera ficar para se continuar a das classes meno-

executando, e o reitor, ao dar conta do adeantamento em que elle ia, lembrou ao rei a conveniéncia de se irem fazendo outras obras na capella, e bem assim as portas de entrada do terreiro da Universidade; ao que o monarcha respondeu a 17 de janeiro de 1612, ordenando que primeiro se complete o altar, de pintura e douramento, em seguida se proceda à outra obra na capella, e por fim às portas do terreiro [1].

---

res; hey por bem, e mando que do dinheiro que esta no ditto cofre do deposito façais dar aos Religiosos da Comp.ª mil cruzados para a obra das dittas classes, e assj mais os quinhentos mil reis que por conta das mesmas diuidas se hão de cobrar de P.º Soares; os quais se lhe entregarão assy como se forem cobrando. Escrita em sao L.ço a 14 de Settembro de 1611.

Rey . . .

Conde de miranda

P.ª o Rector da Vn.de de Coimbra».

(*Provisões antigas*, t. 2, fl. 129).

[1] Ei-la: — «Rector amigo Eu El Rey Vos enuio muito saudar. Reçebeosse a Vossa carta em que auisastes dos termos em que esta a obra do retauolo da Cappella dessa Vniuersidade, e das que he necess.º fazeremse na Igreja e portas do terreyro; e pareçeome agradeçer uos o cuidado com que attendeis a estas cousas de que me hey por bem seruido; e encomendaruos (como faço) que procureis ução a diante; e antes de dar prinçipio a outra algũa se ponha em perfeição o retauolo assy de pintura como de dourado, e despois se entenda na obra da Cappella, e ultimamente nas portas do terreyro, fazendosse todas estas despesas do dinheiro das diuidas atrazadas da Vniuersidade cuja cobrança esta a uosso cargo, e pondosse em pregão para se arrematarem a quem as tomar em mais acomodado preço, E do que em tudo se fizer me ireis dando conta, para eu o ter entendido. Escrita em Madrid a 17 de Janeiro de 1612.

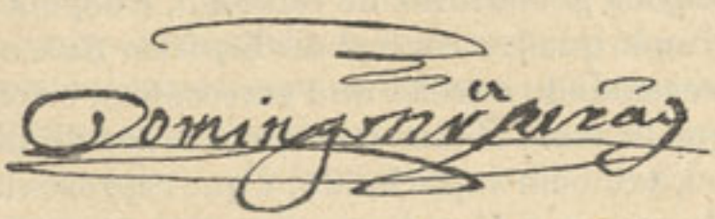
Rey . . .

Conde de miranda

P.ª o Reitor da Vn.de de Coimbra».

(*Provisões antigas*, t. 2, fl. 130).

acompanhava como official ou ajudante. Os nomes de um e de outro sam bem conhecidos, e acham-se inscritos na galeria histórica dos pintores de Portugal. O primeiro é mencionado por Cyrillo Volkmar Machado[1], Raczynski[2] e Sousa Viterbo[3]; o segundo pelos mesmos[4], e por José da Cunha Taborda[5]. Simão Rodríguez, por alvará régio de 20 de maio de 1589,



Assignatura do pintor Domingos Vieira Serrão

fôra dispensado de servir na bandeira de S. Jorge, por *ser hum dos milhores pimtores de ymagynaria dolio que ha nestes Reynos e a dita arte de pimtura de olio e ymaginaria ser havyda e reputada por nobre em todos os outros Reynos*[6]. Domingos Vieira, que aqui encontramos representando um papel secundário, já antes andára trabalhando com Simão de Abreu no convento de Christo de Thomar, em 1592-1594[7]; e apparece-nos, sete annos depois da obra de Coimbra, provido, por morte de Amaro do Valle, no logar de pintor del-rei, por alvará de 1 de junho de 1619[8].

Dos quadros apontados no contracto existem actualmente os dois menores, do *Nascimento de Jesus* e *Adoração dos magos*, e os dois maiores, da *Resurreição* e *Apparecimento de*

---

[1] *Collecção de memorias, relativas às vidas dos pintores, e esculptores, architetos, e gravadores portuguezes*, p. 67.

[2] Op. cit., p. 250.

[3] *Noticia de alguns pintores portuguezes*, série 1, p. 135.

[4] Machado, op. cit., p. 71; — Raczynski, op. cit., p. 303; — Viterbo, *Noticia* cit., série 1, pp. 158 e segg., e série 2, pp. 77 e segg.

[5] *Regras da arte da pintura*, p. 193.

[6] Viterbo, *Noticia* cit., série 1, p. 135.

[7] Ibid., pp. 159 e segg., e série 2, pp. 77 e segg.

[8] Torre do Tombo. *Chancellaria de D. Filippe II*, l. 43, fl. 216 (apud Taborda, loc. cit.).

Christo resuscitado a Nossa Senhora, bem como o oblongo da *Ceia*, que occupa toda a largura do altar; como este, em reformas successivas do pavimento da capella, foi subindo até cêrca de meio metro sôbre a posição primitiva, o quadro da Ceia está actualmente meio occulto pela banqueta, onde assenta a cruz e os castiçais. Fôram arrancados dos seus logares em modificações posteriores do retábulo, e depois desappareceram, o grande quadro central do *Espírito Santo* (provavelmente representando a scena do Pentecostes), e dois pequenos quadros, que ficavam abaixo deste, aos lados do nicho central de S. Miguel, tambem supprimido, e que representavam *Jesus prêso à columna*, e o *Ecce homo*.

Um outro quadro possue a real capella da Universidade, devido ao mesmo pincel, representando S. João Baptista; acha-se depositado no museu de antiguidades do Instituto de Coímbra. É pintado sôbre tela, enquanto que os outros o sam sôbre madeira.

A conclusão do altar foi communicada para Madrid ao real protector, o qual, em carta de 14 de janeiro de 1613, se congratula por isso, fazendo allusão à obra da capella, *que se hia continuando* [1]. Esta obra era a do revestimento de azulejo da

---

[1] «Reitor amigo Eu ElRey uos enuio m.to saudar. Folguei de entender por o que me escreuestes, que esta acabada de todo a obra do retauolo, e que se hia continuando a da Cappella da Vniuersidade, e muito uos aggradeço o cuidado com que assistis a ella, como espero que o façais daqui em diante, e me uades auisando sempre do que se fizer.

Ao Bispo Viso Rey tenho mandado escreuer que emcomende de minha parte ao Colector que faça olhar pola Justiça dessa Vniuersidade na demanda sobre o padroado da Igreja de S. Miguel de Veire. Escrita em Madrid a 14 de Janeiro de 1613.

Rey . . .

Duque de Villahermosa
Conde de ficalho.

P.ª o Reitor da Vniuersidade de Coimbra».

(*Provisões antigas*, t. 2, fl. 106).

capella-mór, a que já nos referímos, e que se achava concluída em julho deste mesmo anno de 1613, pois na vesitação feita a 22 do dito mês escreveu-se: — *Com ocasiam das obras da Capella ouue queixa de auer falta de limpesa; e por estarem as obras acabadas encomendamos muito ao R^do p.^e Thesoureiro mande ter nisto particular cuidado* [1].

Daqui em deante todas as referéncias à limpêza interna das paredes, que com freqüéncia se encontram nos livros, sam concebidas nestes termos, ou semelhantes: — *Caie-se muito bem a capella e limpe-se a capella mór — Caie-se a capella e sacudam-se os azulejos — Caie-se a sacristia e toda a igreja e espane-se a capella mór*, etc.

Quanto às *portas do terreiro* da Universidade, a que se encontram várias allusões nos documentos, e que a carta régia de 17 de janeiro de 1612 mandava que se fizessem logo depois do retábulo e das restantes obras da capella, diremos que se foi adiando a sua execução, até que em 1622 se fez o pórtico das escadas mais tarde denominadas *de Minerva*, vindo a pôr-se lhe o remate com a estatua symbólica sòmente em 1724; o pórtico principal da Universidade, com as suas régias estatuas e figuras emblemáticas, construíu-se em 1634, collocando-se lhe a *porta férrea* em 1640, como lá dizem os respectivos letreiros.

*

Desde o verão de 1647 até ao fim do anno de 1648 andaram obras de importáncia na capella.

A 5 de outubro daquelle anno fôram Manuel de Saldanha reitor, e Fr. Leão de S.^to Thomás lente de prima de theologia fazer a vesita costumada, mas *não se asentou nada de nouo, nem se mandou fazer cousa algũa por estar a Capella ocupada com as obras, e empedida com andaimes* [2].

Não se realizou a vesita, ordenada pelo estatuto, na terceira época deste anno lectivo, isto é *passada a Dominica in*

---

[1] *Vesitação*, t. 1, fl. 60 v.º

[2] Ibid., fl. 107 v.º

albis [1], de 1648; nem a *q̃ se custuma fazer pelo s. Miguel*, a qual só veiu a effectuar-se a 31 de dezembro, *e se dilatou tanto, per a Capella estar impedida com os andaimes das obras q̃ nella se fizerão* [2].

Parece dever daqui deduzir-se que as obras eram então acabadas; mas não. Vê-se pelos successivos pagamentos, registados no livro de receita e despêsa de 1648-1649, que, tendo findado as restantes obras, continuáram entretanto as de pintura, que se protelaram até julho deste último anno.

Ladrilhou-se de novo a capella; substituíu-se o antigo púlpito de pedra pelo actual, fornecendo por 4$000 reis as pedras para a sua base o cabouqueiro da villa de Ançã António Azenha, fazendo a obra de madeira por 20$000 reis Manuel Ramos, e pintando e dourando *o sobreceo* por 7$000 reis Manuel Vaz; assentou-se no topo transeptal do lado do Evangelho a lápide commemorativa do juramento da Conceição, recebendo a quantia de 10$000 reis *Simuel Tibão pella pedra q̃ fes pera capella de Nossa Snra da Lus da vnd^e e letras q̃ nella abrio* [3]; fôram pagos 30$000 reis para azulejo e obras da capella, e mais 20$000 reis *pera os gastos do caretto do Azuleio q̃ vem pera capella da vnd^e* [4], mas não encontrei notícia da quantidade nem do custo de tal azulejo, nem sei a applicação que teve, pois supponho não ser desta épocha o que reveste o côrpo da capella; gastaram-se 33$725 reis no resguardo das janellas com varões de ferro e rede de arame, no que cooperáram Domingos Márquez serralheiro da Universidade, Manuel Fernández ferreiro, e Francisco Jorge vidraceiro, que fez a rede: e, finalmente, fez-se a pintura da capella, figurando nesta obra os pintores Luís Álvrez, Manuel Pereira, e por último Álvaro da Costa que pintou o arco, os quais receberam desegualmente a quantia de 218$000 reis. Supponho que nesta empreitada de pintura sería comprehendido o tecto, que então era de madeira.

---

[1] *Estatutos velhos*, l. 1, tit. 12.

[2] *Vesitação*, t. 1, fl. 107 v.º

[3] *Receita e despesa, 1647-48*, fl. 48. — É neste mesmo lado do transepto, e junto da lápide, que se encontra o altar da Senhora da Luz.

[4] Ibid., fl. 62.

*

Em 1663 fez-se uma alteração no altar mór. Em quinta feira santa e nas festas solemnes armava-se um throno portátil em frente do nicho de S. Miguel, e nelle se fazia a exposição do Sacramento. Mas era difficil ir lá collocar a custódia, e retirá-la no fim. Removeu-se por isso o altar, afastando-o do retábulo e fazendo-o avançar mais para a frente, por fórma que se podesse subir por trás do mesmo, mediante uma escada, e ir-se *à pyrámide* ou throno [1].

*

No transepto, ao lado do Evangelho, havia um altar lateral muito decente, dedicado a Nossa Senhora da Luz, no qual se venerava uma interessante imagem da padroeira da confraria dos lentes e estudantes, que era desta invocação.

Essa imagem aínda hoje se vê sôbre o altar, no mesmo local onde se conserva desde o fim do século XVI, mantendo-se com a pintura e douramento primitivos.

Foi logo na primeira vesita official que à capella fez o *Doctor eximius*, com o reitor dr. Affonso Furtado de Mendoça, a 5 de dezembro de 1597, que estes dois vesitadores mandaram escrever no respectivo assento: — *Tambem pareceo que a Imagem de vulto vestida q̃ estaá em o altar de nossa srã, não esta tão decente como conuem, nem o podera estar pella pouca commodidade que ha na dita Capella de pessoas que a componhão bem; e assim por este como por outros respeitos nos pareceo bem mudala, e por alli huã Imagem de vulto que não tenha necessidade de vestidos, ou huã boa taboa de pinsel da Imagem de nossa srã; e assim ordenamos se fizesse accomodando pera isto a que antes alli estaua se parecesse bastante, e se não mandando fazer outra* [2].

---

[1] *Vesitação*, t. 1, fl. 123 v.º

[2] Ibid., fl. 3 v.º

A nova imagem apparece descrita pela primeira vez no inventário dos móveis da confraria entregues a 15 de março de 1600 ao novo mordomo D. Manuel de Menêses, onde se lê: — *Item huã Sorã de vulto q̃ está no altar da parte da pia cuio feitio custou ao todo 26000*[1]. Em um inventário de 1606 descreve-se assim: — *Huã imagẽ de N. Sõra cõ seu bendito filho Jesu*[2]. Ainda um outro de 1601 acrescenta: — *Huã Senhora de vulto toda estofada douro*[3]. Não resta pois dúvida, que esta é a nova imagem; e não sam necessários mais signais, para reconhecermos a sua identidade com a que ainda hoje existe. É inconfundivel com a que os vesitadores mandaram substituír em 1597, à qual encontramos uma referéncia descritiva em um dos livros da confraria, entre as despêsas do anno de 1599-1600, onde se diz que era *huã Sõra de gonços q̃ então*, isto é, nos annos anteriores, *tinha a cõnfraria*[4].

Imagem de N. Senhora da Luz (sec. XVI)

Sôbre a origem da actual imagem da Senhora da Luz nada mais sei do que o que fica exposto. É certo *q̃ cõ o*

---

[1] *Confraria de N. Sra. da Luz*, t. 1, l. 3, fl. 1 v.º

[2] Ibid., l. 11, fl. 2.

[3] Ibid., l. 5, fl. 1 v.º

[4] Ibid., l. 2, fl. 46 v.º

nicho se mãndou fazer a custa da cõnfraria [1], e que a imagem *custou a dita confraria vinte e seis mil reis* [2].

*

Em correspondéncia com o referido altar da Senhora da Luz havia outro altar, onde se venerava S.ta Catharina, mas que era excessivamente modesto, e destoava. Ajustou-se a 22 de abril de 1690 com Manuel Pereira, escultor, morador na cidade de Leiria, *pera haver de fazer o Retabollo da capella de santa catherina na forma e feitio do de nossa senhora da luz com nicho da mesma sorte, e histo em presso e conthia de setenta e cimco mil reis . . . q̃ he o mesmo presso porq̃ foi o da dita senhora da luz* [3].

*

Feito este altar, e antes do seu douramento, apparece uma nova lembrança.

A real capella da Universidade ia estando muito aformoseada: — o transepto, ornamentado com os seus novos altares e com o bello arco manuelino, rematado lá ao cimo pelas imagens representativas da scena do Calvário, era um ádito magnífico, onde os olhares piedosos se detinham em mýstica comtemplação, e donde em seguida deslisavam e convergiam para o interior da capella-mór; e ali, o brilho dos azulejos que revestiam as paredes, os fulgores do retábulo auriluzente, a doçura e suavidade impressionante dos quadros de Simão Rodríguez que o esmaltavam, as côres variegadas das alcatifas de Castella e de Veneza que tapetavam o pavimento, as colgaduras de precioso veludo e de riquíssimo brocado que pendiam das janellas e do baldaquino, tudo isso dava nos dias de solemnidade um tom de grandêza e magnificéncia a este

---

1 *Confraria*, fl. 37 v.º

2 Ibid., l. 3, fl. 3.

3 *Escrituras*, t. 32, l. 3, fl. 107.

bello scenário, no qual se desenrolavam as majestosíssimas cerimónias da liturgia cathólica.

Uma cousa porém parecia destoar destas grandêzas: era a mesquinha *pyrâmide*, onde entre algumas luzes se expunha o Santíssimo Sacramento sôbre o altar-mór, em frente do nicho de S. Miguel.

Já então havia começado a moda dos grandes thronos, que em breve se generalizou por todo o Portugal e pela Espanha; a Universidade tambem quis seguir a moda.

Arrancou-se a parte central do retábulo do altar mór, comprehendendo o grande quadro do Espírito santo, e bem assim o nicho de S. Miguel e os pequenos quadros que o ladeavam; rompeu-se a parede que ficava por tras, edificou-se uma pequena casa annexa, na qual se construiu um camarim ornado de talha, tendo por bôca a grande abertura resultante da remoção de toda a parte central do retábulo, desde o arco superior até ao quadro da Ceia que lhe ficava ao fundo, e fez-se então de novo uma guarnição de madeira, que se adaptou a emmoldurar essa bôcca. Dentro do camarim ergueu-se o throno.

*

A 2 de junho de 1692 celebrou-se um contrato entre a Universidade e Luís d'Oliveira, official de dourador, natural de Lisbôa, assistente em Coímbra *no dourar do Retabollo da See da mesma cidade*. Em virtude desse contrato obrigou-se elle a *dourar o Retabollo de santa Catherina e estofar a Imagem da Santa, como tambem dourar as tres Banquetas dos Altares da d.ª Capella, e a Renda* (ou guarnição) *que esta na Boca da tribunna que de novo se fez na d.ª Capella, como tambem a da casa emtalhada da mesma tribunna e trono della*, tudo isto pela quantia de 300$000 reis [1].

Resta-nos aínda hoje a imagem de S.ta Catharina com o douramento e pintura de Luís d'Oliveira; a escultura é desta mesma épocha ou pouco anterior, mas nada sei da sua origem.

---

[1] *Escrituras*, t. 33, l. 1, fl. 93.

Também nos resta a maior parte da moldura ou guarnição da bôca do camarim ou tribuna, que se conserva no mesmo sítio; e temos finalmente umas pequenas amostras do revestimento *entalhado* e dourado da própria tribuna, pregadas no extradorso da tribuna actual, e pelas quais vemos que mal empregado foi o ouro que se gastou no seu douramento e no do throno, que devia ser do mesmo género, e que nada temos a lamentar por se não haver conservado essa enxertia bastarda.

*

E que foi feito dos tres quadros de Simão Rodríguez, arrancados para dar logar ao throno?

Os dois menores, representando o *Senhor prêso à columna* e o *Ecce homo*, desapparecêram, não tornando a haver notícia alguma delles; o grande quadro do Espírito Santo, ao retirarem-no do retábulo com a sua respectiva moldura, devem tê lo collocado em qualquer das paredes da capella, pois, na vesitação feita a 6 de maio deste mesmo anno de 1692 pelo reitor Ruy de Moura Téllez e pelo padre-mestre Fr. António Corrêa, se determinou o seguinte: — *E porq̃ o paynel da boca da Tribuna está cõ algũ mao trato, mandamos q̃ se limpe, e concerte o q̃ for necess.º; e ainda q̃ em algumas occasiões se arme a capella, em nenhuã forma se preguẽ pregos, nẽ alfinetes no dt.º paynel; porq̃ de assim se fazer, se tem seguido o maior daño* [1]. No próprio retábulo, onde até então estivera, é que não podia ter ficado, pois nem se adaptava à bôca da tribuna que era consideravelmente maior, nem era praticavel a sua collocação e remoção freqüentes nas festas mais solemnes, para dar lugar à exposição do Santíssimo, porque não podia deixar de ser muito pesado, como pintura sôbre madeira, no género dos restantes; nem se concebe que, se fôsse de tela, nelle se tivessem espetado pregos e alfinetes, como diz o termo referido.

É verdade que no assento da vesitação de 27 de novembro de 1743 lemos esta determinação: — *E tambem ordenamos, q̃*

[1] *Vesitação*, t. 1, fl. 183 v.º

o Agente mande fazer logo hum paynel p.ª a boca da tribuna em panno a milhor cousa q̃ poder ser, e pello milhor pintor q̃ houver, com o mesmo paso, e imagens q̃ tem o antiguo, por este estar incapaz, e se nam poder bem consertar [1]. Será licito conjecturar, que depois de removido do retábulo o primitivo quadro, se tenha pintado um outro maior para tapar a bôca da tribuna, e que a este se fizesse referéncia no texto transcrito, e não ao de Simão Rodríguez? É bem possivel.

Não sei se chegaria a pintar-se este novo painel em tela; o que sei é que em 1859 estava a tapar a bôca do camarim um enorme quadro, pintado sôbre *grossas pranchas* de madeira, a cujo pêso se attribuía o mau estado de conservação de todo o retábulo, que ameaçava imminente ruína [2]. Para remediar este mal encommendou-se o painel em tela, que actualmente lá está, ao hábil artista António José Gonçálvez Neves, pai do actual professor de desenho da Universidade sr. António

---

[1] *Vesitação*, t. 2, fl. 4 v.º

[2] «O retabulo do Altar mór, que já em 1756 fora mandado reformar, está hoje muito deteriorado, e, ao meu ver, mui pouco decente, principalmente em um templo tão authorisado, como é a Capella Real da Universidade. — A pintura e douradura tão gastas e safadas estão, que em muitas partes estão à vista o aparelho e a madeira, muitos ornatos de talha cahidos, e o madeiramento tão desligado, que ameaça ruina, tendo certamente concorrido para esta deslocação o enorme peso do quadro ou painel, que fecha o camarim do trono, que é de grossas pranchas: pelo que, não só aquelle retabulo carece de ser reformado, conforme tem declarado o Mestre das Obras; mas também o painel, que me parece ser melhor substituil-o por outro de panno, como se usa em todas as Egrejas. — Depois da pintura do tecto, torna-se muito mais sensivel o estado ruinoso de toda esta peça, que a reformar-se, como parece indispensavel, V. Ex.ª se dignará resolver se convirá fazer-se antes de se apearem os andaimes, que se levantaram para a obra do tecto; não só pela economia, que nisso poderá haver, mas também pª evitar, que em outra occasião depois se tornem a interromper os exercicios religiosos, e fechar por isso outra vez a Capella». — (*Registo dos relatorios*, fl. 7 v.º, relatorio da thesouraria da real capella ao reitor da Universidade, a 9 de agosto de 1859).

Augusto Gonçálvez, um benemérito a quem muito devem as artes em Portugal.

*

No anno lectivo de 1696-1697 houve na real capella da Universidade grandes obras, a ponto de se ter de suspender nella o culto, trasladando-se todos os actos litúrgicos, que ali deviam realizar-se, para a igreja do collégio da SS.ma Trindade, na qual se fizeram por este motivo as vesitações de 18 de dezembro de 1696 e 11 de junho de 1697. Era então reitor o dr. Nuno da Silva Téllez, que deixou a sua prelatura universitária assignalada por importantes melhoramentos materiais.

Infelizmente não tenho encontrado noticias minuciosas das obras então realizadas no edificio da real capella; apenas sei que se desmanchou o antigo tecto de madeira, que era apainelado em três planos, cortaram-se 2m na altura das paredes do corpo da capella até ao transepto *exclusive*, construiu-se o tecto actual de estuque, revestiram-se talvez de azulejo as paredes do transepto e do corpo da capella (se é que este revestimento não havia já sido feito em 1648), melhorou-se a sacristia, e finalmente pintou-se todo o novo tecto, ficando a pintura datada de 1697.

Quando o reitor Nuno da Silva Téllez vai pela primeira vez, a 11 de junho de 1697, fazer a vesita official à capella, já concertada e alindada, tem um natural desvanecimento com a sua obra; e, ao notar que na sacristia falta um espelho, dá ordem para que immediatamente se compre, e faz escrever no assento da vesitação *q̃ ficando a Capela com as obras, que novam.te se lhe fizerão, tão composta, do mesmo modo a Sacristia, não he justo, q̃ se veja nella a imperfeição da falta, que fas o dito espelho no lugar que p.a elle estava destinado*[1]. O espelho compra-se; e deste modo se consumma a perfeição desejada pelo reitor.

*

[1] *Vesitação*, t. 1, fl. 200.

*

Chegámos ao século XVIII, durante o qual se fizeram obras de importância, que modificáram o edifício da real capella da Universidade, collocando-o no estado em que actualmente se encontra.

Dentre essas obras a primeira, tanto na ordem chronológica como na importância decorativa e valor artístico, foi sem dúvida a construcção do magnífico órgão, que chama as attenções de qualquer pessôa, que se aproxime da porta principal da capella.

Procedamos com méthodo, referindo os antecedentes históricos desta notavel peça.

*

No século XVI havia um órgão no côro da capella da Universidade, e a elle encontramos bastas referéncias.

A mêsa da fazenda em sessão de 30 de setembro de 1581 entrou em contrato com Pero Pimentel organista, para a limpêza e refórma *dos orgãos da capela*[1]. Por então fez-se simplezmente a limpêza, vindo a reformar-se mais tarde, em 1595; em sessão de 9 de maio deste anno *assentouse q̃ se dessẽ ao organista uỹte mil rs a conta dos corẽta e q^tro mil rs q̃ hadauer dos orgãos da Capella de q̃ se fez cõtrato*[2]. Mas a obra não saíu boa, pelo que, em mêsa de 2 de dezembro immediato, *asentouse q̃ o orguanista seja chamado p'a concertar o orgão nouo, e não vjndo q̃ seja p'a iso cytado*[3].

Parece que o artista era fraco, e que o órgão ficou com vício de origem, pois mal havia decorrido um anno, e já a 24 de dezembro de 1596 tinha de se mandar pagar *tres myl a hũ homẽ q̃ veio concertar os orgãos da capella*[4]. Não havia porém concêrto possivel; a desafinação continuava, o

---

[1] *Fazenda*, t. 2, l. 5, fl. 79.

[2] Ibid., t. 3, l. 1, fl. 97.

[3] Ibid., fl. 132 v.º

[4] Ibid., l. 2, fl. 34.

que obrigou os vesitadores, a 12 de julho de 1600, a notarem: — *Mandamos que se affinem os orgãos como ouuer commodidade p.ª isso de official* [1]; mas como em 1605 houvesse tal *commodidade de official* habilitado, logo na vesitação de 16 de maio deste anno se ordenou: — *Mandamos que se mande affinar os Orgãos p^r termos emformação que estão mui desafinados pois ao presente esta official na Cidade o q̃ se Emcommenda ao Chantre p^r ser seu officio* [2].

Depois de tantos cuidados e concêrtos, o órgão continuava a desafinar horrivelmente, chegando-se por fim à conclusão de que era indispensavel uma refórma radical, para o tornar toleravel. Na mêsa da fazenda, a 20 de novembro de 1610, ordena-se *q̃ se faça contrato com o organista sobre o q̃ ha de fazer no concerto do orgão da capella* [3], contrato este que se realizou no mesmo dia, perante o tabellião da Universidade, com o organista Manuel da Guerra, da villa de Pombeiro, *pera elle m^el da guerra auer de fazer no orgão que ora tem a dita v.^de na sua Capella cinquo registos de mistura asi, outaua quinzena dezanouena vintadozena, tryntena, os quães cinquo registos serão m^to bons e de Receber vozeiros de bom stanho & bem laurados e perfeitos de sorte que os ditos orgãos fiquem com toda a perfeição & cõnforme a arte requere;* devia começar o trabalho logo depois do Natal, para estar pronto pela semana santa, recebendo ao fazer da escritura 4$000 reis, e havendo de receber depois 8$000 reis e *os orgãos velhos que stão na casa do cartorjo da dita v.^de ... e os canos de chumbo q̃ se tirarẽ dos orgãos q̃ ha de consertar q̃ nã seruirẽ pera elles,* e tendo elle organista de fazer à sua custa todas as despêsas de collocação dos registos e as accessórias, até ficar tudo perfeito a funccionar [4].

Desta vez a capella ficou mais bem servida de órgão, que nos sessenta annos mais chegados só teve de soffrer concêrtos pequenos em 1625 [5] e 1645 [6]. Em abril de 1675 estava-se

---

[1] *Vesitação*, t. 1, fl. 14 v.º
[2] Ibid., fl. 33 v.º
[3] *Fazenda*, t. 4, l. 1, fl. 4.
[4] *Escrituras*, t. 19, l. 2, fl. 106 v.º
[5] *Fazenda*, t. 4, l. 2, fl. 48 v.º
[6] *Vesitação*, t. 1, fl. 106 v.º

procedendo ao *concerto ou reformação* delle [1]; mas conjecturo que tal concêrto só serviu para o estragar, ou então veiu a deteriorar-se por occasião das grandes obras de 1696 a 1697, pois na vesitação de 23 de maio de 1698 se escreveu *q̃ o Orgão estaua desconcertado em forma, q̃ mais serve de dissonancia, q̃ de harmonia no Coro, pello q̃ ordenamos q̃ logo se concerte com toda a brevid.ᵉ e cuidado* [2].

Na vesitação seguinte, realizada a 4 de fevereiro de 1699, achando os vesitadores *que o concerto. que se havia mandado fazer no Orgão, não se executou, sendo tão preciso, mandaram ao Agente, q̃ logo ponha em execução* o que estava ordenado [3]. Esta ordem, para que se concertem *os orgãos que estam no coro,* é repetida em vesitações de 12 de março de 1707 [4] e de 17 de julho de 1731 [5].

Por fim resolveu-se mandar construír um órgão novo, que fôsse digno da capella real da Universidade.

*

Começou o actual órgão a ser construído nos princípios do anno de 1732, e estava concluído no fim de julho de 1733. Não tenho encontrado documento algum que me esclareça sôbre quem foi o organeiro que o construíu, nem o entalhador que executou a parte externa e decorativa deste bello objecto; e pena é, pois tanto um trabalho como o outro bem mereciam que ficassem registados os nomes dos construtores.

A única memória, que tenho encontrado, resume-se no registo das quantias que successivamente fôram saíndo do cofre da Universidade para a despêsa do órgão, *q̃ se manda fazer p.ª a Capella desta vn.ᵈᵉ*, diz o registo da primeira quantia saída a 1 de março de 1732 [6]; ou *p.ª a despesa da*

---

1 *Vesitação,* t. 1, fl. 136 v.º
2 Ibid., fl. 202.
3 Ibid., fl. 203 v.º
4 Ibid., fl. 237 v.º
5 Ibid., fl. 280 v.º
6 *Receita e despesa, 1732,* fl. 76 v.º

obra do orgam que se faz p.ª a Capella, diz o da segunda, saída a 31 de maio do mesmo anno [1]; e assim as outras. A importância gasta com a construção foi de 3:131$100 reis [2]; addicionados 215$000 reis, custo do douramento e pintura, montou a despêsa total à quantia de 3:346$100 reis.

O pintor foi mais feliz que os construtores, pois logrou a sorte de o seu nome ficar consignado na escritura de 1 de junho de 1737, em que se exarou o contrato para o douramento, celebrado entre a Universidade e o mestre pintor Gabriel Ferreira da Cunha, morador nesta cidade [3].

Em 1858-1860 fizeram-se grandes obras no edifício da real capella, como logo veremos; e o órgão, que a esse tempo já estava reclamando largos concêrtos, damnificou-se muito com essas obras, tornando-se indispensavel concertá-lo a preceito [4]. Realizou-se esta obra apenas terminadas as outras, em 1860, sendo executada pelos organeiros curiosos de Coimbra Francisco d'Almeida e Manuel d'Almeida [5]. Tal concêrto porém foi menos conscienciosamente feito, inutilizando-se muitos

---

[1] *Receita e despesa, 1732*, fl. 79.

[2] Nota das verbas dispendidas com a construção do órgão, indicando-se a data em que cada uma dellas saíu do cofre universitário, e as folhas dos livros de receita e despêsa, em que se encontram registadas.

300$000....	1 mar. 1732....	L.º 1732, fl. 76 v.º	
480$000....	31 mai. »	» »	» 79
100$000....	13 set. »	» »	» 81 v.º
300$000....	7 out. »	» »	» 82
240$000....	23 dez. »	L.º 1733, fl. 73	
720$000....	14 abr. 1733....	» »	» 78
358$600.. .	30 mai. »	» »	» 79
152$500....	6 jun. »	» »	» 79 v.º
480$000....	28 jul. »	» »	» 81 v.º

3:131$100 reis, despêsa total.

[3] *Escrituras*, t. 53, l. 3, fl. 56.

[4] *Registo dos relatorios*, t. 1, fll. 1 v.º, 2 v.º, 5 v.º e 6 v.º

[5] Ibid., fl. 8 v.º

registos, subtraindo-se muitos tubos, e até desapparecendo um pequeno órgão supplementar, de tubagem de cobre, que estava na casa dos folles, e respondia ao registo do ecco.

Para obviar em parte a este desastre, pedia em 1870 o capellão-thesoureiro ao reitor auctorização para mandar fazer por um mechánico *um concerto radical em muitos registos, que não funccionam, e noutros que só funccionam com muita difficuldade*[1], calculando em 50$000 reis a despêsa correlativa; mas illudia-se redondamente, porque a reparação indispensavel é muito mais complexa, e só por um organeiro hábil e sabedor poderá ser executada.

Ainda hoje se encontra no mesmo estado este magnifico instrumento, bem digno de outra sorte.

Sob o ponto de vista musical é um bom órgão; incontestavelmente, e apesar dos estragos soffridos, é hoje o melhor que ha em Coímbra. Pena é que, por falta dos necessários concêrtos, reparações e limpêza interna, continúe a ter muitos registos desaproveitados, não podendo tirar-se delle todo o effeito a que se prestaria. O ex.^{mo} prelado universitário tornar-se hia crèdor de louvores e agradecimentos, se realizasse o bom serviço de o fazer restaurar convenientemente.

Quanto ao aspecto decorativo é bello e majestôso, como pode avaliar-se um pouco pela estampa 1.ª, que acompanha esta publicação.

*

Outros arranjos e modificações se fizeram no edifício durante o século XVIII.

Não satisfazendo já os retábulos laterais, fabricados e dourados no século XVII, determina-se a 16 de abril de 1758 *que p.ª os altares collaterais de N. Sr.ª da Lus, e Santa Catherina se fassão nouos retabolos todos de madeyra de castanho ao moderno com toda a perfeição e primor da arte, por se achar incapaz o de N. S.ª da Lus*[2]. Fizeram-se realmente;

---

[1] *Registo dos relatorios*, t. 1, fl 14.

[2] *Vesitação*, t. 2, fl. 27.

ESTAMPA I

Órgão da real capella

nelles se collocaram as imagens dos antigos, às quais já nos referimos, e sam estes os retábulos que aínda hoje existem. Addicionáram-se mais duas novas imagens, e bem interessantes, a cada um destes altares, cabendo ao de Nossa Senhora da Luz a de S. José com o Menino ao collo e a de Santo Agostinho; ao de Santa Catharina a de Santo Ignácio e a de S. Francisco de Borja.

A bôca do camarim, aberta no retábulo da capella-mór no fim do século XVII, era desproporcionada pela sua excessiva altura, e o throno que nelle se erguia não parecia bem; achou-se por isso, na vesita de 17 de abril de 1765, *ser preciso mandar levantar a boca da tribuna do altar mayor, e reformar o trono, approvejtandose a madejra e talha que puder ser de sorte que fique com a pocivel perfejção, e decencia*[1]. Effectivamente subiu-se o fundo da bôcca do camarim mais de 1m,5 preenchendo-se esse espaço com um frontal de madeira ornamentado de talha dourada, que desafina inteiramente do retábulo; nada se approveitou do antigo camarim e throno, fazendo-se então de novo aquillo que actualmente lá está, e que passa aos olhos dos sapientes por ser cousa vistosa e elegante, deixando-se, como que para amostra da obra anterior, alguns pedaços de madeira com talha grosseiríssima, inteiramente dourados, embebidos no extra-dorso do camarim.

*

Não existia então o degrau, que separa do transepto o corpo da capella, e onde assenta a teia de vedação. O transepto ficava no mesmo plano do pavimento da capella, havendo apenas um degrau próximo do arco cruzeiro, e um outro logo em seguida a este, elevando assim o pavimento da capella-mór. Sôbre o plano do transepto levantavam-se de um lado e outro os suppedáneos dos dois altares, que iam tocar no primeiro degrau do arco, ficando de nivel com elle.

Também então a disposição da capella-mór era bastante

---

[1] *Vesitação*, t. 2, fl. 36.

differente da actual. Corria toda em um só plano, sôbre o qual se erguia o suppedáneo do altar. Junto do altar-mór, do lado do Evangelho, entre as duas pilastras que sustentam as columnas, e exactamente debaixo do quadro da Resurreição, erguia-se a cadeira prelatícia do reitor, com as costas para o retábulo, a frente voltada para o corpo da capella. De um lado e outro, assentes sôbre o plano, estendiam-se encostados às paredes os doutorais, que do lado do altar topavam nas pilastras do retábulo; mas do lado do arco, enquanto o da banda do Evangelho vinha incidir, como agora, na parede do mesmo arco, o da parte da Epístula terminava a alguma distáncia, deixando ficar o espaço sufficiente, para dar lugar à única porta que então communicava a sacristia com a capella. Desta sorte, quem queria ir à sacristia, tinha forçosamente de passar pela capella-mór, assim como eram obrigados a fazer por ella serventia os sacerdotes que vinham celebrar aos altares laterais; o que torna intelligivel a recommendação feita em vesita de 3 de fevereiro de 1663: *q̃ os P.es Capellanis quando forem pera dizer missa, desão ao ultimo degrao da capella mor p.a o curseiro*[1], *e tornem a sobir os degraos dos altares aonde hão de celebrar, e não continuem em hir encostados pela esquina do arco, como thegora fasião, e tenhão cuidado de isto aduertirem aos mais P.es de fora*[2].

Para obviar aos inconvenientes, e até indecéncia, de se fazer pela capella-mór a passagem para a sacristia, *não só dos Sacerdotes, e seus Ministros, mas taõbẽ de pessoas seculares, e muitas vezes mulheres,* em 1765 mandou-se abrir outra porta no tôpo do transepto, junto do altar de S.ta Catharina, tapar a porta antiga que estava atrás do arco, e prolongar *o Doutoral no lugar della ate o arco cruseyro*[3]. Pelo lado da sacristia aproveitou-se o vão desta porta, para nelle se acommodar um armário de castanho, onde se arrecadam os cálices, missais, sanguinhos, etc.

Nesta occasião, ou pouco depois, abriu-se outra pequena porta de communicação com a sacristia junto do altar-mór.

---

[1] Scil. *cruzeiro* ou transepto.

[2] *Vesitação*, t. 1, fl. 122.

[3] Ibid., t. 2, fl. 36.

O degrau que havia abaixo do arco cruzeiro avançou à frente, erguendo o pavimento do transepto; collocaram-se então as grades de pau preto, que servem de teia à entrada do mesmo, *pella precisa decencia de se não acharem nas funçõis clasicas da Igr.ª e academicas da vniversidade mulheres misturadas com os seus indeviduos*[1]. E apenas collocadas as grades, logo na immediata vesitação de 22 de dezembro de 1767 ficou regulamentado: — *Porque se tem mandado fazer cancélos a fim de dividir a cappella mayor do seu corpo para evitar em todo tempo principalmente nas funçõis clacicas da Ir.ª e academicas da vniuercidade mulheres misturadas com os seus individuos; ordenamos que nenhũ dos moços da cappella permita intrarem mulheres para dentro dos ditos cancelos, com a comminação de serem todos simultaneam.te multados cada hum em sincoenta rs por cada vez p.ª a Confraria de N. Sr.ª da Luz, e recomendamos muito ao R.do Padre Appontador, que ao presente he, e ao diante for haja de haver-se com toda a vigilancia na execução da dita multa*[2].

O pavimento da capella-mór foi também modificado, collocando-se ao mesmo nivel do transepto. Os doutorais, que, como fica dito, iam até topar nas pilastras que sustentam o retábulo, fôram primeiro cortados: do lado do Evangelho para dar logar à cadeira do prelado, que nos fins do anno de 1762 deixou a sua antiga posição junto do altar-mór, para ir fixar-se no sítio, em que tinha assento a faculdade de theologia, e onde aínda hoje se conserva aquella cadeira[3]; do lado da Epístula para deixar espaço à nova porta, que aqui se abriu, e ao *banco aonde se deve acentar o Prestes, Diacono e Subdiacono nas funçõis da Capp.ª*[4], os quais anteriormente se sentavam próximo do altar, em banco raso ou em môchos. Nestas refórmas tanto o altar como a cadeira prelatícia e os doutorais erguêram-se bastante, em virtude de três degraus que de novo se levantaram sôbre o plano da capella-mór. A primitiva situação do altar é bem fácil de determinar

---

[1] *Vesitação*, t. 2, fl. 38 v.º

[2] Ibid., fl. 39 v.º

[3] Ibid., fll. 26, 26 v.º, 27 v.º, e 33.

[4] Ibid., fl. 26.

pelo quadro da Ceia, actualmente meio encoberto, e que lhe ficava sobranceiro; a dos doutorais pelo revestimento dos azulejos, que marca com precisão a linha onde chegava o respectivo espaldar.

Também por esta épocha se rasgou a grande porta, hoje vedada, que se vê ao meio da tribuna real, ao fundo da capella, sôbre o côro, e que dava ingresso para uma tribuna anterior à actual.

*

Em 1772 realizou-se a notabilíssima refórma pombalina da Universidade; e por essa occasião correu o edifício da real capella o maior perigo de desapparecer, pela acção nefasta do mesmo camartello demolidor, que destruiu o bello claustro da Sé velha, hoje felizmente em estado adeantado de restauração. O marquês vesitador, usando das faculdades amplíssimas de *Plenipotenciario e Logar-Tenente de ElRei* seu *Senhor na Fundação da Vniversidade de Coimbra*, e *Tendo visto a impropria situação da Real Capella da Vniversidade, e da Livraria della, cuja pequenez nem corresponde a Magnificencia da mesma Vniversidade nem pode conter o grande numero de livros de todas as Sciencias, e Artes que deve formar o Corpo da Biblioteca Academica; E tendo visto ao mesmo tempo as sobreditas Capella Real e Livraria com as portas no pateo, como se fossem lojas de alguns particulares, expostas as injurias do tempo, e ás muitas indecencias inevitaveis em casas terreas cujas portas devem estar abertas para dellas se fazer o uso a que estão destinadas: com estes justos, e urgentes motivos:* Houve *por Serviço de Deos e de Sua Magestade que as mesmas Capella Real e Bibliotheca* fôssem *logo reedificadas pela planta, e prospecto della*, por elle marquês *assignados*, e *debaixo da Inspecção do Reytor da mesma Vniversidade* [1].

---

[1] Provisão de 17 de outubro de 1772. Não existe o original deste documento no respectivo livro das *Provisões*, mas encontra-se cópia na cit. *Relação Geral* de D. Francisco de Lemos, fl. 307.

Perderam-se a planta e o prospecto; não foi grande o prejuízo, e é facil conjecturar o valor e feição artística da obra projectada. Felizmente não chegou a realizar-se a demolição, por falta de tempo; a essa circunstância fortuita, e talvez ao desprazer que causava ao reitor a demolição da capella, se deve o termos aínda hoje o edifício manuelino, de que nos vamos occupando [1].

*

Entretanto a grande actividade do reformador-reitor D. Francisco de Lemos Pereira Coutinho, erguido à dignidade de coadjutor e futuro successor, com o titulo de bispo de Zenópole, do bispo-conde D. Miguel da Annunciação, manifestava-se nas importantes obras de refórma e melhor adaptação dos edifícios universitários [2].

---

[1] Vid. nota seg.

[2] Relatando estas obras, em setembro de 1777, escrevia o reitor:

«Vendo o Marquez Vizitador, que a Livraria da Vniversidade tinha o defeito de não ter hũa Caza de Entrada, para nella estarem os Officiaes; que a mesma Caza de Livraria era pequena para o grande numero de Livros, que deve ter a Vniversidade; e parecendo-lhe que o meio de remediar o dito defeito, e de occorrer a outros inconvenientes, era mudar-se a Capella, e fazer-se outro Corpo de Livraria; depois de averiguar o Terreno fez formar a Planta, que vem junta ao Livro das Provizoens, e mandou, que se procedesse a estas Obras.

Sendo porem as ditas Obras de grandes despezas; e havendo necessidade maior dos outros Estabelecimentos; suspendi ate o prezente as ditas Obras. E averiguando interinamente o melhor meio de remediar-se o defeito da Caza da Livraria, e de ampliar-se este edificio sem se bulir na Capella, achei que o meio mais conveniente era o que consta da Planta Num. o qual meio fiz ver ao Marquez Vizitador, e não tive resposta a este respeito.

O Edificio dos Paços da Vniversidade ate agora estava todo dividido sem communicação interior, que desse serventia a todas

Á capella também se estendeu a grande actividade deste homem verdadeiramente notavel.

---

as suas partes: Não se podia hir ás Aulas senão publicamente; não havia serventia para a Capella, senão pelo Pateo; e da mesma sorte para a caza da Meza da Fazenda, que ficava em lugar subterraneo. A mesma caza Reytoral estava muito mal disposta, e sem as accomodaçoens necessarias. O Prospecto para a Cidade estava torpissimo; e não havia entrada para as Officinas baixas deste vasto Edificio, que facilitasse a serventia, e uzo dellas. Havia uma Varanda aberta, pela qual se hia da Casa Reytoral para a dos Exames Privados, na qual estavam as janellas, que servem de Tribunas para a Salla Grande dos Actos expostas a chuva, e aos ventos.

Todos estes defeitos se emendaram. Mandei formar na Varanda aberta a Galaria, que se ve na Planta Num. a qual deu formozura ao Edificio, e facilitou o uzo das Tribunas, e a serventia para as mais partes do Edificio. Mandei levantar o tecto das Varandas dos Geraes; e se formaram Corredores, que circulam todas as aulas, e dão Tribunas para ellas, das quaes pode o Reitor ver e observar, o que se passa nas ditas Aulas. Facilitei por meio de Escadas, e outras aberturas a communicação interior para todas as partes do Edificio. Emendei os defeitos da Caza Reytoral, e a puz em estado de servir dignamente aos usos Academicos; e de dar boa accomodação aos Prelados, que nella rezidem. Separei os Paços dos torpes e insignificantes Edificios Velhos, que com elles pegavam. Mandei formar huma Muralha, que aliviando a Imprensa do Monte de terra, que a sepultava, sustenta o pezo da terra; forma hum Terreno agradavel sobre a Cidade, e por ella se dá communicação dos Paços á Imprensa. Mandei formar Novas Aulas, e dividir outras para as Lições das seis Faculdades; e preparei-as de Cadeiras, mezas, bancos, e tudo o mais necessario para o seu uzo decente. E porque não havia accomodaçoens capazes para as Officinas da Casa Reitoral principiei a fazellas no lugar dos Edificios Velhos, que o Marquez Vizitador mandou adjudicar a Vniversidade.

De todas estas obras dava conta ao Marquez, e elle achando-as uteis, e necessarias, as mandava fazer, como se verá das Cartas de Officios e respostas a ellas.

Resta para complemento destas Obras emendar-se o grande defeito que ha — 1.º De não haver sallas para os Concelhos da

Demoliu o antigo côro, que se erguia, naturalmente sôbre columnas, ao fundo da capella, com a sua balaüstrada de madeira, ao meio da qual pousava um Crucifixo sob o competente baldaquino [1], correndo de lado a lado umas gelosias, guarnecidas por dentro com cortinas, que roubavam o interior do côro às vistas da igreja, cortinas estas que, segundo o estilo da real capella, estavam sempre cerradas, e só se abriam na missa cantada ao chegar a *Sanctus,* para novamente se cerrarem depois da communhão [2].

A fim de abrir communicação directa para a mêsa da fa-

Vniversidade, e Congregaçoens Literarias. 2.º De não haver cazas proprias, e accommodadas para a Secretaria, e Cartorio proprio della. 3.º De não haver cazas para o Estabelecimento da Junta da Fazenda, que necessita ao menos de quatro, e de huma Salla para a mesma Junta, junto da qual deve estar o Cofre na conformidade das Jnstituiçoens della. 4.º De não haver cazas para as Secretarias das seis Congregações Literarias que os Estatutos mandão haver.

As Congregaçoens, Concelhos, e Juntas ate aqui tenho feito em huma das Sallas da Casa Reytoral, por não haver outra decente. A Junta da Fazenda está occupando o mesmo lugar subterraneo, que antes servia com muito incommodo; porque são só duas pequenas cazas; e em huma dellas está o Cartorio antigo, não se podendo ainda arrumar a multidão de Titulos, que para ella vieram por occasião da Nova Doação.

As cazas para o Expediente da Junta, sua Contadoria, Cartorio, e Caza do Thezouro, devem fundar-se no mesmo Edificio das Escolas: E porque não se podiam accommodar nas sobreditas duas cazas, mandei interinamente preparar huma parte da Imprensa para servir de Contadoria, e Cartorio, como se vê da Planta N.º 21. Mas como este Estabelecimento he interino, se faz necessario que o proprio se faça no mesmo Edificio dos Paços das Escolas; assim como as Secretarias necessarias para o Governo Academico, e Literario. Sua Magestade á vista de tudo dará as Providencias, que lhe parecerem convenientes».

(*Relação Geral do Estado da Vniversidade,* pp. 152-156).

[1] *Vesitação,* t. 2, fll. 14 v.º, 15, e 16.

[2] Ibid., t. 1, fll. 58 v.º, e 64.

zenda e outras repartições, acommodadas no rez do chão do claustro dos *gerais*, o reitor mandou levantar uma parede ao fundo da capella, roubando a esta em toda a sua largura uma facha de 5m,75, e rasgando as paredes laterais da capella em uma e outra extremidade desta facha. Sobre a nova parede firmou o côro, por baixo do qual ficou assim um corredor, para onde abrem três portas de entrada da capella, rasgadas na dita nova parede. A abertura deste corredor para o páteo foi guarnecida com um pórtico, que tem a data de 1780, sobrepujado por uma varanda, que dá para o côro; obra esta que destôa inteiramente do resto da fachada manuelina.

*

Aínda por esta mesma épocha, na refórma das aulas dos gerais e dos respectivos telhados, foi obstruída a grande porta que dava ingresso para a tribuna real, situada sôbre o côro; tornou-se por isso necessário demolir a tribuna, e substituí-la por uma varanda corrida, que occupa toda a largura da capella, abrindo em um dos topos uma nova porta de entrada para esta galeria.

*

Também no século XIX alguns melhoramentos se realizáram.

O estuque do tecto achava-se bastante damnificado e ameaçando ruina [1]; era urgente restaurá-lo, e realizar outras obras de egual necessidade. Suspendeu-se por isso o culto na capella em fevereiro de 1858, e começaram a ser armados os andaimes.

A refórma do estuque foi dada de empreitada pela Universidade, a 4 de junho seguinte, por 1:100$000 reis; a pintura e douramento do tecto pela repartição das obras públicas do districto pela quantia de 850$000 reis, a 6 de abril de 1859, encarregando-se deste trabalho o hábil pintor António José

[1] *Registo dos relatorios*, t. 1, fll. 2, 5 v.º, e 6 v.º

Gonçálvez Neves, que o executou *seguindo escrupulosamente, na fórma do seo ajuste, o desenho da pintura do antigo tecto, que havia sido feita em 1697*[1]. A esta empreitada seguiram-se outras de pintura e douramento do arco cruzeiro, abóbadas transeptais, sacristia, retoques no órgão, etc., encarregadas pela mesma repartição ao referido artista[2].

Também foi gateado e consolidado o altar-mór, que estava ameaçando ruína[3].

No fim da quaresma de 1860 já as obras se achavam em tal estado de adeantamento, que poderam suspender-se, para se realizarem as solemnidades da semana santa, continuando logo depois da páschoa, e vindo a concluir-se no verão deste anno.

Restabeleceu-se o culto regular desde 1 de outubro em deante[4].

*

Tinha sido removida, ignoro em que épocha, a columna que ficava a meio do pórtico de entrada, naturalmente por estar corroída, sendo no seu logar collocada uma columna corínthia vinda de outra parte, que desafinava extraordinàriamente do estílo do pórtico. O reitor dr. António Augusto da Costa Simões, que deixou o seu governo assinalado por muito importantes melhoramentos materiais nos edifícios universitários, deu ordem para que fôsse remediado aquelle disparate, restaurando-se a purêza primitiva do pórtico. Com a excecional competéncia, amôr e bôa-vontade que todos lhe reconhecem, incombiu-se de dirigir aquella restauração o nunca assaz louvado professor A. Augusto Gonçálvez, executando-a o intelligente canteiro José Barata em 1895.

O plano daquelle reitor era mais amplo. Resolvera elle realizar a restauração de toda a fachada da capella, bem como

---

[1] *Registo dos relatorios*, t. 1, fl. 7 v.º

[2] Ibid., fl. 9.

[3] Ibid., fll. 5 v.º, 6 v.º, 7 v.º, 8 e 9.

[4] Ibid., fll. 8 v.º, e 10.

do altar-mór; foi até annunciada a praça para a restauração e douramento deste, mas teve de ser adiada a obra por não caber nas forças orçamentais da Universidade. Quanto à fachada chegaram a restaurar-se em 1896 os ornatos do pórtico, bastante damnificados e empastados de cal, e uma das janellas que ficam ao lado da porta; em 1897 trabalhava-se na restauração da outra janella, quando foi exonerado aquelle reitor, e quem lhe succedeu no cargo mandou immediatamente suspender a obra. Desfez-se o andaime, e as pedras, meio aparelhadas, aínda hoje aí estám a salitrar-se ao abandono!!...

Acto de benemeréncia incontestavel sería o do reitor, que obtivesse meios para que se completasse de uma fórma sensata a restauração da fachada erguêndo-a à primitiva altura, se substituísse o retábulo do altar-mór por outro de pedra, em que mais uma vez se manifestasse o grande talento de João Augusto Machado, se retirasse a obesa e destoante balaüstrada do côro, collocando em lugar della uma outra no estilo do renascimento, e finalmente se restaurasse o magnífico órgão, a melhor peça no seu género que hoje existe em Coímbra.

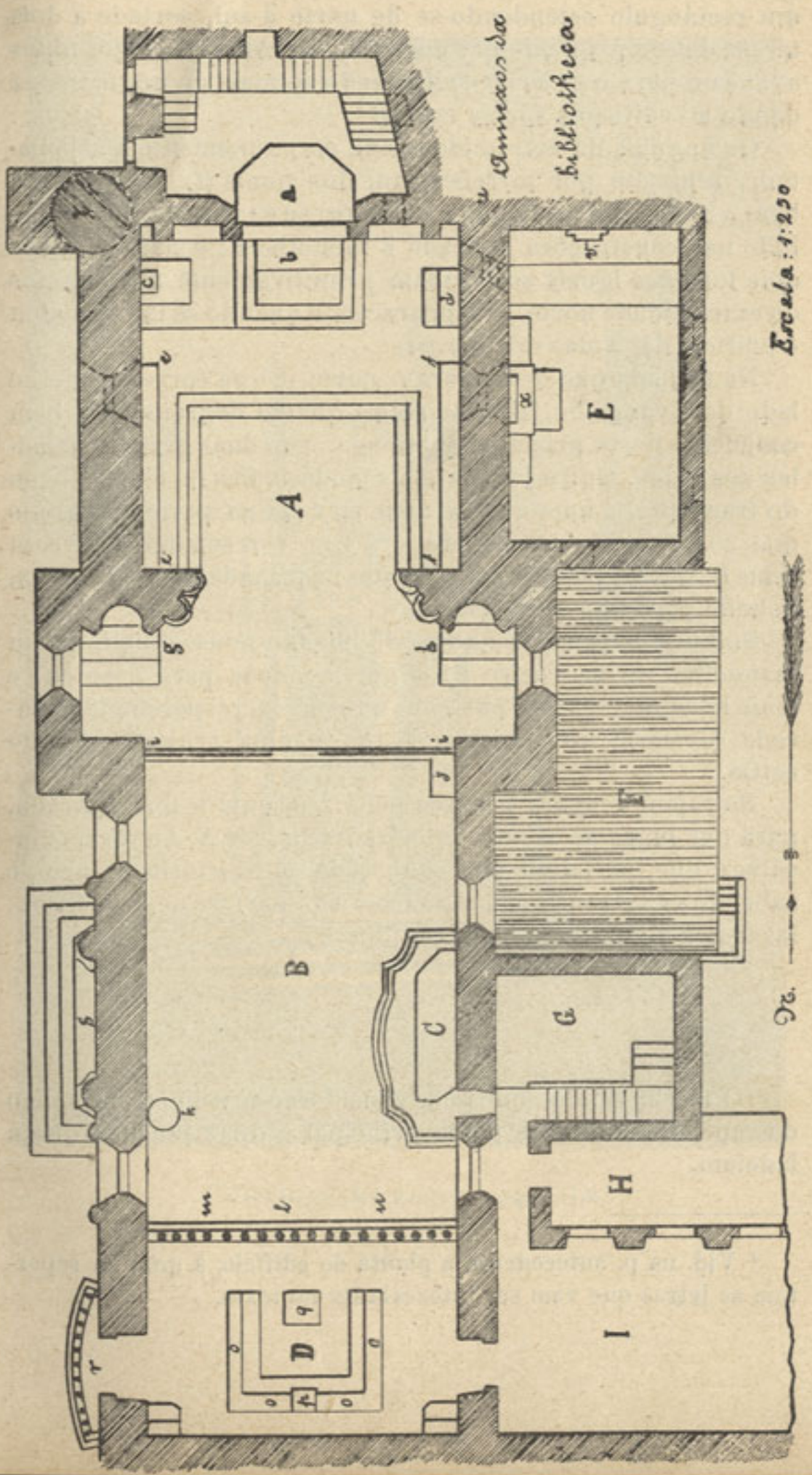
*

Depois de termos notado estes ligeiros apontamentos das modificações, arranjos e concêrtos soffridos pelo edifício da real capella da Universidade desde a sua construção até hoje, vamos, para completar, descrever a largos traços o edifício e seus annexos, na actualidade.

*

Apenas o vesitante transpõe a *pórta-férrea,* ádito principal do páteo da Universidade, deparam-se-lhe logo na sua frente os edifícios que formam o lado occidental do terreiro, e que rematam a norte pela tôrre, a sul pela bibliotheca, construções ostentosas do reinado de D. João v.

A meio dessa linha, e occupando a maior extensão della, chama a attenção a fachada lateral da capella em todo o seu comprimento. A planta deste edifício tem a fórma geral de



Planta alta da real capella

um rectángulo estendendo-se de norte a sul, cortado a dois terços do comprimento por um outro, o *transepto*, cujos topos avançam para o exterior salientando-se mais de um metro, e dando ao edifício a fórma crucial [1].

Os ángulos da extremidade sul, correspondente à capella-mór, rematam por torreões, um dos quais (*t*) se conserva bem à vista, enquanto que o outro (*u*) se encontra parte embebido nas construções annexas à bibliotheca; e naturalmente dois torreões iguais se erguiam primitivamente nos ángulos da extremidade norte, desapparecendo quando se lhe encostou o edifício das aulas dos *gerais*.

Na fachada que deita para o páteo, e que corresponde ao lado do Evangelho, abre-se sôbre quatro degraus (*s*) a bem conhecida porta principal geminada, com duas grandes janellas aos lados. Outra janella mais modesta fica no tôpo saliente do transepto, e uma quarta mais elevada na parte da parede que corresponde à capella-mór. Em correspondéncia com estas ha outras janellas semelhantes na fachada lateral opposta, voltada para uns quintais.

Sôbre a extremidade norte do telhado pousa uma imagem manuelina do padroeiro S. Miguel, voltada para o páteo; e mais adeante, sôbre a parte do telhado correspondente à parede divisória do cruzeiro, ergue-se uma cruz do mesmo estílo.

Retraiamos agora a nossa pena insciente e mal aparada, para dar lugar ao cálamo autorizadíssimo de A. Augusto Gonçálvez, que, perfeitamente conhecedor da história da arte, e sabendo ver e sentir como poucos, vai, em face desta fachada, fazer-nos algumas breves considerações.

*

«O trecho capital, que pode considerar-se como frontispício da capella, reduz-se à porta principal e duas janellas que a ladeiam.

---

[1] Vid. na p. antecedente a planta do edifício, à qual se reportam as letras que vam ser intercaladas no texto.

ESTAMPA II

Pórtico da real capella

«A porta é no seu género dos mais apreciaveis exemplares manuelinos, notavel entre tantas que o país possue.

«Uma única conheço de idéntica feição decorativa, que não é mais que uma cópia desta, e conjecturalmente obra do mesmo architecto: é a porta da igreja da Ega, entre Condeixa e Soure.

«A composição do seu traçado, formada de longas nervuras, é assaz original, e denota a sinceridade imaginativa dum artista, que, em incitamentos de fausto, ingènuamente se esmera, na delineação da obra, que o seu sentimento lhe dicta. E sempre a convicção e a lógica fôram em architectura as qualidades válidas e fundamentais de toda a decoração artística.

«O edifício exteriormente pittoresco, como sam sempre as construções manuelinas, nada offerece de notavel, a não ser a constatação dum facto que, embora vulgar, demonstra sempre a perturbação esthética desse período histórico. A cornija do transepto e da capella-mór, bem como os dois pequenos torreões encimados de domos, collocados nos ángulos terminais do tôpo sul, sam em exclusivo estílo do renascimento.

«Esta promiscuïdade, não rara em construções manuelinas, é sempre interessante, porque mostra as diversas fórmas, pelas quais o espírito de transigéncia tentou a conciliação impossivel entre os dois systemas, fundados sôbre princípios inteiramente irreductiveis.

«Todavia o aspecto desta fachada, que em outras circunstáncias seria singularmente agradavel, causa uma impressão discordante e penosa.

«Alinhada entre edifícios predominantes, de ostentação emphática, modernos e pretenciosos, sem delimitação sensivel que lhe dê importáncia e destaque, tem a apparéncia mesquinha duma enkistação caiada, que se pretende disfarçar e esconder, como um archaísmo vexatório.

«E, para mais lamentar, a abertura ao fundo duma porta e janella sobreposta, impertinentes de jactáncia, constitue a perpetração do mais insólito destempero, que podesse inventar-se para a deformação do conjunto.

«Resta saber se seria de todo impraticavel a attenuação desses damnos, pelo menos apparente, restituíndo à igreja

uma exterioridade, que a separe e distinga das edificações que a comprimem e prejudicam» [1].

*

O interior da capella impressiona-nos agradavelmente.

Tem de comprimento total cêrca de 34m, comprehendidos 10m da capella-mór, e perto de 6m do côro. A largura geral é de quase 9m, exceptuando o transepto, que mede apròximadamente 12m,50.

Acha-se toda vestida de azulejos; os do corpo da igreja (B) e transepto, com pintura tríchroma bastante ornamental, emmoldurados em amplas cercaduras, deixam-nos adivinhar a aproximação do século XVIII, e sam de bom effeito decorativo.

O tecto de estuque de volta abatida, que substitue o primitivo fôrro de madeira apainelado, é todo vestido de pinturas de ornato de côres vivas, tendo ao centro o escudo das armas reais portuguêsas, sustentado por um grupo de anjos. Ao fundo o côro (D), obra de D. Francisco de Lemos, onde estám as bancadas dos capellães (*o o o o*), no lugar principal a cadeira do officiante (*p*), e à frente a estante coral de pau santo, rematada por um Crucifixo (*q*); em roda, fixados nas paredes, oito quadros mediocres, pintados em madeira, dos fins do século XVI, representando a história de Tobias, os quais fôram pelo bispo-conde D. Affonso de Castello-Branco doados, juntamente com a sua livraria e outros objectos, à companhia de Jesus por escritura de 26 de janeiro de 1600 [2], e que do collégio da companhia vieram para a capella da Universidade, provavelmente em tempo de D. Francisco de Lemos. De um lado do côro a porta que para elle dá accesso; e, fronteira a esta, a porta que abre sôbre a varanda de pedra (*r*), com que D. Francisco de Lemos teve a infeliz idéa de afrontar a fachada da capella.

---

[1] A. Augusto Gonçálvez, *Notas avulsas sôbre a capella da Universidade*, ms. em meu poder.

[2] *Documentos para a historia dos jesuitas em Portugal*, pelo dr. Antonio José Teixeira, p. 280; — dr. Teixeira de Carvalho, in *Resistencia*, n. 1218, de 23 junho 1907.

ESTAMPA III

Vista do interior da real capella

Por cima do côro fica a tribuna real; por baixo a passagem roubada ao côrpo da capella, que dá ingresso à secretaria e outras repartições, communicando com o templo por três portas (*l m n*).

Da parede fronteira à porta lateral, entre as duas janellas, emerge sumptuoso o órgão (C), a que nos referimos já largamente; um pouco adeante, junto do transepto, o púlpito (*j*), muito símplez, com a sua cúpula de madeira de côr escura e ornatos dourados.

*

Segue-se o transepto, separado do corpo da capella por um degrau e uma grade singela de pau santo (*i i*); da grade para dentro só às pessôas universitárias, ou convidados, é permittida a entrada. Foi sempre, e aínda hoje é, absolutamente vedado o ingresso de mulheres para lá desta grade durante os actos litúrgicos [1]. Nesta parte da capella ergue-se ao lado do Evangelho o altar de Nossa Senhora da Luz (*g*), que em 1610 foi privilegiado por Letras apostólicas [2]; ao da Epístula o de Santa Catharina (*h*): já a elles temos feito referéncias.

O arco cruzeiro é manuelino; termina em ogiva, e delle se erguem umas nervuras, que rematam por três mísulas, sôbre as quais pousam as três imagens clássicas do Calvário, o Crucifixo, a Virgem e o Discípulo amado, esculturas da mesma épocha; faz fundo ao Crucifixo uma glória cercada de serafins, em azulejo. Aos lados dos arcos da ogiva, preenchendo os dois espaços triangulares, que restavam depois de tudo contornar com a cercadura trichrómica que emmoldura as paredes da capella, destacam, também pintadas em azulejos, com uma feliz intenção decorativa e mýstica, as figuras de Adão e Eva, cobertos com as símplez túnicas que lhes deu o Criador ao expulsá-los do paraíso; cercados de folhagens sem frutos, fóra do Éden ali representado pelo santuário da capella-mór, choram tristes e desanimados a felicidade perdida.

---

[1] *Vesitação*, t. 2, fl. 39 v.º

[2] *Conselhos*, t. 16, l. 1, fl. 126; — *Vesitação*, t. 1, fl. 53.

Os dois tôpos do transepto formam umas pequenas capellas, cobertas com as únicas abobadas que aqui ha, e as janellas, que nelles se abrem, sam internamente as mais ornamentadas de todas; o inverso do que succede exteriormente.

*

Entremos na capella-mór (A).

O tecto de estuque toma a fórma octogonal ao nivel da cornija, e ergue-se suavemente em cúpula. A sua pintura é congénere da do corpo da capella, mas mais delicada e de ornamentação mais minuciosa.

Tem ao centro uma figura de mulher sentada, de corôa real na cabeça, uma palma na mão direita, e na esquerda um livro aberto com a inscripção: — INITIUM SAPIENTIAE TIMOR DOMINI.

Quem tenha visto a figura symbólica da Sabedoria, nos sêllos da Universidade, reconhece-a immediatamente ali, apesar de lhe faltarem os attributos caracteristicos. Substitua-se a palma pelo sceptro encimado pela esphera armillar, e colloquem-se-lhe ao lado o môcho vigilante e a joeira da crítica, e temos a representação da Sabedoria personalizada, que a Universidade usa como insígnia. As variantes do typo clássico, que se encontram no tecto da capella-mór, têem bôa explicação. Fôram introduzidas em 1859, quando se fez de novo a pintura. Tinha-se estabelecido o uso geral de chamar *Minerva* àquella figura symbólica de mulher, que nada tem commum com a deusa gentílica [1], a não ser o collocar-se-lhe

[1] Esta insígnia universitária, que muita gente imagina ter a sua origem nos estatutos de 1591, é muito anterior. Os próprios estatutos antigos, descrevendo-a, dizem que *esta Vniuersidade de seu fundamento a tem* (l. 2, tit. 26, n. 13 na ed. de 1593, n. 14 na de 1654). Effectivamente a Universidade usava nos seus sêllos, desde a installação definitiva em Coimbra, e provavelmente já de tempos anteriores em Lisbôa, *hũa figura de hũa molher, que representa a sapiencia, assentada com hũa esphæra na mão, rodeada de livros* (loc. cit.). Entretanto jàmais houve, até tempos relativamente re-

ao lado um môcho. É natural que, passando em julgado a identificação, principiasse a causar estranhêza, e até escándalo, a certa gente escrupulosa, o estar pintada no tecto do santuário cathólico uma divindade pagã; d'aí o pedido, ou talvez a ordem terminante ao artista que restaurava a pintura, para que transformasse a supposta deusa Minerva em santa Catharina, protectora dos estudos. A transformação fez-se mui fàcilmente, para o que bastou apagar o môcho e a joeira, e substituir o sceptro de rainha pela palma de mártyr, cercando a cabeça da mulher do nimbo luminoso dos santos. O desenho da figura ficou como estava.

Sêllo da Universidade

Mais abaixo destacam em quatro escudos os emblemas das faculdades maiores, se-

---

centes, quem se lembrasse de dar a essa mulher o nome da deusa Minerva. Temos do meado do século XVI uma interessante descrição do sêllo universitário no documento seguinte: — «entrega do sello — Aos quatro dias do mes de novᵗʳᵒ de j bᵉ lᵗᵃ & cinquo anõs na çidade de Coimbra no taboleiro dantre as escadas dos paços del Rei nosso Sõr. o Sõr doutor aᵒ do prado Reitor entregou o sello da vniversiᵈᵉ ao doutor Mᵉˡ da Costa q̃ foi eleito por chancerel della & elle se ouue por entregue do dito sello q̃ he de prata & tem a figura da sabiduria cõ hua espera na mão. & hũas letras ao Redor q̃ disem p' me Reges Regnãt et legum conditores jũsta disçernunt *(aliás decernunt)* & forão testᵃˢ os doutores Marcos Romeiro & o mestre alurᵉ da fonseca & outros & eu djᵉ dazᵈᵒ o escreui». — (*Consellos*, t. 2, l. 3, fl. 24).

gundo a antiga organização universitária: a theologia symbolizada pelo sol brilhando a meio da cruz, e diffundindo os seus raios em todos os sentidos; os cánones pela theara pontifícia com as chaves; as leis pelo braço empunhando a espada nua e a balança; a medicina pelas duas serpes enroscadas, e pela cegonha emblema da ternura e piedade.

As paredes, com excepção da do fundo, onde assenta o retábulo, acham-se todas guarnecidas de azulejos dos principios do século XVII, pintados a azul sôbre fundo branco, um desenho simplez e pobre, mas recordando accentuadamente o estilo do renascimento.

*

É este o lugar reservado aos prelados, grandes do reino, auctoridades principais, e aos doutores.

Os grandes do reino e auctoridades de alta gerarchia assentam-se em cadeiras de espalda no plano, acima do arco; mas se está presente alguma pessôa real, as cadeiras de espalda sam substituídas por bancos ou escabellos forrados de veludo carmezim, como se fez quando D. Fernando aqui assistiu a um *Te-Deum*, a 18 de julho de 1836 [1].

Subindo três degraus encontra-se um plano superior, onde correm de um e outro lado os *doutorais* (*e e*, *f f*), bancos de madeira exótica com espaldares elevados ao longo das paredes e ornados de embutidos; nelles se sentam *única e exclusivamente* os doutores, usando o tradicional privilégio de pessôas ecclesiásticas, e recebendo as honras que nas cathedrais se prestam aos cónegos. Note-se porém que os próprios doutores nunca podem occupar aquelles logares, senão vestidos com o trage académico, que também é ecclesiástico.

Á parte da Epístula, sôbre um pequeno estrado, o banco (*d*) do celebrante e ministros sagrados; à do Evangelho, subindo

---

[1] Vid. *O Instituto*, t. 1, p. 161 da 1.ª ed. (in-4.º), e p. 104 da 2.ª ed. (in-fol.).

um degrau, encontram-se, em frente de um ámplo espaldar de veludo vermelho ou rôxo, segundo a natureza das solemnidades, dois escabellos para os decanos de theologia e direito, assistentes ao prelado universitário, e ao meio delles, sôbre um suppedáneo mais elevado, ergue-se a cadeira prelatícia do reitor (*c*), revestida de ricos brocados, de côres idénticas às do espaldar. É aqui mesmo que se ergue o throno, debaixo dum dossel de veludo, quando alguma pessôa real assiste às solemnidades; e neste caso removem-se os escabellos, e à direita do throno, mas já no plano do doutoral, colloca-se uma cadeira de espalda mais modesta do que a costumada, para o reitor se sentar. Foi assim que se fez, quando o marquês de Pombal em 1772 veiu reformar a Universidade com poderes e honras majestáticas [1], e quando D. Miguel visitou a Universidade em 1832, e D. Fernando em 1836 [2].

Quando aos actos religiosos assiste algum prelado sagrado, costuma-se-lhe armar um espaldar como o do reitor, ao lado da Epístula, fronteiro àquelle, e ali se colloca sôbre um único degrau uma cadeira, para elle se sentar.

Ao centro ergue-se o altar-mór (*b*), ao qual se sobe por três degraus, e sôbre elle, acima da banquêta mas em plano mais recuado, surge um pequeno throno, com um bello sacrário de bronze dourado, onde se guarda permanentemente a sagrada Eucharistia; aos lados deste throno estám as imagens de Nossa Senhora da Conceição padroeira da Universidade, e de S. Miguel orago da capella, ao qual é dedicado este altar: esculturas mediocres, que não merecem referéncia.

O retábulo veste todo este tôpo do edifício, e nelle chamam a attenção os cinco quadros que restam dos pintados por Simão Rodríguez: ao meio do retábulo fica o camarim do throno (*a*), onde se fazem as grandes exposições do Santissimo, nas solemnidades extraordinárias; usualmente porém o camarim está occulto pelo grande quadro, pintura em tela de Gonçálvez Neves, representando a descida do Espírito Santo sôbre o apostolado, ao qual já noutro lugar fiz allusão.

---

[1] *Diario do que se passou em a Cidade de Coimbra*, já cit., fl. 5; cf. fl. 3 v.º

[2] *O Instituto*, loc. cit.

No friso, que corre sôbre este quadro central, mal se devisa, em letras de ouro já muito apagadas, a legenda:

EMITTE LVCEM TVAM ET VERITATEM TVAM

Volta agora a ter a palavra àcêrca do retábulo da capella-mór o distincto professor A. Gonçálvez.

«O arranjo architectónico do retábulo é produção mediocre dum artista de somenos valor. Quase uma obra de carpintaria.

«O auctor não conhecia, nem por instincto, a differença entre a madeira e a pedra, e gisou o seu projecto com elementos desgraciosos e pesados duma fachada de cantaria. A abertura do camarim, para a collocação do throno, importou mutilações, que ainda mais o desvalorizam.

«Compare-se este retábulo com outros quase contemporâneos, de idéntico caráter, que se vêem nas capellas laterais da Sé Nova, por exemplo, e comprovar-se ha a inferioridade manifesta desta *indigesta molle*.

«Nos principios do século XVII já se patenteavam os syntomas do embate das idéas entre os architectos que na peninsula propagavam a revolução innovadora de caprichosas fantasias, e os que reagiam, sustentando a austeridade das doutrinas neo-clássicas, e lançavam nos espíritos menos cultos a indisciplina e a confusão, produzindo aberrações hýbridas semelhantes.

«Um único título, ainda assim, torna este retábulo recommendavel: os quadros que o adornam. O dr. A. de Vasconcélloz teve a fortuna de prestar um assinalado serviço à história da pintura portuguêsa, pela descoberta do nome do autor, que em Coimbra gozou dum acolhimento generôso, a avaliar pelas numerosas pinturas que do seu pincel existem. A identificação do seu estilo, pouco menos que ignorado até agora, fica definitivamente estabelecida.

«E Simão Rodriguez, se não era um alto e raro engenho,

era contudo um artista notavel pela sua maneira pessoal e inconfundivel, pela facilidade firme e espontánea do desenho, e pela segurança decisiva, que só pode dar a longa prática, com que marcava sem hesitação, duma só vez, os effeitos de luz e de coloração, na intensidade do relêvo e na graduação do destaque» [1].

*

Passemos aos annexos da real capella.

O principal é a sacristia (E).

Ha nella uns gavetões de madeira exótica com embutidos grosseiros e bôas ferragens de bronze dourado, obra executada em 1731 [2]. Sôbre os gavetões a parede tanto na frente como nos lados é revestida de madeira apainelada; ao centro (*v*), debaixo dum pequeno dossel, um Crucifixo; aos lados dois grandes espelhos.

Encostado à parede da capella-mór ha um altar (*x*) de pau santo, ornamentado com filetes de pau setim, tendo aos lados duas credéncias da mesma madeira, conjuntas com o altar; é parte de um grande móvel pombalino, adaptado a este mister. O altar é dedicado à raínha Santa Isabel, espôsa do fundador da Universidade.

Sôbre uma das credéncias vai-se construír um escaparate, onde fiquem em exposição permanente os mais interessantes objectos de ourivezaria da capella.

Em frente do altar está a fonte, trabalho medíocre do século XVII, executado em pedra de Ançã.

Ha em volta das paredes uns quadros insignificantes, e alguns *cartuches* de talha dourada com inscrições extrahidas da Bíblia e do Pontifical, allusivas ao ministério sagrado.

*

Contíguas à sacristia existem tres pequenas casas, de pouco pé direito (F), sendo destinada a primeira a depósito de cêra e vestiário do môço da capella e acólythos, a segunda

---

[1] A. A. Gonçálvez, *Notas avulsas*, já cit.

[2] *Vesitação*, t. 1, fl. 279 v.º

a vestiário dos capellães; a terceira, de todas a maior, é o gabinete do capellão-thesoureiro.

*

Subindo uma escada interior, encontram-se no primeiro andar a casa dos folles do órgão (G), e o ante-côro (I) onde funcciona a aula de música, e onde se acham em exposição, bem acondicionados em um grande móvel de pau santo, os melhores paramentos que a capella possue.

Esta sala tem três janellas, que deitam para um terraço descoberto (H), e communica de um lado com o côro, e do lado fronteiro com o gabinete do director da capella, e com uma escada, que dá serventia para o segundo andar, onde se encontra uma casa de arrecadação de paramentos e armações, bem como a ante-cámara da tribuna real.

Daqui ha communicação, através de corredores, salas e galerias, com o paço reitoral.

*

Resta-nos agora dar notícia de alguns dos mais interessantes objectos móveis, e alfaias do culto, que actualmente possue a real capella, e de outros não menos interessantes, que infelizmente já não existem, mas que sam memorados nos documentos.

A) Objectos de ourivezaria

Anteriores a 1590 possuïmos apenas uma píxide e um gomil com o respectivo prato.

Temos porém referéncia a um antigo *Caliz da Capella de sam miguel q̃ não he da vniversid^e*; era particularmente estimado, e para ser guardado convenientemente, em conselho dos deputados e conselheiros a 16 de outubro de 1557, se mandou fazer *hũa Caixa* [1].

Este cáliz era da antiga capella real, e anterior à installação da Universidade nos paços del-rei.

Conselhos, t. 2, l. 4, fl. 109 v.º

Não sei ao certo que destino teve; mas não é provavel que se extraviasse tam cêdo, que não chegasse a ser mencionado nos inventários. Sou levado a crer, que passaria para a posse da confraria da Senhora da Luz, e que seria *hum calix de prata todo dourado cõ suas campainhas e caixa*[1], que nos apparece descrito nos inventários antigos desta corporação, desde o primeiro de todos, que é datado de 1597.

É crivel que fôsse um cáliz manuelino, que viesse para o paço de Coímbra no princípio do século XVI. Mas nada se pode a tal respeito affirmar com segurança.

*

PÍXIDE. — É um formoso trabalho executado em prata rebatida e cinzelada, com forte douradura a fogo. Tanto na tampa, como em volta da copa, e no pé, tem incrustadas umas pequenas medalhas circulares fundidas, representando bellas cabeças de personagens bem conhecidas na história romana, especialmente mulheres célebres e imperadores. A contrastar com uma cabeça fortemente barbada e cingida de corôa real, e com o bello perfil másculo coroado de louros de Agrippa, impressionam os delicados e admiraveis typos femininos de Cleópatra, Cornélia, Lucrécia, duas Júlias, e uma sexta mulher innominada.

Pixíde (séc. XVI)

Nada sei da proveniéncia deste bello vaso. Gonçálvez suspeita que seja de origem espanhola. Qualquer porém que seja a sua proveniéncia, é elle uma joia de bastante valor.

No mais antigo inventário da capella, que possuïmos, encontramo-lo mencionado, com o laconismo do costume, nas

[1] *Confraria*, t. 1, l. 2, fl. 2.

palavras seguintes: — *Hũ vaso de prata dourado da communhão com sua cruz e tapadoura*[1].

Era devidamente apreciado como objecto de muito valor, e por isso se conservava guardado dentro de um estojo, como se refere no assento da vesitação de 7 de junho de 1704: — *Achamos q̃ a caixa de couro de hũ vazo de prata da Comunhão, lhe faltava hũa tapadoura, pelo q̃ mandamos se lhe faça logo hũa tapadoura*[2].

*

GOMIL E PRATO. — Sam graciosos, e de fórma interessante. Fôram propositadamente fabricados para o uso da real capella, como se deprehende das armas reais nelles cinzelladas. Devem ser do reinado de D. Sebastião. Supponho que eram propriedade da confraria de Nossa Senhora da Luz[3].

Gomil e prato (séc. XVI)

Também não tenho dados documentais referentes à fabricação destes objectos. No campo das hypótheses não destituídas de probabilidade, podemos conjecturar que sejam obra de *Luis Gonçaluez ourivez de prata m.or nesta çidade*, que desde o anno de 1550 vinha sendo official privilegiado da Universidade, em virtude do contracto celebrado a 5 de maio *no Jardim do L.do esteuão nug.ra sin-*

---

[1] *Inventario*, t. 1, fl. 2 v.º

[2] *Vesitação*, t. 1, fl. 224.

[3] Ibid., fl. 35 v.º

dico da vniversidade q̃ esta junto do Rio, pelo qual *se obriguou & obrigua a correger de graça todas as cousas de prata da dita vniuersidade & de suas ygrejas. ss. maças dos bedeis, tribullos cruzes calizes patenas custodias castições & todas as mais peças q̃ tocarẽ a dita vniversidade & de suas ygrejas porq̃ todo ho coRegim.to de todas as sobreditas cousas & de quaesquer outras de prata q̃ forẽ da dita vniversidade elle não queria feitios algũs & dello fazia serviço a dita vniversidade porq̃ de todo não queria leuar cousa algua como dito tinha soomte o ouro & prata q̃ no corregimto das ditas cousas guastase de sua casa queria que lhe paguasem & mais não dizendo mais elle luis gllz‘ q̃ se a dita vniversidade mãdase fazer de novo outras alguas peças de prata pa seu seruiço & de suas ygrejas q̃ elle se obriguaua as fazer tirãdo do feitio dous tostões de cada marco,* tudo isto mediante a nomeação, que a Universidade ia propôr a el-rei, do dito Luís Gonçálvez para *ofiçial da dita vniuersidade pa guoçar dos preuillegios della & dos q̃ guozão & vsão os outros officiais della*[1].

*

Depois, em 1588, apparece-nos outro ourivez da Universidade, que, pelas obras que delle nos restam, não pode deixar de ser considerado artista muito notavel; apesar disso, o seu nome tem andado até hoje em esquecimento. Chamava-se Simão Ferreira.

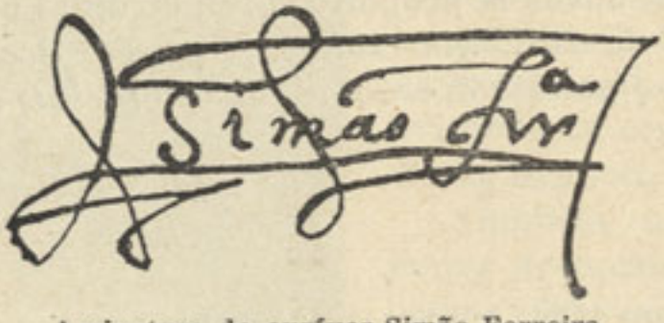
Foi-lhe passada em nome de D. Fernão Martinz Mascarenhas reitor, e do conselho de deputados e conselheiros da Universidade, carta de privilégio como official da mesma, em data de 21 de março do sobredito anno. Este documento, cujo registo se encontra no archivo da Cámara municipal de Coimbra, diz *que simão fferreira ouriuez de prata morador nesta cidade & offiçiall desta vniuerçidade de lhe ffazer todas as cousas de prata q̃ fforem nescesarias para a sua capella e para tõdas suas ygreias q̃ tem neste bispado e no do porto ellameguo que sam quorenta ygreias pouquo mais ou menos*

[1] *Escrituras,* t. 3, l. 1, fl. 63.

para o quall hoffiçio foi elleito no conselho de deputados e conselheiros e por asy ser elleito guoza dos priuillegios desta vniuerçidade asy como guozam os Lentes e estudãtes hofficiais e pesoas della e o conseruador o admitira em seu juizo como pesoa preuillegiada da vniuersidade[1].

Conservam-se ainda na real Capella duas peças por elle fabricadas; mas de outras mais temos noticia.

Nos documentos do archivo da Universidade, até hoje por mim explorados, estendem-se as referências a este artista desde janeiro de 1593, em que principiou o primeiro trabalho que *documentalmente* nos consta ter feito para a real capella, até 19 de junho de 1606, dia em que na cidade de Coimbra e casa de residéncia do dr. Manuel Rodriguez Navarro, lente de digesto velho e deputado da mêsa da fazenda, commissionado para celebrar este contrato, estando presente o reformador,



Assinatura do ourívez Simão Ferreira

que então era D. Francisco de Bragança, *pareceo Simão feR.ra ourivez de prata m.or na dita cidade pello q.l foi dito ... que por quanto auia muitos annos que elle seruia de ourivez* da Universidade, agora lhe constava que na mêsa da reformação se tratara de despedir alguns dos privilegiados, por não servirem de utilidade à Universidade; em vista do que *elle dito Simão feR.ra se tinha ofrecido por uezes & de nouo se ofrece & pede a dita v.de lhe faça merce de ho não prjuar de seu previlegio & officio q̃ auia tantos annos q̃ seruia, cõ elle Simão feR.ra se obrigar de nouo a V.de a lhe fazer de graça todos os concertos de todas suas obras de ourivez com tanto se pera ellas fosse necessaria prata em contia*

---

[1] Archivo da Camara Municipal de Coimbra. *Registo*, t. 5, fll. 319 e segg.

consideravel a v^de lha daria sem lhe ficar obrigada a pagar cousa algũa de seu trabalho pellos ditos concertos o q̃ v.^to pello dito d^or em vertude da dita comisão dise que o s^or Reitor & mais deputados herão contentes de lhe conceruar a elle Simão feR.^ra seu preuilegio & ho auerem por official da v.^de com a dita condição e obrigação de q̃ nã leuaria cousa algũa pellos feitjos e comcertos das obras da v.^de na forma sobredita não semdo feitios de obra q̃ de nouo se faça [1].

Sabemos entretanto que Simão Ferreira pouco sobreviveu a esta renovação de contracto. Ha no archivo da Camara municipal de Coimbra o registo de uma carta de privilégio, passada pela Universidade em nome de el-rei D. Philippe em data de 7 de agosto de 1607, na qual se diz que *foj acejtado por ofisial da dita universidade de oriues das obras da capela e jgrejias dela ha ãt.^o ferejra ouriues morador na djta cjdade em lugar de Sjmão ferejra ouriues defunto q̃ o serujo ate faleser por o djto ãt.^o ferejra ser pesoa auta & sufisiente p^a bem serujr o djto ofisjo de ouriues da djta capela das obras dela e das maes jgr.^as da djta vn^de enter todas as partes q̃ para bem serujr ho djto off^o se Requerẽ* [2].

O ourivez Simão Ferreira fez, que nos conste, para a real capella da Universidade as principais obras referidas com especial menção nos seguintes parágraphos.

*

Custódia. — Em sessão da mêsa da fazenda de 12 de janeiro de 1593 lavrou-se este assento: — *Sobre o feitio da custodia — Asentou-se q̃ se desẽ a simã fr^ra orjuez desta vniu^de sesẽta myl rs p^a a custodia q̃ ha de fazer p^a o emceRam^to do s^to sacram^to dos off^os da capella na somana s^ta comforme aos statutos, e isto ha boa conta* [3].

A 1 de junho seguinte fez-se o apontamento: — *tratouse da*

---

[1] *Escrituras*, t. 18, l. 2, fl. 165.

[2] Archivo da Camara Municipal de Coimbra. *Registo*, t. 11, fl. 95 v.^o

[3] *Fazenda*, t. 3, l. 1, fl. 15.

*

custodia q̃ Simã fr^ra tem feyta, & q̃ ha de dourar e pede p^a iso dr.^o, p^a a acabar, asentarã q̃ se lhe desẽ agora corẽta myl rs allẽ dos oitenta myl rs q̃ já se lhe deram p^a ella, e q̃ se pase m^do p^a iso [1].

Finalmente a 15 de janeiro de 1594 exarou-se nova memória relativa à custódia, a qual diz: — *Viose a cõta q̃ se fez cõ simã fr^ra orjuez q̃ fez a custodia, e bordão do m^tre das serjmonias e remates das varjnhas dos bedeis, e se achou q̃ mõta na prata e feitios cento e trỹta myl doz^tos nouẽta e ojto rs e meio de q̃ som^te se lhe deuia vjnte myl dozentos nouẽta e ojto rs e meio e de tantos mandarã que pase m^do p^a lhe serẽ paguos* [2].

Vê-se destes assentos que a custódia era pouco pesada, e certamente pequena.

Quanto à sua forma, alguma cousa sabemos também. Os inventários fôram repetindo lacònicamente a referéncia simplez a este objecto, mas num ou noutro encontramos felizmente algumas expressões, que nos denunciam o typo, aliás bem conhecido. Já o inventário de 5 de maio de 1664 descrevêra — *Huma Costodia de prata dourada com hum Anjo com seu Christo* [3]. Elucida-nos porém mais a descrição do de 6 de novembro de 1699, dizendo: — *Hũa custodia de prata sobre dourada com seu Anio, e Christo por remate, adonde se mete a hostia, e vidrasas de cristal, e com seis pendentes de cristal emgastados em casquilhos de prata com sua caixa de couro preto* [4]. Finalmente, em uma revisão que a 26 de janeiro de 1742 se fez ao inventário datado de 25 de julho de 1715, o dr. João de Sousa Araújo, servindo de secretário da Universidade, lançou em seguida à descrição da custódia, que era reprodução da que deixâmos transcrita, esta observação: — *no remate suprior nam tem Anjo algum, mas tem hum serafim entre as vidraças em q̃ se expoem o S.^or* [5].

Resta-nos dizer o destino que teve esta custódia. Vindo em vesitação à capella o reformador-reitor D. Francisco da Annun-

---

[1] *Fazenda*, t. 3, l. 1, fl. 30.
[2] Ibid., fl. 46.
[3] *Inventario*, t. 1, fl. 2 v.^o
[4] Ibid., fl. 23 v.^o
[5] Ibid., fl. 37 v.^o

ciação, com o lente de prima de theologia jubilado Fr. António Chichorro, a 30 de março de 1754, ordenáram *que se fassa hum novo Ostenssorio p.ª a Exposição do Santissimo Sacram.to, servindo a prata do antigo que se acha na mesma real capp.ª, e que esta obra seja feita com toda a perfeyção da moda mais moderna em attenção ao seu altissimo ministerio, e proporção á grandeza do trono em que se costuma colocar* [1].

Custódia (sec. XVIII)

Fez-se então a grande custódia actualmente existente, majestosa, é verdade, e muito bem feita; mas que pena, haverem destruído a antiga, e não a terem conservado ao lado da moderna!

*

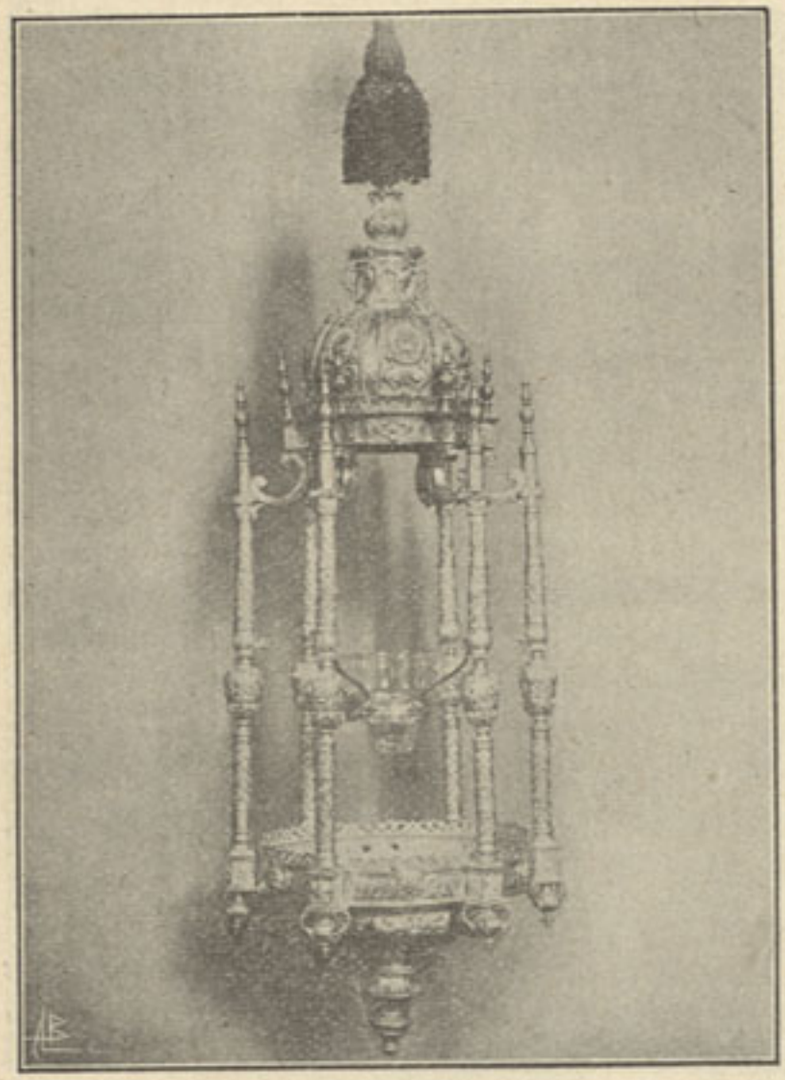
LÁMPADA. — Devia ser uma peça formosíssima, pois ainda hoje é bella, apesar de mutilada e conspurcada com posteriores restaurações vergonhosas.

Resolveu-se em mêsa da fazenda, a 5 de outubro de 1569,

---

[1] *Vesitação*, t. 2, fl. 20.

fazer uma lámpada de prata para a capella, que pesasse 60 a 65 marcos. Lavrou-se logo escritura do contrato, pelo qual o ourivez da Universidade Simão Ferreira ficou encarregado de a fazer. Em pagamentos successivos se lhe fôram abonando pequenas quantias à conta desta obra, até montar à somma de reis 172$000. Nos fins de outubro de 1597 apresentou a lámpada, que, pesada perante os deputados da mêsa da fazenda, se verificou ter 81 1/2 marcos de pêso, avaliando-se a mão d'obra em 1$100 reis cada marco. Feita a conta ao valor da prata e ao feitio, viu-se importar na quantia total de 301$850 reis, passando-se logo mandado para o pagamento de 129$850 reis, que era quanto se restava. Para que uma peça artística tam rica e interessante não se deteriorasse com o mau acondicionamento, fez-se-lhe uma caixa especial, que importou em 3$000 reis [1].



Lámpada do ourivez Simão Ferreira (fim do sec. XVI)

[1] Eis, na sua íntegra, os documentos relativos à fabricação da lámpada, até hoje encontrados.

— «q̃ se faça alãpada

¶ asentouse q̃ se faça huã alãpada de prata como esta m^do nas

Esta lámpada a princípio não andava a uso; nos dias communs achava-se no logar della uma de latão, que, por

---

visytacões pª a Capella, de sesẽta ate 65 marcos, e isto do dr.º q̃ ẽtregou pº diaz de toRes q̃ aRecadou da diujda do Relogeeiro».

(*Fazenda*, t. 3, l. 2, fl. 26, assento da sessão da mêsa a 5 out. 1596).

—«Obrigação de Simão feR.ra orjuez da V.de a fazer alãpada pª a capella de 60 pª 70 marcos».

(*Escrituras*, t. 15, l. 2, fl. 122 v.º).

(É o título de uma escritura que devia lavrar-se, mas não se lavrou, neste logar, ficando apenas o título como lembrança, e lançando-se-lhe à margem a seguinte nota remissiva: — «esta fiz no Lº T no fim delle, porq̃ estaua esta nota pasada, e cõ este t.º atras pª asinar». — Não tenho podido até hoje descobrir a escritura, a que se faz aqui referéncia).

— «Antº homẽ

leuão se em conta ao d.tor Ant.º homem do dinheiro q̃ sobre elle carrega no libro do anno passado per hũ m.do de 22. de Outubro de 96. cincoenta mil rs q̃ deu pera a alampada ao Ouriuez Simão Ferr.ª E assi se lhe leua em cõta pelo dito m.do quarenta mil rs q̃ tinha dado ao dito Ouriuez ao fazer do contrato. E se lhe leua mais em conta por outro m.do de 26. de Outubro de 96. trinta & seis mil rs. q̃ deu ao dito Ouriuez pera a alampada. E per outro m.do de 16. de Dezembro de 96. se lhe leua mais em conta desaseis mil rs q̃ deu ao dito Ouriuez pera fazer a dita alampada q̃ faz do qual todo dara o dito Ouriuez conta Ant.º de Barr.ª o escreui».

(Á margem) — 50$
40$
36$
16$
142$ tẽ dado cõta»

(*Receita e despesa, 1594-98*, fl. 44 v.º).

— «$\overline{\text{xxx}}$ rs pª alãpada

¶ pareceo nesta mesa o orjuez Simão frª e dise q̃ pª a alãpada

estar quebrada, foi em vesitação de 1 de junho de 1605 mandada substituir por outra *de quatro Balaustres* do mesmo metal [1]. A de prata collocava-se apenas em certos dias, que

---

q̃ faz pa a cappella da v^de, lhe erão necessaryos trj*n*ta ou corenta myl rs allẽ do mais q̃ tẽ Recebjdo; asẽtarão q̃ se lhe dé mais trj*n*ta myl rs».

(*Fazenda*, t. 3, l. 2, fl. 54, assento da sessão da mêsa a 15 jul. 1597).

—«Simão ferreira ouriuez se lhe passou m.^do a 15. de julho de 97. pera o prebẽdeiro lhe dar trinta mil rs aa boa conta do q̃ ha de hauer da alampada q̃ faz pera a capella da V^de alem do mais dr.^o q̃ ja tem de q̃ dará conta Ant.^o de barr.^a o escreui».

(Á margem) — Simão ferr.^a — Conta a fl.^s 44. s. 142$000 q̃ cõ estes fazẽ 172$. tẽ dado cõta».

(*Receita e despesa, 1594-98*, fl. 54).

— «caixa p^a a alãpada iiii rs ao Vargas

¶ asentouse q̃ se paguẽ ao varguas tres myl rs p^la caixa q̃ fez p^a alampada».

(*Fazenda*, t. 3, l. 2, fl. 69 v.^o, assento da sessão da mêsa a 14 out. 1597).

— «sobre alãpada

¶ asentouse q̃ a alampada q̃ fez Simão fr.^a q̃ pesou outenta hũ marco e m^o q̃ se pesou p'ãte os sõres dep^dos se lhe pague a Rezão de myl e cem rs e se faca cõta do q̃ tẽ R^do & p^a a demasia se pase m^do».

(Ibid., fl. 71, sessão de 4 nov. 1597).

—«Simão ferreira ouriuez se lhe passou m.^do a 8. de Nouembro de 97. se lhe passou m.^do pera o prebend.^ro felipe Lopez de Afonseca lhe pagar cento vinte & noue mil oitocentos & cincoenta rs q̃ tãtos se lhe deuião do feitio & da prata da alampada q̃ fez pera a capella da v.^de como cõstou da certidão do cõtador junta ao m.^do e a demasia tinha ja recebido e custou ao todo a alampada trezentos e hũ mil oito centos e cincoenta rs Ant.^o de Barr.^a o escreui».

(*Receita e despesa, 1594-98*, fl. 64 v.^o).

[1] *Vesitação*, t. 1, fl. 35 v.^o

variáram no decorrer dos tempos, havendo sempre a cautela de a não deixar lá de noite [1]; até que por fim se deixou estar permanentemente [2]. Havia prohibição muito especial para nunca se emprestar esta lámpada [3].

Cêdo começaram a fazer-se-lhe reparos. Em 1625 concertou-a o ourivez João Roque de Coimbra, pelo que recebeu a 27 de setembro 2$000 reis [4]. Outro concêrto lhe fez o ourivez da Universidade Manuel da Costa em 1666, importando em 8$500 reis [5]. Novamente é limpa e concertada em 1687, e então se lhe põe, diz o registo, *a peça que esta em poder do Thesoureiro* [6]. Na vesitação de 13 de julho de 1703 reconhece-se estar ella *denegrida e pouco deçente,* em vista do que se ordena ao padre thesoureiro que *a mande alimpar m.to bem ao Ouriues da Vnd.e p.a milhor aceyo e ornato da Capella* [7]. Outra vez se manda *q̃ se alimpe e concerte a alampada da capela mor,* a 21 de julho de 1739 [8]; repetindo-se a 7 de janeiro do anno seguinte a mesma ordem, com a cláusula — *pondolhe huma peça q̃ lhe falta* [9]. Finalmente a 23 de junho de 1752 dá-se ordem ao agente que entregue ao ourivez, para fazer obra nova, alguns objectos antigos de prata, entre os quais a *Alampada velha e hum pedaço da outra;* e que *venha*

---

1 *Vesitação,* t. 1, fll. 73, 80, 80 v.º, e 100 v.º

2 Ibid., fl. 166 v.º, visitação de 18 abr. 1687.

3 Ibid., fl. 73 v.º, visitação de 20 abr. 1626.

4 *Fazenda,* t. 4, l. 2, fl. 62 v.º

5 «No mesmo dia *(16 de feuereiro de 666)* se regista aqui hũ mandado q̃ se passou a Manoel da Costa ouriues da V.de pera o dito Prioste *(Manoel Mascarenhas)* lhe pagar outo mil e quinhentos rs, a saber quatro mil e quinhentos q̃ pos de pratta na Alampada da Capella da V.de e quatro mil rs q̃ em meza se lhe mandarão dar do trabalho de a comcertar, tendo respeito ao tempo q̃ gastou no ditto comcerto Diogo frz de Mesqta o escreuj». — (*Receita e despesa, 1665-66,* fl. 27).

6 *Vesitação,* t. 1, fl. 166 v.º

7 Ibid., fl. 220.

8 Ibid., fl. 288 v.º

9 Ibid., fl. 289.

com o ourives ver se a Alampada que existe na Capella, tem perigo, e se pode conservar [1].

Tudo isto fôram escolhos em que podia perder-se a lámpada de Simão Ferreira; felizmente, e quase por milagre, escapou dos repetidos perigos, e ainda hoje a conservamos, embora bastante avariada e com vestígios evidentes dos naufrágios soffridos.

Ha na cúpula oito *cartuches*, dentro dos quais estavam cravados outros tantos escudetes, talvez com as armas reais portuguêsas e as espheras armillares alternadamente, como se vê ainda hoje na parte inferior da lámpada. Aquellas oito pequenas peças desappareceram; e um ourivez boçal, depois de ter obturado os boracos da cravação, tomou sôbre si a emprêsa de rebater, nos fundos lisos onde tinham assentado os escudetes, outras tantas cabêças de perfil, que parecem obra de selvagens, contrastando com a perfeição admiravel de toda a peça, e em especial das carrancas ornamentais que destacam logo abaixo de cada *cartouche*, assim como nas bases dos columnellos. O fundo da lámpada é também um remendo deitado pelo mesmo ourivez, ou por outro *ejusdem furfuris*.

Esta bella peça de ourivezaria foi à exposição da arte ornamental, que se realizou em Lisbôa em 1882, e voltou sem a mais leve deterioração, antes um pouco melhorada. Tornou mais tarde, em 1895, a ir a Lisbôa à exposição que se fez por occasião do centenário de Santo António, e desta vez foi menos feliz, pois voltou toda arrombada e partida. Para a collocarem de novo na capella-mór, amarráram com cordas os columnellos à cúpula, e assim se conservou durante annos. Depois que assumi a direcção da real capella, em 1902, não descansei enquanto a não vi restaurada, trabalho que incumbi ao muito habil ourivez de Coimbra, já bem conhecido por alguns de seus trabalhos, Manuel Martinz Ribeiro, o qual se desempenhou muito bem desta incumbéncia. A fôlha de prata da cúpula estava já tenuíssima, pelas numerosas vezes que durante séculos tinha ido ao fogo para ser branqueada, e em muitos pontos até já se tinha rompido; não podia por isso supportar o peso consideravel da parte inferior. Foi desamo-

[1] *Vesitação*, t. 2, fl. 17 v.º

lada e concertada com todo o escrúpulo, e revestida internamente de uma forte armadura de prata, que ficou sustentando todo o pêso. Com este concêrto, deve durar largo tempo, se fôr bem tratada, como merece.

*

DUAS CORÔAS DE PRATA. — Fôram feitas por Simão Rodriguez em 1599 ou 1600, a fim de servirem na imagem de Nossa Senhora da Luz com o Menino respectivo, à qual já fizemos referéncia. Não existem, e os únicos apontamentos que tenho a seu respeito sam os que seguem.

Apparecem descritas pela primeira vez no termo de entrega dos moveis da confraria de Nossa Senhora da Luz ao novo mordomo, a 15 de março de 1600, onde se lê: — *Item duas corôas de prata cõ sua pedraria cõ suas folhas douradas q̃ ao todo cõ feitio custarão — 23400*[1]: e no titulo das despêsas da Confraria na primeira terça de 1599-1600, começada a 11 de novembro daquelle anno, depara-se-nos esta verba: — *Deu mais a Simão ferr.ª oriuez de resto das coroas q̃ fez de prata sete mil rs de q̃ tẽ quitação — 7000*[2].

Eram tidas em aprêço, segundo se deduz do assento seguinte, que se lê na relação das despêsas na segunda terça do mesmo anno: — *Deu de hũa caixa q̃ se mandou fazer no porto encourada e forrada cõ fechadura e chave pª as coroas de prata — 800*[3].

*

CÁLIZ, E CALDEIRINHA COM HYSSOPE. — Ordenára-se em vesitação de 30 de maio de 1598: — *Achamos ser necessario hũ calix de prata melhor que os que ora seruem. Mandamos que compridas as demais couzas necessarias se faça*[4].

Outras obras, consideradas mais urgentes, fôram-se ante-

---

[1] *Confraria*, t. 1, l. 3, fl. 1 v.º

[2] Ibid., fl. 38.

[3] Ibid., fl. 36 v.º

[4] *Vesitação*, t. 1, fl. 6.

pondo a esta, até que a 28 de agosto de 1601 se lavrou a escritura de contrato com Simão Ferreira, na qual se estipulou *que elle Simão feReira seija obrigado a fazer um calix de prata dourado & laurado da milhor emuemção q̃ se possa imaginar & cõforme ha hũ q̃ mostrou ao Reitor até dia de São miguel do presente anno ... o qual calix sera das festas da v.de & pera o altar mor da capella della muj perfeito & acabado, & asim fara ate o natal de seiscentos & dous hũa caldeira de prata cõ seu jzope muito bem feita & ao modo de hũa q̃ tãbem tinha mostrado ao Reitor & dauentagem asim na obra como no pezo & perfeição* [1].

Cáliz do ourívez Simão Ferreira
(princípio do sec. XVII)

O artista recebeu à conta 80$000 reis, e desempenhou-se bem, trabalhando com amor e diligéncia, por fórma que a 21 de maio tinha apresentado a sua obra, que foi pesada e avaliada, recebendo logo a quantia de 36$670 reis, *q̃ per resto de conta de hũa caldeirinha de prata cõ hysope e hũ calix q̃ fez se lhe ficarão deuendo alẽ dos oitẽta mil q̃ p.a isso ia tinha recebidos* [2]. Mas officialmente só a 8 de junho seguinte é que a mêsa da fazenda lavrou o assento, mandando pagar este saldo em dívida, e descrevendo a conta minuciosa, que é interessante, de uma e outra obra, da qual

[1] *Escrituras*, t. 16, l. 3, fl. 142 v.º

[2] *Receita e despesa, 1601-1602*, fl. 41.

se vê que o cáliz importou em 43$390 reis, e a caldeirinha com o hyssope em 72$360.

O CÁLIZ é um bom exemplar do estilo do renascimento, com as suas pedras engastadas e os seus tintinábulos ornamentais [1].

Não sei como escapou à fúria, que se desenvolveu particularmente no meado do século XVIII, de fundir todos os objectos de prata antigos, para fazer outros *à moderna*. Talvez a sen-

---

[1] «Faz por Simão feReira sobre o calix e caldejra da capella ¶ asentarão q̃ se paçasse mandado pera se pagarem a Simão feRera ouriuẽz trinta e seis mil seis centos e setenta rs que se lhe estauão deuendo per conta de hum calix de prata e hũa caldeirinha dasperjes com seu Isope que fez por m^do da v.^de pera acapella acuia conta Ja tinha Recebidos por outro mãodado de fora oitenta mil rs e asim veo amontar toda a dita obra com prata e feitio cemto e desaseis mil seiscentos e setenta rs a qual contia se despendeo naman^ra seguinte

¶ pesou o calix sete marcos seis onças e hũa oitaua em que se montou com os engastes das pedras vinte mil noue centos e dez rs.

¶ ítem de ouro quatorze oitauas que a Rezão de seis tostois a oitaua somão oito mil e quatro centos rs.

¶ custarão as pedras cõ o feitio dos emgastes dous mil rs.

¶ montou-se no feitio do calix arezão de mil e quatro centos rs. por marco noue mil e quatro centos rs.

¶ inportou o calix ao todo corenta e tres mil trezentos e nouenta rs.

¶ pezou a caldeirinha desoito marcos e tres onças de prata o Izope hum marco e cinquo onças menos huã oitaua que vem a dizer vinte marcos menos hũa oitaua no que se monta a Rezão de dous mil seis centos rs o marco cinquoenta e hum mil nouecentos e sessenta rs.

¶ montouse no feitio a Rezão de mil e duzentos rs por marco vinte mil e quatro centos rs.

E feita esta conta na forma sobredita custarão as ditas peças de prata ao todo cemto e desaseis mil seis cemtos e setemta rs».

(*Fazenda*, t. 3, l. 2, fl. 183 e 183 v.º, assento da sessão da mêsa a 8 jun. 1602).

tença chegasse a ser lavrada. Em vesitação de 10 de julho de 1742 deu-se uma ordem geral — *Os calices q̃ se mandem dourar;* mas pouco depois, e ainda no mesmo acto, reflectindo-se que o melhor seria fazer obra nova, rectificou-se — *No q̃ respeita aos calices nos pareceo q̃ por hora se lhe nam bulisse porq̃ se poderám mandar fazer outros* [1].

E mandaram realmente. Dos cálices do século XVI nem um só existe, e dos do século XVII escapáram dois apenas: o rico de que nos occupamos, e um outro liso e muito simplez, também dourado. Os restantes fôram todos derretidos então, ou em épochas differentes. O de 1602 escapou felizmente, e com a lámpada sam as duas únicas obras daquelle ourivez hoje existentes, e pelas quais podemos aquilatar o seu talento artístico.

Á CALDEIRINHA e HYSSOPE ha algumas allusões documentais.

Nos successivos inventários apparecem mencionados estes dois objectos, mas em referéncia tam lacónica, que nada adeanta; ha porém um inventário, o de 6 de novembro de 1699, que nos dá um leve esbôço descritivo nestas palavras: — *Hũa caldeirinha de prata grande com seu Izope laurada com carranquas, e armas Reais, e do feitio da Alampada do Altar mor com sua caixa de couro preto* [2].

No último quartel do século XVII ainda era estimada a caldeirinha, e diligenciava-se a sua conservação poupando-a; neste sentido se fizeram algumas recomendações. *Mandamos,* diziam os vesitadores a 16 de outubro de 1678, *ja por vezes q̃ a Caldeirinha de prata se conserte ao q̃ se não tem dado comprimento; Mandamos se lhe faça hum fundo de cobre q̃ desta maneira se poupara melhor, e q̃ seja prateado* [3].

Mas no meado do século seguinte tanto a caldeirinha como o hyssope corrêram a mesma sorte da quase totalidade das pratas da capella. Os vesitadores a 10 de julho de 1742, depois de ordenarem *q̃ se mandem fazer huma naveta, e tres pares de galhetas da moda,* accrescentam: — *Mais se faça hum Hisopo de prata por estar incapaz o que ha e para ajuda*

---

[1] *Vesitação,* t. 1, fl. 292 v.º

[2] *Inventario,* t. 1, fl. 24 v.º

[3] *Vesitação,* t. 1, fll. 146 v.º, e seg.

destas peças de prata q̃ mandamos fazer, que vem a ser naveta, galhetas e Isopo se daram as q̃ agora ha em desconto[1]. E a 23 de julho de 1752 preceituam mais — *Que se faça hũa nova Caldeyrinha de prata p.ª agoa benta com seu aspersorio tãobem de prata, e da mesma dois Castiçais, ou siriais, p.ª o q̃ dará o Ag.te á caldeyrinha velha q̃ ha,* etc.[2].

Lá foi para o cadinho mais esta obra do *Simão Ourívez,* denominação por que o artista era conhecido entre os seus coévos.

*

Além destas peças, que tenho enumerado, outras obras houve, de menor importância, feitas por Simão Ferreira, tais como: em 1594 o bordão do secretário da Universidade e os remates das varinhas dos bedeis, a que já fiz referência[3]; uma píxide, que em 1595 lhe foi paga por 9$560 reis[4]; o concêrto das maças da capella, rematadas por uns anjos[5], que foi executado em 1600[6]; os engastes de prata das varas do pálio da Confraria, em 1601[7], etc.

É ao mesmo ourivez que devemos attribuir, com a máxima probabilidade, outras peças valiosas, de que nos dam conta os inventários e outros livros de escrituração sem consignarem o autor, mas que fôram feitas quando Simão Ferreira era *o ourívez da Universidade,* devendo por isso ser obra sua. Aínda faremos referência a ellas nos seguintes parágraphos.

---

[1] *Vesitação,* t. 1, fll. 292 v.º, e seg.

[2] Ibid., t. 2, fl. 17 v.º

[3] Vid pag. 224.

[4] — «q̃ se pague o custo do vaso de prata

¶ asentarão q̃ se paguẽ a Simão fr.ª noue myl e quinhẽtos e sesẽta rs q̃ mõta no custo da prata e ouro e fejtio do vaso q̃ se fez p.ª administrar na cappella o s.mo sacram.to e q̃ se pase m.do p.ª iso».

(*Fazenda,* t. 3, l. 1, fl. 88, assento da sessão da mêsa a 4 mar. 1595).

[5] *Inventario,* t. 1, fl. 3.

[6] *Fazenda,* t. 3, l. 2, fl. 152.

[7] *Confraria,* t. 1, l. 5, fl. 19.

DOIS THURÍBULOS E UMA NAVETA. — Um destes thuríbulos foi mandado fazer pela confraria, em cujos inventários apparecia desde 1597; mas, em sessão da mêsa da fazenda de 31 de outubro de 1606, *asentouse que em comprim^to da vizitação pasada A capella em que esta m^do que aia dous tribolos nella que se compre o da comfraria que ora se uende sem feitio por se emtemder que he mais proueito da v.^de que mandar fazer outro de nouo* [1]. A confraria desfazia-se delle, e de outros objectos de prata, para mandar fazer uma lámpada pequena para o altar da Senhora da Luz, que não destoasse da da capellamor. Realizou-se effectivamente o contrato. *Vendeuse o turibolo da cõfraria a v.^de pello peso q̃ pesou dez mil e duzentos e cincoenta rs* [2].

O outro thuríbulo fôra mandado fazer pela Universidade, e esta proveniéncia diversa explica o facto de ser um delles dourado e outro não, embora fôssem, assim como a naveta, do mesmo estilo mas de *difrente feitio e desiguais na grandeza*. O inventário de 25 de julho de 1715 é o único dos inventários, onde encontramos uns traços descritivos, que vou reproduzir. — *Dois tribullos de prata hũ sobredourado e outro não e laurados com escudos das Armas Reais com suas cadeias e remates. — Hũa Naveta de pratta com escudos das armas Reais com sua culher de pratta e sua cadeja em hũa caixa de coiro preto* [3].

No meado do século XVIII, na época da grande febre de modernização dos objectos de prata, a 5 de maio de 1741, resolveram os vesitadores: — *Item por serem de difrente feitio e desiguais na grandeza os dois tribulos q̃ ha, alem de serem m.^to antigos, nos pareceo q̃ se fizessem dois novos do feitio mais moderno, p^a o q̃ se dariam ao ourivez os antigos, parecendo asim a meza da fazenda. Declaro q̃ mandamos fazer*

---

1 *Fazenda*, t. 3, l. 3, fl. 96 v.º

2 *Confraria*, t. 1, l. 7, fl. 3 v.º

3 *Inventario*, t. 1, fl. 37 v.º